

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NATASCHA DE ANDRADE EGGERS

**VIAGENS, ANTIQUARISMO E EXPANSÃO IMPERIAL NO SÉCULO XIX: ESTUDO
DAS OPERAÇÕES DE SARAH E GIOVANNI BELZONI NO EGITO (1815-1821).**

CURITIBA

2017

NATASCHA DE ANDRADE EGGERS

**VIAGENS, ANTIQUARISMO E EXPANSÃO IMPERIAL NO SÉCULO XIX: ESTUDO
DAS OPERAÇÕES DE SARAH E GIOVANNI BELZONI NO EGITO (1815-1821).**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de Pós - Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Senna Garraffoni.

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Eggers, Natascha de Andrade

Viagens, antiquarismo e expansão imperial no século XIX: estudo das operações de Sarah e Giovanni Belzoni no Egito (1815-1821) / Natascha de Andrade Eggers – Curitiba, 2017.

136 f.; 29 cm.

Orientadora: Renata Senna Garraffoni

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Belzoni, Giovanni Battista, 1778-1823. 2. Belzoni, Sarah, 1783-1870. 3. Egito – História – Séc. XIX. 4. Literatura de viagens. 5. Egiptologia. I. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **NATASCHA DE ANDRADE EGGERS**, intitulada: "**Viagens, antiquarismo e expansão imperial no século XIX: estudo das operações de Sarah e Giovanni Belzoni no Egito (1816-1821)**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 12 de Maio de 2017.

Renata Senna Garraffoni

RENATA SENNA GARRAFFONI
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

Marionilde Dias Brepoehl de Magalhães

MARIONILDE DIAS BREPOHL DE MAGALHÃES
Avaliador Interno (UFPR)

Moacir Elias Santos

MOACIR ELIAS SANTOS
Avaliador Externo (UNIANDRADE)



*À Silvana de Andrade, minha maior incentivadora e a quem
devo todas as minhas conquistas.*

*Às mulheres da minha vida que me inspiram com sua força e
coragem.*

AGRADECIMENTOS

Escrever esta dissertação foi um grande desafio. Foi, igualmente, um processo muito enriquecedor que me transformou como pesquisadora e ser humano. Dessa forma, não seria possível deixar de agradecer a todos aqueles que me auxiliaram ao longo da pesquisa ou que, de alguma forma, me proporcionaram suporte. Por isso, sou imensamente grata:

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento da bolsa de estudos recebida, que foi imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa.

À Renata Senna Garraffoni, professora, orientadora e também inspiração. Obrigada por me guiar nesses seis anos de pesquisa com paciência, dedicação, profissionalismo e amor pelo que faz. Agradeço pelas conversas, leituras e todos os ensinamentos, que, com certeza, mudaram minha maneira de pensar o mundo. Foi uma honra poder trabalhar e aprender com você.

À professora Dra. Marion Brepohl, pelas sugestões dadas desde a disciplina de Seminário I até a banca de qualificação. Agradeço por ter aceitado fazer parte das bancas e contribuir com valiosas indicações.

Ao professor Dr. Moacir Elias Santos, por sugerir bibliografias para a pesquisa quando esta ainda estava no início. Obrigada também por todo o auxílio ao compor as bancas de qualificação e de defesa.

A todos os professores da linha de pesquisa “Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimento na História”, por oferecerem um ensino de qualidade a seus estudantes. Especialmente às professoras Dra. Ana Paula Vosne Martins e Dra. Karina Kosicki Bellotti, pelas leituras atentas e inestimáveis sugestões oferecidas ao longo das disciplinas de Seminário I e II.

Aos colegas de turma que ingressaram no mestrado e doutorado no ano de 2015. Obrigada pelas conversas e trocas de experiências e ideias. Agradeço pela oportunidade de ter compartilhado com vocês um momento tão importante de nossas vidas.

À Maria Cristina Parzwski, pela ajuda em relação a todas as questões burocráticas referentes ao curso de Pós-Graduação em História.

À Gabriela Mueller Larocca, por todo o apoio durante o processo de seleção do mestrado. Obrigada pela torcida e textos emprestados para que eu pudesse estudar para a prova, sua ajuda foi essencial.

A todas as minhas amigas e professoras da dança, por proporcionarem momentos maravilhosos e divertidos, deixando a correria da vida acadêmica mais leve. Agradeço especialmente à Ana Carla Campreguer, por se envolver com a dissertação ao tirar todas as minhas dúvidas em relação ao inglês e revisar o resumo. Obrigada também pela amizade, conversas e apoio.

À Rayanna Farias, por ser uma grande amiga desde a graduação. Obrigada por toda a parceria nos estudos, na dança e na vida. Obrigada por ter “me obrigado” a escrever quando eu já estava cansada e triste. Obrigada por sempre estar aqui para dizer que “tudo vai dar certo no final”, sei que não diz isso para quem você não acredita, então, obrigada por acreditar em mim.

À Luísa Mendes Prates, que mesmo distante está perto. Obrigada por me permitir dividir com você boa parte da minha vida, meus pensamentos, angústias e alegrias nesses quinze anos de amizade. Sou muito grata por ter me ajudado a definir a ideia inicial da pesquisa, ainda na graduação, e por me instigar a correr atrás dos meus sonhos.

À Rosana de Andrade, minha querida tia (ainda sou tua, viu?) que não mediu esforços para me ajudar com a revisão de texto e formatação do trabalho. Obrigada

pelas dicas, pela paciência, por se disponibilizar. Mas, acima de tudo, obrigada por estar sempre presente e torcer pelo meu sucesso. Sou imensamente grata por tudo.

Às minhas primas e irmã, mulheres fortes com quem tenho a honra de compartilhar experiências desde que nasci. Obrigada Aline, Gabrielle e Kamylle por acreditarem tanto em mim e sempre terem um elogio ou um incentivo para me animar. Agradeço profundamente pelas conversas que nos fazem crescer e mudar. Obrigada irmã Juliana de Andrade Eggers por estar presente mesmo a um oceano de distância, por acreditar em mim e nos meus sonhos. Agradeço também aos meus primos queridos Yuji de Andrade Handa e Gabriel Montemezzo de Andrade pela parceria e conversas.

À minha vó Lourença Berlanda de Andrade e à minha tia Marisa Terezinha de Andrade pela torcida. Obrigada por compreenderem minha ausência ao longo de todo o processo. Obrigada vó por ter me ensinado que mulheres são fortes e podem chegar longe como você chegou, independente de todos os obstáculos. Obrigada tia por toda a admiração e carinho que sempre teve comigo.

Ao meu amigo Eiji Edison Condo que acredita mais em mim do que eu mesma. Que torcia por mim ainda quando eu era criança. Obrigada por me dar de presente todos os livros que precisava sobre o Belzoni, sua ajuda foi imprescindível.

Ao meu pai Marcelo Borges Eggers, por ter me inspirado a estudar História e ter me ajudado, sem saber, a definir boa parte de quem eu sou. Obrigada por ter me ensinado a não ser uma pessoa padrão. Obrigada por me lembrar que existe muito mundo a fora e que não devo me limitar apenas ao que está ao meu redor. Obrigada por me passar a paixão por viagens, pelo *rock'n'roll*, pelas diferentes culturas e o espírito aventureiro (do seu jeito único, claro).

À minha vó, Diva Borges que sempre acreditou em suas netas e sempre esteve disposta a ajudar em diversas circunstâncias. Obrigada por tudo que já me proporcionou, sempre serei grata.

Por fim, mas com certeza não menos importante, à minha mãe Silvana de Andrade, a quem dedico essa dissertação. Palavras não são suficientes para agradecer tudo que fez e faz por mim. Obrigada por ser a mulher mais forte que conheço e me incentivar com seu exemplo de garra e superação. Obrigada por me estimular a não desistir nunca e me deixar livre para seguir meus passos da maneira que eu escolher. Obrigada por investir em mim. Obrigada por ter me dado as melhores condições para que eu pudesse estudar e ir além. Obrigada por ser meu maior estímulo. Te amo.

RESUMO

O século XIX europeu foi um período marcado pelo desenvolvimento das nações e por suas aspirações a histórias coletivas que legitimassem uma identidade nacional unificada. Dessa forma, impérios como a Inglaterra e a França investiram, ao longo de suas expedições pelo mundo, em estudos voltados para o conhecimento da Antiguidade, valendo-se da imagem dos antigos para se diferenciarem de outras sociedades em termos civilizacionais, instituindo-se como herdeiros das grandes civilizações do passado. O Egito Antigo é, então, redescoberto na Europa, tornando-se até mesmo moda no continente, pois antiguidades egípcias foram incessantemente apropriadas pela população europeia, desde homens comuns a ricos colecionadores. Tal fato intensificou a presença de viajantes antiquaristas no nordeste africano, que ficariam responsáveis pela espoliação da cultura material egípcia. Nesse contexto, inserem-se Sarah e Giovanni Belzoni, casal de europeus que viajou pelo Egito entre os anos de 1816 e 1819, e que foi responsável pela constituição de grandes coleções de artefatos egípcios que atualmente se encontram espalhadas em museus na Europa, incluindo o Museu Britânico. Além das exposições, os viajantes produziram um diário de viagem, no qual relatam suas impressões sobre a população local, tanto a moderna como a antiga. Partindo dessas informações, esta investigação teve como objetivo o estudo das narrativas desses viajantes, com o intuito de observar a relação entre passado e presente no contexto da expansão imperial britânica, bem como a criação e difusão de discursos sobre a sociedade egípcia antiga. A análise desse momento histórico nos estimula a compreender a literatura de viagem para além do simples relato ou da ficção, dentro de um contexto de construção de um pensamento imperialista difundido entre a população europeia no período.

Palavras-chave: Usos do passado; Antiquarismo; Egito Antigo; Literatura de Viagem; Sarah Belzoni; Giovanni Belzoni.

ABSTRACT

The nineteenth century in Europe was a period marked by the development of the nation-states and their aspirations to collective histories that would legitimise a unified national identity. Therefore, during their expeditions empires such as England and France invested in studies aimed gathering knowledge of Antiquity, appropriating the images of ancient cultures to differentiate themselves from other societies in civilisational terms by establishing themselves as inheritors of the great civilisations of the past. Ancient Egypt is then rediscovered in Europe, even becoming fashionable in the continent as Europeans, from ordinary men to wealthy collectors, incessantly appropriated Egyptian antiquities. This fact intensified the presence of antiquarian travellers in North-East Africa, who would be responsible for Egypt's material culture spoliation. In this context, Sarah and Giovanni Belzoni, a couple who travelled throughout Egypt between 1816 and 1819, became responsible for the constitution of large collections of Egyptian artefacts, which are currently scattered around in museums in Europe, including the British Museum. In addition to the exhibitions, the travellers produced a travel journal, in which they reported their impressions of the local population, both modern and ancient. This Master's dissertation aims to study the narratives of those travellers, in order to observe the relationship between past and present in the context of British imperial expansion, as well as the creation and diffusion of discourses on the ancient Egyptian society. The analysis of this historical moment stimulates us to comprehend travel literature not only beyond simple reporting or fiction, but rather within a context of the construction of an imperialist thought diffused among the European population in this period.

Keywords: Uses of the past; Antiquarianism; Ancient Egypt; Travel Literature; Sarah Belzoni; Giovanni Belzoni.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MÚMIA ANIMAL NO MUSEU BRITÂNICO COM A INSCRIÇÃO DO NOME HENRY SALT	59
FIGURA 2 - ESTÁTUA DE AMENHOTEP III COM O NOME “BELZONI” INSCRITO	59
FIGURA 3 - NOME DO BELZONI GRAVADO NA BASE DA ESTÁTUA DE AMENHOTEP III	60
FIGURA 4 - DIÁRIO DE BELZONI COM AUTORRETRATO DO AUTOR	83
FIGURA 5 - DANÇA BEDUÍNA COM PUNHAIS POR GIOVANNI BELZONI.....	93
FIGURA 6 - TRABALHADORES EGÍPCIOS TRANSPORTAM O BUSTO DE RAMSÉS II – POR GIOVANNI BELZONI.....	112
FIGURA 7 - VISTA DO TEMPLO DE ABU SIMBEL– POR GIOVANNI BELZONI .	115
FIGURA 8 - VISTA GERAL DAS RUÍNAS DO TEMPLO DE KARNAK – POR GIOVANNI BELZONI	115
FIGURA 9 - VISTA DO TEMPLO DE HERMONTES – POR GIOVANNI BELZONI	116
FIGURA 10 - MAPA TOPOGRÁFICO DO VALE DOS REIS COM AS TUMBAS DESCOBERTAS EM DESTAQUE – POR GIOVANNI BELZONI.....	122
FIGURA 11 - MAPA TOPOGRÁFICO COM O CAMINHO PERCORRIDO PELO VIAJANTE DO NILO AO PORTO DE BERENICE NO MAR VERMELHO – POR GIOVANNI BELZONI.....	122
FIGURA 12 - VISTA DA PIRÂMIDE DE QUÉFREN COM AS ENTRADAS FALSA E REAL – POR GIOVANNI BELZONI	123
FIGURA 13 - PLANTA DO INTERIOR DA TUMBA DE SETI I – POR GIOVANNI BELZONI.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
O EGITO ANTIGO: UMA SOCIEDADE QUE VIVE NO PRESENTE.....	13
EXPANSÃO IMPERIAL E ESPOLIAÇÃO DO PASSADO: AS NAÇÕES EUROPEIAS E O ANTIGO EGITO	15
A ANTIGUIDADE REVISITADA: AS RELAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE NO ÂMBITO DA HISTÓRIA E DA ARQUEOLOGIA.....	19
1 HISTÓRIA E LITERATURA DE VIAGEM: REPENSANDO DISCURSOS	26
1.1 NOVAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS	27
1.2 O ORIENTE COMO PRODUÇÃO DISCURSIVA DO OCIDENTE: UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL	34
1.3 LITERATURA DE VIAGEM COMO FONTE PARA PESQUISA HISTÓRICA	41
1.3.1 <i>Expansão imperial e literatura de viagem: a representação do “outro” por meio de narrativas</i>	45
1.3.2 <i>Representações do Egito: o orientalismo em cena</i>	52
2 OS BELZONI E A PILHAGEM DE ANTIGUIDADES EGÍPCIAS: UM ESTUDO DE CASO	58
2.1 ANTIQUARISMO NO SÉCULO XIX: O INÍCIO DE UMA PRÁTICA ESTATAL 61	
2.1.1 <i>O antiquarismo britânico</i>	68
2.2 GIOVANNI E SARAH BELZONI	72
2.2.1 <i>Mulheres em viagens e escavações: possibilidades a partir do caso de Sarah Belzoni</i>	79
2.3 APRESENTAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM	81
3 ENTRE PIRÂMIDES, TEMPLOS E TUMBAS: NARRATIVAS DAS OPERAÇÕES NO EGITO	87
3.1 UM EGITO DE CONTRASTES: O MODERNO E O ANTIGO EGITO SOB O OLHAR DE GIOVANNI BELZONI.....	90
3.2 AS MULHERES EGÍPCIAS, NÚBIAS E SÍRIAS POR SARAH BELZONI.....	99

3.3 ESCAVANDO ANTIGUIDADES EGÍPCIAS: UM PASSADO SELECIONADO
106

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 126

REFERÊNCIAS..... 131

INTRODUÇÃO

O EGITO ANTIGO: UMA SOCIEDADE QUE VIVE NO PRESENTE

No presente, vivemos cercados por resquícios do passado¹. Lembranças, histórias, objetos, relíquias, mitos, entre outros, permitem não somente que tenhamos acesso a ele como que adquiramos consciência sobre sua existência. Conforme David Lowenthal (1995), o passado nos cerca e nos preenche, fazendo com que vivamos num emaranhado de épocas. Portanto, a fronteira entre passado e presente é tênue, pois a condição essencial para que aquele exista é o próprio presente. Memórias só existem se são lembradas e acessadas posteriormente e o mesmo ocorre com outros fragmentos do passado. Então, podemos pensar que passado e presente coexistem, ao mesmo tempo em que se distinguem. Mas como isso ocorre?

O Antigo Egito, por exemplo, mesmo sendo uma sociedade que se extinguiu há séculos, ainda se mostra presente no nosso dia-a-dia. De acordo com Margaret Bakos (2004), nos mais variados locais do mundo - até mesmo dentro de nossas casas - nos deparamos com vestígios que comprovam a influência que a sociedade egípcia tem até hoje sobre as populações contemporâneas. Segundo a pesquisadora, muitas vezes não nos damos conta da quantidade de simbologias e objetos típicos do Egito Antigo que permeiam o nosso cotidiano e que chegaram até nós estilizados, adaptados ou completamente deslocados de seus significados originais (BAKOS, 2004, p. 10).

Contudo essa influência do Antigo Egito sobre outras sociedades não é um fenômeno exclusivo do mundo moderno e contemporâneo. Na verdade, Bakos (2004) explica que o Egito, com suas pirâmides, múmias e faraós, exerce fascínio sobre outras civilizações desde a Antiguidade. Há muito tempo a cultura material egípcia vem sendo espoliada e sua cultura narrada em textos clássicos, tais como as *Histórias* de Heródoto. Seguindo os questionamentos da autora, é impossível deixar de perguntar: mas o que faz com que este fascínio pelo Antigo Egito resista ao longo de tantos anos? Para Bakos, é inegável a existência de um forte imaginário social sobre o Egito Antigo, que foi se desenvolvendo ao longo do tempo, e tal fator pode

¹ Segundo Lowenthal, resquícios podem ser memórias, histórias ou fragmentos. Para mais detalhes, consultar a obra *The Past is a Foreign Country* (1985).

ser observado pela constante reutilização de elementos referentes à cultura egípcia nos mais variados locais do mundo. Porém, apesar de fazerem referência ao passado egípcio, será que esses vestígios refletem de fato o que um dia fora essa sociedade? Como já vimos, muitas vezes os elementos do passado perduram por anos, porém com novos significados, sem necessariamente terem uma ligação direta com a realidade já ocorrida.

Mais uma vez, recorrendo às discussões feitas por Lowenthal (1995), é preciso explicar que o acesso ao passado, exatamente como ele foi um dia, é impossível. Como afirma o historiador, apenas é cognoscível o passado que é revivido no presente. Somos nós que damos vida a ele ao lembrá-lo e, quando o fazemos, o desvencilhamos do momento no qual ele de fato existiu (LOWENTHAL, 1995, p. 65). Essas questões serão devidamente aprofundadas no primeiro capítulo da dissertação, bastando, por enquanto, argumentar que a construção de uma noção de passado opera por meio de processos de escolha e esquecimento e jamais poderiam retratar fielmente uma realidade pretérita como ela de fato ocorreu.

Considerando as questões acima, pensando na instrumentalidade do passado para os interesses do presente, acredito que a provocação de Lowenthal (1995, p. 68), ao afirmar que “somos treinados a acreditar em passados que, possivelmente, foram inventados”, abre um leque de possibilidades para problematizar o papel da História - e também de outras disciplinas - na legitimação de discursos sobre tempos pretéritos. É preciso perceber as maneiras de construção das narrativas sobre os momentos históricos e os usos que se faz destas. Ao considerarmos a ideia de um passado construído, torna-se de suma importância para esta discussão, a noção de “imaginário”², especialmente quando me refiro às imagens que alimentam nossa imaginação sobre a cultura egípcia.

A questão do imaginário é aqui enfatizada justamente pelo fato de que o que chega até nós sobre o Egito Antigo, geralmente, são visões estancadas - e ocidentais - dessa sociedade. Por exemplo, quando pensamos em Egito, geralmente uma imagem formada vem à nossa cabeça: uma sociedade exótica, cheia de mistérios e segredos, com uma escrita enigmática, riquezas e monumentos grandiosos. Conhecemos por meio do cinema e da televisão, dos museus e das representações

² A noção de “imaginário” que está sendo trabalhada aqui vem do dicionário de conceitos históricos de Kalina Silva e Maciel Silva (2009). Baseado nesses autores, entendemos imaginário como um conjunto de imagens guardadas no inconsciente coletivo de uma sociedade ou grupo social. O termo diz respeito às formas de viver e pensar de uma sociedade e as imagens que a constituem.

cênicas as histórias de grandes faraós, da Cleópatra e de deuses egípcios. De fato, alguns desses são aspectos marcantes da cultura egípcia, porém é importante lembrar que ela não se reduz a isso.

Esses estereótipos podem ser considerados em parte como resultado do choque cultural encontrado pelos europeus no Egito e, por outro lado, como fruto da reivindicação de seu passado por parte de algumas sociedades modernas ocidentais, sob a perspectiva da grandiosidade e do poder. Os aspectos que poderiam caracterizar essa sociedade enquanto imponente e majestosa foram enfatizados e, até mesmo, idealizados pelos ocidentais. Logo, o Egito faraônico se constitui enquanto objeto de prestígio e de disputa, adquirindo um papel importante na legitimação de identidades modernas e gerando divergências sobre sua própria história e cultura.

Atualmente, as mídias têm importante papel na disseminação e concretização dessas imagens que nos dão a impressão de um Egito monumental, o Egito dos faraós, contudo a consolidação dessas informações tem uma historicidade. Estudar essas questões pode se mostrar frutífero para o conhecimento de toda a complexidade pós-colonial em torno dos discursos sobre o Antigo Egito. Para tanto, é preciso voltar aos acontecimentos referentes ao desenvolvimento das nações no século XIX, que são parte desse processo.

EXPANSÃO IMPERIAL E ESPOLIAÇÃO DO PASSADO: AS NAÇÕES EUROPEIAS E O ANTIGO EGITO

Durante o século XIX, os Estados Nacionais se voltaram para o passado antigo numa constante busca por uma história ou memória coletiva para a constituição de sua identidade nacional. As rivalidades entre as nações provocaram uma corrida expansionista que se estendeu para o âmbito cultural. De acordo com Margarita Diaz-Andreu (2001), nesses últimos séculos, as sociedades ocidentais têm buscado, no passado, símbolos e histórias que fundamentem seu presente e, por isso, algumas sociedades antigas, tais como a grega, a romana e a egípcia, foram alvo do interesse das nações europeias. Desse modo, os períodos da história considerados como “idades de ouro” teriam sido frequentemente incorporados nas histórias nacionais, pois ajudavam a mobilizar a população em torno de uma cultura comum, permitindo a unificação de grupos sociais diferentes em busca de uma

mesma identidade nacional (DIAZ-ANDREU, 2001, p. 163).

Disciplinas como a Arqueologia e a História, que estavam começando a se firmar cientificamente, tiveram seu contexto de desenvolvimento ligado a esses acontecimentos, porque passaram a ser utilizadas como aparato de legitimação das “origens” das nações. A constituição dos museus nacionais também remete a esse momento. Com suas coleções, os museus tornavam visível a herança cultural da qual os Estados Nacionais europeus se apropriavam, criando a ideia de uma continuidade histórica com o passado antigo.

Em decorrência disso, a espoliação de antiguidades se tornou algo recorrente no período, cada vez mais como um produto de financiamento estatal, já que os Estados passaram a investir no trabalho de viajantes e de antiquaristas para a aquisição de artefatos antigos. Muitos desses viajantes deixaram escritos diários de viagens com registros detalhados das expedições e dos locais retratados. Tais diários se tornaram populares na Europa ao longo do século XIX, sendo constantemente lidos pela população europeia, atuando como fonte de conhecimento sobre locais desconhecidos e civilizações antigas. Essas narrativas traduziam para o europeu³ o “outro”, o desconhecido, e relatavam suas interpretações a respeito do passado - e do presente - de determinado local.

No caso do Egito Antigo, pode-se dizer que, inicialmente, o que se sabia sobre sua cultura no Ocidente vinha dos textos clássicos antigos. Posteriormente, conforme Bakos (2004), os relatos de viajantes, os saberes populares e as descobertas acadêmicas acabaram por disseminar, na Europa, notícias sobre essa antiga sociedade, instigando a curiosidade da população. Estas fontes de informação, ao mesmo tempo em que possibilitaram que o Egito Antigo se tornasse cada vez mais conhecido no Ocidente, alimentaram imagens construídas por um olhar ocidental. Nesta pesquisa, optei por trabalhar com os relatos de viagens a partir de um estudo de caso: as narrativas de Giovanni e Sarah Belzoni.

Desde a graduação, tenho me dedicado a estudar a presença da Inglaterra no Egito no início do século XIX e a maneira como a antiga sociedade egípcia é abordada em relatos escritos por europeus nesse período - mais especificamente o diário de viagens dos Belzoni, que é a principal fonte. O resultado final da

³ É importante destacar que quando são mencionados os termos “Europa” ou “europeu(s)” neste trabalho, referem-se, respectivamente, ao local do continente europeu e à população pertencente aos impérios europeus ocidentais, como o francês, o alemão e o britânico, uma vez que estas nações estavam ligadas a projetos de expansão imperial e de dominação colonial.

monografia de conclusão de curso se deve à pesquisa individual que elaborei durante os anos em que fui voluntária e, depois, bolsista do grupo PET-História da Universidade Federal do Paraná, que me proporcionou inúmeras oportunidades e aprendizados.

A escolha do tema surgiu de uma inquietação provocada por uma visita ao Museu Britânico, ao me dar conta de que boa parte das peças expostas nas galerias de artefatos egípcios levava o nome de Giovanni Belzoni - um italiano - como responsável por sua aquisição. Além disso, intrigava-me o fato de grandes museus nacionais europeus terem posse de coleções de antiguidades provenientes de diversas sociedades do mundo, distantes em tempo e espaço. Motivada por essas questões, pesquisei sobre o Belzoni e me deparei com informações interessantes: suas escavações foram financiadas por um côsul Britânico, o diário de viagem do viajante foi amplamente lido na Europa no período em que foi publicado e boa parte das peças que adquiriu foram utilizadas como objeto de estudo pela nascente Egiptologia. Portanto, a escolha da documentação para a pesquisa não foi aleatória, ela possibilita verificar - pensando num estudo de caso - a relação entre o Império Britânico e o Antigo Egito, por meio do interesse dos contratantes de Belzoni nas antiguidades; alguns discursos sobre o Antigo Egito que vão sendo formados e difundidos na época e, ainda, a participação de mulheres nesse processo.

Quanto ao recorte temporal, optei por focar os anos entre 1815 e 1819, que foi o período em que Giovanni e Sarah Belzoni estiveram no Egito, porém algumas considerações são feitas sobre momentos anteriores e posteriores. Em primeiro lugar, porque a exposição organizada pelo casal em solo europeu, após a volta para a Inglaterra, se tornou um tema interessante para a pesquisa e, por isso, é citada no final da dissertação. Em segundo lugar, porque uma das maiores dificuldades encaradas ao longo da pesquisa foi a de encontrar bibliografia que trabalhasse exatamente com o período escolhido. A maior parte dos textos e informações que encontramos se referem ou à presença francesa no Egito, com a expedição de Napoleão Bonaparte, no início do século XIX, ou à dominação britânica da região, já num período mais claro de imperialismo no final do século XIX. Difícilmente encontramos bibliografia que tenha como foco principal de estudo a influência que o Império Britânico teve nessa região antes de conquistá-lo de fato. Além disso, cabe aqui destacar que não foi encontrada, até o momento, nenhuma pesquisa que foque a análise do diário de Belzoni do ponto de vista histórico. Existem diversas biografias

sobre o viajante - que praticamente ignoram a presença de sua esposa nas operações - ou trabalhos voltados para o surgimento da Arqueologia ou sobre antiquarismo no século XIX que o citam, mas nenhum que o estude de maneira mais aprofundada.

Ao longo da dissertação, procurei analisar o diário mais detalhadamente, incluindo o apêndice escrito por sua esposa, Sarah, que ainda não tinha sido discutido na monografia. A Sra. Belzoni auxiliou seu marido nas escavações e o acompanhou em boa parte de suas expedições, deixando registradas suas experiências nas viagens. Nesse sentido, as discussões e estudos de gênero se tornaram de interesse para a pesquisa, pois nos deram suporte para pensar a contribuição de mulheres viajantes e antiquaristas desse período, que geralmente não são mencionadas nos estudos sobre o tema. Desde meados do século XX, principalmente por influência dos movimentos feministas, as ciências acadêmicas têm-se preocupado cada vez mais com os silenciamentos que são feitos na História quando se trata da presença de mulheres. Muitas vezes, as pesquisas pouco consideram, ou simplesmente ignoram, a participação feminina em diversos âmbitos da sociedade, focando apenas as ações masculinas - em geral do homem branco e da elite. Então, um dos objetivos deste trabalho é repensar a participação das mulheres no meio antiquarista, em viagens e em escavações no período estudado, a fim de colocar em questão a ideia de que esses seriam âmbitos exclusivamente masculinos. A ideia é propor uma história mais plural, não restrita apenas aos feitos de grandes homens.

Outro tema que se mostrou relevante e que possibilitou a ampliação da pesquisa na dissertação foi a questão da gênese da Egíptologia. Ainda durante a escrita da monografia, o surgimento da Egíptologia como ciência profissional no contexto estudado me chamou a atenção e me levou a pensar numa possível relação entre “saber” e “poder” no interesse das nações pelo Egito Antigo. Por ser essa uma ciência que se desenvolveu por meio de financiamento estatal e não pode ser desvinculada dos interesses políticos da época. Após diversas leituras, percebi que, no período estudado, a expansão imperial ganha uma nova característica, baseando-se gradualmente em discursos ancorados pelas ciências. Dessa maneira, na dissertação, procuro problematizar e compreender de que forma a intensificação do antiquarismo no Egito, no início do século XIX, resulta em estudos cada vez mais científicos sobre o local, instigados por políticas imperiais, sendo este um segundo

objetivo da pesquisa.

O terceiro e último objetivo concerne, a partir da documentação escolhida, à problematização da construção de um imaginário sobre o Egito - antigo e moderno - durante o século XIX, por meio dos discursos contidos nas narrativas de viagens e da cultura material espoliada pelo Império Britânico. Por isso, a relação entre passado e presente se tornou um dos pontos chave deste trabalho. Procuo discutir sobre uma pequena parte do processo de seleção dos artefatos nas escavações e de que maneira essa cultura material, ao ser exposta em museus nacionais, constrói e legitima uma determinada versão do passado egípcio, baseada nos interesses da nação que o financiava. Neste caso, a intenção é pensar a utilização do passado egípcio por parte do governo britânico para a afirmação de uma memória e herança cultural, baseadas em discursos de superioridade civilizacional e racial que se estavam desenvolvendo na época, a fim de colocar em questão visões homogêneas e preconceitos arraigados nos discursos aqui estudados.

Com base nessas questões e inspirada por outros pesquisadores que têm direcionado sua atenção às apropriações modernas do passado antigo, o que chamarei de “usos do passado”, visio enfatizar, neste trabalho, o potencial instrumental do estudo do passado antigo na legitimação de interesses e “verdades” do presente, aspecto que tem sido estudado por uma nova historiografia da Antiguidade, que surgiu no final do século XX.

A ANTIGUIDADE REVISITADA: AS RELAÇÕES ENTRE PASSADO E PRESENTE NO ÂMBITO DA HISTÓRIA E DA ARQUEOLOGIA

Ao longo do século XX, de acordo com Pedro Paulo Funari (2005), o acirramento dos questionamentos vindos de movimentos sociais, estudantis, feministas, entre outros, provocou uma série de transformações epistemológicas no campo das Ciências Humanas, trazendo para as discussões científicas a pluralidade e a multiplicidade dos novos sujeitos sociais. Como resultado, as ciências passaram a ter um papel mais ativo dentro das questões propostas por esses movimentos e novas abordagens e perspectivas surgiram e colocaram à prova os modelos normativos de explicação da sociedade, que eram excludentes e não davam conta da diversidade social (FUNARI, 2005, p.5-6). A História não passou ilesa por essas mudanças e gradualmente historiadores foram inserindo em suas narrativas

abordagens cada vez mais críticas em relação à produção de tradições interpretativas dentro do pensamento histórico (FUNARI, 2005, p. 6).

Como destaca Funari (2005), a História Antiga foi um dos últimos campos da História a sofrer influência dessas novas discussões. Apesar de, durante muito tempo, ter sido considerada uma disciplina acrítica e apolítica, mais afastada das questões da modernidade, mostrou-se uma área profícua para a crítica do conhecimento histórico. Para o historiador, o estudo das apropriações modernas do passado antigo foi uma das principais contribuições surgidas nesse contexto de transformações na historiografia, gerando significativos avanços não apenas para a compreensão da Antiguidade em si, mas da própria modernidade. Ao estudarmos como uma sociedade se relaciona com o passado e quais os usos que faz dele, percebemos muito dela própria, de seus interesses e anseios e, por isso, muitos historiadores atualmente têm-se voltado para essas questões.

Nos anos 1980, o cientista político Martin Bernal ao relacionar política moderna e História Antiga, influenciou muitos dos autores que atualmente trabalham com esse tema e que são referência para esta dissertação. Em suas pesquisas, Bernal (1987; 1994) questiona a ideia de que a História Antiga seria uma disciplina acadêmica isolada e afastada frente às questões políticas da modernidade. Na verdade, para o autor, este campo de estudos tem sido marcadamente político, pois desempenhou, durante os séculos XIX e XX, um papel central no esforço de legitimação histórica de uma cultura europeia ocidental, estando, então, longe do estereótipo de isolamento e alienação que lhe é atribuído (BERNAL, 2005, p. 13).

Na obra *The Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization* (1987), um dos trabalhos mais marcantes de sua carreira, Bernal propõe uma reavaliação histórica da imagem da Grécia Antiga como “berço da civilização europeia” e questiona a ideia de homogeneidade racial do Mundo Clássico. O autor aponta para o fato de que os modelos explicativos sobre as origens dos povos gregos, em especial o modelo Ariano, seriam excludentes e ignorariam a participação de outros povos que não os indo-europeus na composição da cultura e língua gregas, servindo de base para argumentos de superioridade e pureza racial. Tais discursos traziam inúmeras vantagens para as abordagens racistas e imperialistas do século XIX e, por isso, teriam sido avidamente disseminados. A partir dessas questões, Bernal (1987) reflete sobre a necessidade de rever modelos de interpretação normativos e estagnados sobre o Mundo Antigo, assim como o

papel da academia na (re)produção desses discursos.

Com suas pesquisas, Bernal instigou diversos historiadores da Antiguidade a repensarem os pressupostos teórico-metodológicos de sua disciplina, o que resultou numa nova série de trabalhos, interpretações e reflexões. Dentro dessa nova vertente de estudos, no exterior e no Brasil, pesquisadores têm procurado repensar os significados do Mundo Antigo em tempos modernos e contemporâneos. Como exemplo, destaco os pesquisadores Pedro Paulo Funari (2006)⁴, Renata Senna Garraffoni (2013, 2015)⁵, Glaydson Silva (2007)⁶, Richard Hingley (2010)⁷, entre outros, que trabalham com a questão dos “usos do passado” e cujos estudos inspiraram a análise feita nesta dissertação.

Contudo os novos paradigmas sobre os estudos do passado antigo não ficaram restritos ao campo da História. O estudo da cultura material também sofreu influência dessas transformações e, por isso, nos últimos anos, arqueólogos também se têm dedicado a discutir sobre seu papel na construção de uma história da Antiguidade. Principalmente após o movimento *Pós-Processualista*, durante a década de 1970, houve uma renovação no campo da Arqueologia, que passou a pensar o trabalho do arqueólogo de maneira diferente, não mais como restrito

⁴ Pedro Paulo Funari tem vasta produção sobre a temática dos “usos do passado”. Suas pesquisas dão ênfase para as relações entre História e Arqueologia, além de muitos outros tópicos, como cultura greco-romana, religiosidades e patrimônio. No artigo *Guerra do Peloponeso* (2006), por exemplo, o pesquisador analisa como esta guerra serviu de modelo para a análise de diversas outras guerras ocorridas em tempos posteriores, como as duas guerras mundiais e, mais atualmente, para comparações com a guerra entre Estados Unidos e Iraque.

⁵ Renata Senna Garraffoni tem uma extensa bibliografia de pesquisas sobre releituras do Mundo Antigo na modernidade, com foco na Antiguidade Clássica, sua cultura popular, material e literatura. No artigo *Arqueologia e Poder: o caso de Pompeia* (2013), escrito em parceria com a Dra. Pérola de Paula Sanfelice, as pesquisadoras analisam como os discursos arqueológicos sobre a antiga cidade romana de Pompeia, produzidos durante o período fascista, auxiliaram no processo de construção do nacionalismo italiano no período. Mais recentemente, a historiadora tem se dedicado a estudar a presença de aspectos greco-romanos nos espaços urbanos de Curitiba na primeira metade do século XX (2015).

⁶ Glaydson José da Silva, assim como os pesquisadores mencionados acima, também se dedicou a estudar as relações entre passado e presente na História. No livro *História Antiga e usos do passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o Regime de Vichy* (2007) analisa a criação de uma memória coletiva sobre o passado francês - em busca de uma nova França, baseada num passado gaulês - principalmente após os impactos da invasão alemã no período de dominação nazista na França.

⁷ Richard Hingley, natural da Inglaterra, possui diversas pesquisas voltadas para a desconstrução de discursos imperialistas britânicos do século XX, que embasaram conceitos e leituras sobre o passado romano. Na obra *O imperialismo Romano: novas perspectivas a partir da Bretanha* (2010), critica a recorrente prática de aproximação entre o mundo romano e o presente britânico, alegando que tais intenções se davam a partir de um desejo inglês de legitimar um passado ligado a um império por eles considerado como forte e conquistador. O autor sugere uma ruptura com modelos imperativos eurocêntricos, que acabam legitimando uma suposta superioridade romana e europeia em relação a outros povos.

apenas à recuperação e classificação dos objetos antigos, como era comum até essa época, mas também como capaz de produção intelectual e de interpretações sobre a cultura material. Dessa forma, ficou claro para alguns pesquisadores que escavar e preservar antiguidades não é uma atividade neutra e tampouco livre de intencionalidades, sejam elas políticas, econômicas ou culturais.

Com esses questionamentos, o contexto de surgimento da disciplina arqueológica tornou-se alvo de novas pesquisas, que não demoraram a ligar a gênese dessa ciência com o desenvolvimento do nacionalismo em sociedades europeias ao longo do século XIX. Sendo assim, a relação entre política e disciplina tem sido foco de atenção de pesquisadores que se interessam em compreender como tal ciência teria sido utilizada para legitimar aspirações políticas nacionais.

De acordo com Funari (2003), a Arqueologia teria surgido no bojo do imperialismo do século XIX, tornando-se um subproduto da expansão das grandes potências europeias que tinham o interesse de enriquecer por meio da exploração de outros territórios. Em consonância com essa interpretação, Junqueira (2012) considera a existência de uma forte relação entre o surgimento da Arqueologia e dos Estados Nacionais, no sentido de que esta disciplina serviu de instrumento de legitimação histórica e cultural para grupos que detinham certo poder político e papel relevante na construção do novo Estado. Para a autora, a Arqueologia teria sido utilizada para comprovar a veracidade dos documentos antigos, sendo os artefatos considerados fonte inquestionável sobre o passado, tornando-se uma referência científica das origens da civilização, determinando a identidade dos povos estudados (JUNQUEIRA, 2012, p. 207).

Além das pesquisas de Funari e Junqueira, destaco os estudos de Laurent Olivier (2003), que analisa o desenvolvimento da Arqueologia na França, no final do século XVIII e no decorrer do XIX, visando estabelecer a importância da disciplina para a construção dessa nação; Margarita Diaz-Andreu (2001), que estuda a relação entre a Arqueologia e a ideologia do nacionalismo na Espanha; e Neil Silberman (1996) que trabalha com questões ligadas a patrimônio e arqueologia bíblica.

Para Diaz-Andreu (2001), a Arqueologia não existiria se o nacionalismo não tivesse triunfado como ideologia política, pois o conceito de nação não poderia ser sustentado sem a ideia de um passado comum e, nesse sentido, a disciplina teria sido essencial para a construção de uma memória nacional. Durante muito tempo, achados arqueológicos se tornaram bandeiras de batalhas de grupos étnicos e de

nações modernas. No entanto, para Neil Silberman (1996), o nacionalismo é somente uma das possíveis facetas da arqueologia como empresa científica e política. Inspirado pelas reflexões trazidas por Bruce Tigger, Silberman (1996) aponta que apesar de a Arqueologia nacionalista ser a mais comum - aquela que tende a enfatizar o importante papel histórico dos presumidos ancestrais dos grupos étnicos modernos - existiria ainda seu caráter colonialista - que tende a denegrir o papel histórico dos nativos⁸ - e imperialista - que legitima a expansão sobre a égide militar e de superpoder dos impérios. Cada um desses autores, com suas perspectivas e bases teóricas, nos instigam a pensar as maneiras pelas quais arqueólogos atuaram politicamente em favor de interesses modernos, utilizando suas descobertas para justificar discursos imperialistas, nacionalistas e colonialistas.

As questões discutidas acima, em torno dos novos paradigmas concernentes à História e à Arqueologia, me inspiraram a pensar no papel político desempenhado pela Egíptologia no momento de seu surgimento, já que, apesar de suas especificidades, sua gênese também é fruto do interesse das nações oitocentistas. É importante destacar que, nesse processo, não somente eruditos e cientistas possibilitaram que as aspirações nacionais fossem realizadas, mas também homens comuns, viajantes, antiquaristas e escritores amadores, que circularam entre diversos espaços trazendo informações sobre os locais por onde passavam.

Como lembra Edward Said (2011), na obra *Cultura e Imperialismo*, a dominação imperialista e colonialista ocorreu além dos planos econômicos e políticos, manifestando-se na cultura nacional e na literatura. Dentro dessas questões, acredito que a relação entre os viajantes e os impérios europeus se faz importante para a compreensão do tema proposto, porque seus relatos ampliaram o conhecimento da Europa sobre outros lugares do mundo. Apesar de não trabalhar

⁸ O uso do termo nativo neste trabalho se refere aos povos não europeus com quem os Belzoni se relacionam e descrevem em seus relatos de viagem. O nativo aqui é o “outro”, aqueles com quem o casal estabelece um discurso de alteridade. Sabe-se que este termo foi alvo de diversas críticas dentro do campo da antropologia por remeter a ideia de um confinamento (espacial, moral, intelectual) das pessoas que são objeto de estudo desta disciplina (APPADURAI, 1988). No entanto, não é meu intuito fazer uma discussão teórica antropológica nesse trabalho. Dessa forma, assumi aqui uma definição mais flexível do termo, em consonância com a definição dada pelos estudiosos pós-coloniais citados neste trabalho. De maneira alguma se procura reforçar, por meio do uso de tal termo, uma ideia de identidade fechada sobre determinada população ou a de um aprisionamento de um povo a determinada cultura. Considera-se que “nativo” é aquele que é analisado e representado por um observador devido a sua relação com determinado local específico - sua “terra natal”, por exemplo. O que define a relação entre ambos é a produção do discurso de um sobre o outro.

diretamente com o tema imperialismo, penso que essas discussões são relevantes para que se possa compreender o período estudado, em que a relação entre expansão imperial e literatura de viagens já se mostrava em confluência.

Para Said (2011), o pensamento imperial teria afetado a literatura ocidental, manifestando-se de diversas maneiras, principalmente por meio do exotismo do “outro”. Sendo assim, nossa intenção é problematizar, com base na documentação escolhida, a existência de um foco narrativo ocidental com tendências e noções imperialistas.

A partir do exposto, esta dissertação está dividida em três partes. O primeiro capítulo, de cunho mais teórico, tratará sobre rupturas que viabilizaram mudanças na produção do conhecimento histórico, desprendendo-o de análises normativas e tradicionais. No primeiro item, para situar o leitor da posição teórica da pesquisa, serão feitas algumas considerações sobre as epistemologias propostas pelo pensamento foucaultiano e pelas reflexões de David Lowenthal (1995) e Keith Jenkins (2001) acerca das relações entre passado e presente. No segundo item, serão apresentadas as contribuições do pós-colonialismo para a História, bem como a discussão de Edward Said (2007, 2011) sobre o orientalismo. Embasado nas discussões dos precedentes itens, o terceiro terá como foco principal a relação entre viagem e escrita, ressaltando a importância das narrativas de viagens como fontes potenciais para o estudo das expansões imperiais no século XIX.

O segundo capítulo é destinado à apresentação da fonte e de seus autores. Uma vez que os personagens principais desta análise não eram somente viajantes, mas também antiquaristas, questões sobre o antiquarismo no século XIX se tornam relevantes para a inserção da documentação em seu contexto de produção. Nesse capítulo, ainda, serão feitos alguns apontamentos a respeito dos estudos de gênero e da presença de mulheres em escavações no século XIX, a fim de permitir uma melhor compreensão do papel de Sarah Belzoni como viajante, antiquarista e escritora. Por fim, será apresentada a estrutura do diário de viagem.

No terceiro e último capítulo, o diário será analisado a partir de dois eixos temáticos: o Egito Moderno e o Egito Antigo. No primeiro item serão discutidas as impressões de Giovanni Belzoni acerca do presente egípcio e os contrastes que faz da população local com a cultura europeia, com o intuito de evidenciar o papel dos viajantes enquanto reprodutores de um pensamento imperialista e colonialista, trazendo para a discussão questões sobre orientalismo e eurocentrismo. Da maneira

semelhante, no segundo item, serão analisados os relatos da Sra. Belzoni sobre as mulheres nativas. No último item, por fim, será objeto de destaque a maneira como o Antigo Egito e sua cultura material são abordados na obra, com a finalidade de problematizar o lugar ambíguo que o casal ocupa no contexto de surgimento da Egiptologia, pois, ainda que antiquaristas, suas descobertas e produções auxiliaram no desenvolvimento desta ciência. Assim, será analisada como a cultura material egípcia é selecionada e moldada ao longo das escavações, abrindo espaço para um debate em torno da relação entre passado e presente. Pois, como enfatiza Alain Schnapp (2008), a atividade antiquarista não teria existido veementemente se não houvesse aqueles que desejassem se apropriar do passado em busca de poder.

1 HISTÓRIA E LITERATURA DE VIAGEM: REPENSANDO DISCURSOS

Desde sua consolidação como ciência profissional no século XIX, a História vem passando por uma série de transformações epistemológicas. Na introdução, foi apresentada a noção de um passado construído, influenciado pelos interesses do presente e pela subjetividade de quem o escreve. Segundo Keith Jenkins (2001), por muito tempo, os historiadores tiveram receio de admitir que a História se tratava de uma interpretação do pesquisador, portanto, a busca pela “verdade”, neutralidade e objetividade os guiavam em seu trabalho.

Nos últimos trinta anos, no entanto, a produção do conhecimento histórico se sofisticou profundamente (RAGO, 2001, p. 12). Como resultado de debates que já vinham acontecendo desde o início do século passado, uma série de conceitos e valores tradicionais, recorrentes na produção de saberes ocidentais dos séculos XIX e XX, passaram a ser questionados e revisados. Se antes a História era vista como uma representação verídica e fiel do passado e os historiadores como cientistas imparciais, empiristas por excelência, que tinham como função relatar os acontecimentos exatamente como haviam ocorrido, agora tais ideias são colocadas em questão. A História objetiva e neutra tem sido problematizada como discurso legitimador de visões eurocêntricas, masculinas e heterossexuais do passado, instigando os pesquisadores a abrirem espaço para novos enfoques, métodos e abordagens, mais pluralizados e democratizados, “libertando-a das formas hierarquizadas e excludentes do pensamento identitário” (RAGO, 2001, p. 13).

Dessa maneira, “como?”, “para que?” e “para quem?” o pesquisador constitui o conhecimento sobre o passado têm sido as principais indagações dos historiadores no último século. Ao pensarem sobre estas questões, voltaram-se cada vez mais para a inserção de novos sujeitos sociais em suas análises, almejando um novo tipo de História, menos excludente, o que afetou diversas correntes do pensamento historiográfico - dentre elas destacam-se a História Social, a História das Mentalidades e a História Cultural. Por consequência, outros tipos de documentações, que não somente fontes escritas, passaram a ser utilizados com mais frequência nas pesquisas, pois possibilitaram dar voz a múltiplos sujeitos. Além disso, é importante ressaltar os avanços trazidos pela interdisciplinaridade que permitiu o diálogo da História com diferentes áreas do conhecimento como a Antropologia, a Literatura, a Arqueologia, a Filosofia, entre outras.

Intenta-se aqui, não fazer uma História da historiografia e relatar em detalhes as mudanças ocorridas dentro do meio, passando por todas as correntes e pesquisadores, mas situar o leitor sobre alguns dos debates que influenciaram a produção desta dissertação, fornecendo instrumentos teóricos para a análise e a compreensão de História e de passado que se assume neste trabalho. No próximo item serão tratadas estas questões.

1.1 NOVAS PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICAS

Uma das principais rupturas que marcaram a produção do conhecimento histórico no século XX foi trazida pelo filósofo Michel Foucault, que, com suas reflexões, desestabilizou certezas absolutas e assinalou diversas armadilhas das quais os historiadores estavam sendo vítimas (RAGO, 2001). As proposições de Foucault são inovadoras em diversos aspectos, principalmente quando debatem sobre o caráter discursivo da História e questionam a ideia de que a fonte, o documento histórico, é um reflexo do que teria ocorrido no passado. Enquanto intelectual, assumiu um compromisso político em alterar as estruturas do presente e, por isso, estabeleceu um diálogo com o passado, dedicando boa parte de seu trabalho para identificar e problematizar as relações de poder que atravessam a sociedade e a assujeitam (ARTIÈRES, 2002, p. 13-14).

De acordo com James Williams (2012, p. 161), o estudo do passado é visto por Foucault como possibilidade de mudança e, em função disso, a História é cara a este pesquisador, pois é com base nela que muitos discursos deterministas justificam lugares de poder no presente, a partir de evidências do passado. Como exemplo, é possível citar os discursos que se baseiam em ideologias de nacionalismo, identidades ou questões étnicas, pois todos eles buscam uma forma de legitimar suas crenças e ações no presente voltando-se para tempos pretéritos. Ao criticar noções de causa e efeito entre passado e presente nas pesquisas historiográficas, bem como a ideia de linearidade entre os fatos, Foucault aponta que é preciso rever a maneira como a história foi e está sendo escrita e, por isso, dialoga constantemente com os historiadores⁹ (WILLIAMS, 2012, p. 161). Para Foucault,

⁹ É importante destacar que as reflexões de Foucault exerceram influência sobre diversas áreas do conhecimento como: Direito, Filosofia, Letras, Psicologia, entre outras - e não se restringem apenas ao campo da História. Pelo direcionamento desta dissertação, atenta-se apenas a uma pequena parte de sua contribuição, a produção do saber histórico, porém ressalta-se que sua obra é muito mais

É preciso desligar a história da imagem com que ela se deleitou durante muito tempo e pela qual encontrava sua justificativa antropológica: a de uma memória milenar e coletiva que se servia de documentos materiais para reencontrar o frescor de suas lembranças” (FOUCAULT, 2008, p. 7).

Sobre o papel do historiador, Foucault enfatiza que ação política e interpretação de documento histórico são questões que estão emparelhadas na hora de pensar e escrever história. Para o filósofo, o historiador assume uma posição política ao escolher como manejar e interpretar sua documentação, abrindo uma série de questões para se pensar o uso das fontes (DUARTE, 2002).

Na obra *Arqueologia do Saber* (1969), questiona a ideia de que o documento histórico seja uma transparência da realidade passada; argumenta que, ao contrário de um reflexo do acontecimento, este seria outro acontecimento por si só. Para Foucault o documento é “uma materialidade construída por camadas sedimentadas de interpretações” (RAGO, 2001, p. 11). Diante disso, o autor caracteriza a prática historiográfica como responsável por dar *status* a uma massa documental de determinada sociedade ao organizá-la, recortá-la e identificar nela elementos e relações. Em suas próprias palavras: “O documento não é o feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória; a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar status e elaboração à massa documental de que ela não se separa” (FOUCAULT, 2008, p.8).

Ao discorrer sobre estas questões, Foucault percebe os documentos como “práticas discursivas” que, como tais, são dotadas de significado. Ter consciência disso permite que se deixe de pensar nas palavras como “transparentes, sem densidade e sem qualquer importância em si mesmas” (RAGO, 2001, p. 11). Para o filósofo, o passado seria apreendido e elaborado pelo historiador por meio de discursos, que estariam sob influência de seu presente, de sua subjetividade, ideologias e escolhas. Portanto aponta para o fato de que os historiadores devem atentar ao modo pelo qual um objeto histórico é produzido discursivamente e à própria narrativa que constroem ou reproduzem a partir dele (RAGO, 2001, p. 11). Com base nisso, propõe-se a fazer uma genealogia do conhecimento, verificar como os discursos se organizam, tornando-se aquilo que se pensa ser verdade, estabelecendo-os no campo da ciência, e quais os poderes que perpassam a

abrangente e complexa do que se apresentou aqui e que, por uma questão de recorte da pesquisa, não seria possível e nem caberia discuti-la de forma mais aprofundada.

produção desses saberes. A relação entre saber e poder é recorrente nas análises foucaultianas pois, para o filósofo, o poder é condição essencial para a existência do saber (WILLIAMS, 2012, p. 161).

Em relação à narrativa histórica, evidencia as consequências de uma narrativa que abarca uma “síntese totalizadora” dos acontecimentos passados, deixando de lado as descontinuidades e as diferenças, fechando-se sobre si mesma (RAGO, 2001, p.11). Para o filósofo, o papel do intelectual seria o de discutir o lugar das generalizações e das verdades universais, pois, quando se generaliza, suprimem-se as subjetividades. Por exemplo, pressuposições sobre essências (em termos de raça, gênero e experiências prévias), valores e verdade são invalidadas e problematizadas em suas obras (WILLIAMS, 2012, p. 17).

A questão do discurso é habitual em seu pensamento, não se restringindo apenas à *A Arqueologia do Saber* (1969). Em *A Ordem do Discurso* (1970), Foucault define as práticas discursivas¹⁰ como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2010, p. 133). Com base nessa assertiva, de acordo com Martha Morales (2013, p. 11), um ponto central no pensamento foucaultiano é a noção de que um discurso não é carregado de verdade, mas de história. Como explica a historiadora, “História no sentido de processo formador que lhe confere fronteiras e apara-lhe quaisquer arestas que não condigam com os objetivos daquele grupo ou instituição que lhe autoriza” (MORALES, 2013, p. 11). Sendo assim, Foucault propõe que se observe o discurso dentro de sua própria singularidade, a partir das condições que o formam e o permitem existir.

A linguagem ocupa um lugar central no pensamento foucaultiano. Em algumas de suas obras, apresenta uma preocupação em torno de como trabalhá-la de forma a não reforçar discursos essencialistas e abrir espaço para novas interpretações do passado. Conforme Williams (2012, p. 15), a maneira como a linguagem organiza os signos é que passa uma noção de algo certo e seguro, verdadeiro. Neste sentido, pensando no caso da História, concerne ao intelectual

¹⁰ Ao ser abordado como prática, a noção de discurso para Foucault vai além dos limites da estrutura linguística. De acordo com Morales (2013, p. 9), a prática é condicionada a uma série de questões, tais como regras de formação, de existência, e limites marcados pela relação entre *saber/poder*.

refletir sobre a forma pela qual ele constrói sua linguagem ao abordar sua documentação e construir seu texto sobre o passado.

De acordo com Morales (2013), as discussões empenhadas por Foucault provocaram inquietações nas mais variadas áreas do conhecimento humano, embora, por conta de sua morte prematura em 1984, tenha deixado mais interrogações do que respostas. Até hoje, apesar de não ser unânime, suas ideias exercem forte influência em pesquisadores voltados ao estudo do passado. Entretanto é importante ressaltar que a teoria da História foi particularmente afetada durante o século XX, não somente devido às discussões de Foucault, mas de outros filósofos, historiadores e pesquisadores que objetivaram romper com a produção normativa e tradicional do saber histórico. A própria noção de passado passou a ser estudada de maneira mais crítica e, conseqüentemente, as diferenciações entre esse termo e "história" tornaram-se um ponto central nas discussões do meio.

Nos anos 1980, David Lowenthal, em *The Past is a Foreign Country* (1985), ao refletir sobre a natureza do “passado”, coloca em evidência a interdependente relação entre passado e presente. Para o autor, aquele não pode ser visto como estagnado no tempo, como uma entidade avulsa, e sim como algo que apenas assume forma quando se toma consciência de sua existência no presente. Em outras palavras, os conhecimentos construídos sobre aquilo que passou são feitos no presente, havendo uma simultaneidade entre ambos, já que o passado só pode ser conhecido em tempos posteriores. Como já discutido na introdução, é o presente que dá vida ao passado. Ao longo da obra, então, Lowenthal se propõe a observar os caminhos pelos quais se toma consciência de sua existência.

Um dos pontos importantes de sua reflexão é a ideia de que a História é menos do que o passado. Conforme o autor, nenhum relato histórico corresponde precisamente ao ocorrido, e não é possível recuperar mais do que uma pequena porção dele (LOWENTHAL, 1985, p. 111). Em sua perspectiva, essa limitação se deve a três fatores: em primeiro lugar, à própria imensidão do passado em si, que impede que tudo seja registrado; em segundo lugar, à diferença essencial entre acontecimentos e relatos sobre esses acontecimentos; e, por fim, à subjetividade e a parcialidade com que o conhecimento acerca de outros momentos históricos é concebido, tanto pelo narrador quanto pelo público leitor.

Sobre este último tópico, Lowenthal (1985, p. 113) lembra que a História é sempre dependente do olhar e da voz de outrem, que atua como um intérprete entre

os acontecimentos pretéritos e nossa compreensão deles. Desta maneira, "o passado que conhecemos e vivenciamos está sempre dependente de nossas próprias opiniões, perspectivas e, acima de tudo, de nosso próprio presente. Assim como somos produtos do passado, também o passado conhecido é um artefato nosso" (LOWENTHAL, 1985, p. 113). Logo as perspectivas e valores do narrador influem diretamente em suas escolhas e na maneira como utiliza e interpreta os documentos históricos, da mesma forma que as de cada um exercem influência sobre nossa compreensão e interpretação de tais documentos. O relato de um historiador, por exemplo, nunca corresponde exatamente ao passado, é marcado por sua atualidade, subjetividade e inserção cultural e social. Fica claro nesse ponto da discussão de Lowenthal, que a História se trata de um processo de escolhas - que implica em silenciamentos - em conformidade com o tempo presente que a compõe. Como exemplifica o autor, "ao editar dados recolhidos da época histórica de sua escolha e sintetizar comentários, o historiador chega a uma compreensão em conformidade com o seu próprio tempo." (LOWENTHAL, 1985, p. 114).

Novamente, a questão da linguagem aparece como essencial para esse debate. Segundo Lowenthal (1985, p. 114), esta é responsável por reestruturar as imagens dos acontecimentos passados, pois toda linguagem impõe suas próprias convenções, modificando os significados originais. Por exemplo, as interpretações do historiador sobre determinado ocorrido são colocadas em palavras e, em seguida, para absorvê-las, o leitor as converte em uma porção de imagens que, por sua vez, diferem das imagens iniciais produzidas pela interpretação do historiador (LOWENTHAL, 1985, p. 115). Dessa forma, os significados vão se alterando com base nas percepções de cada sujeito e é neste sentido que o passado pode ser visto como uma construção, ou interpretação, subjetiva do presente. Ao se atentar para essas questões, abre-se espaço para pensar o que foi esquecido nesse processo e, por consequência, desmistifica-se a ideia de uma História geral e total, como também criticava Foucault.

Mais recentemente, preocupado em responder à questão "O que é a História?" e influenciado tanto pelas discussões de Foucault quanto pelas de Lowenthal, Keith Jenkins, em *A História Repensada* (2001), aborda a História como um discurso sobre o passado. Em consonância com os autores mencionados acima,

Jenkins (2001) enfatiza a ideia de que “história” e “passado” são diferentes¹¹ e que, inclusive, encontram-se distantes entre si no tempo e no espaço. “A história como discurso está, portanto, numa categoria diferente daquela sobre a qual discursa” (JENKINS, 2001, p. 24). Por meio de fragmentos e memórias de acontecimentos, os historiadores acessam o ocorrido e criam suas narrativas sobre ele. No entanto esse acesso não é direto. Como aponta Jenkins (2001, p. 25), o passado está nos livros, nas bibliotecas, e, sendo assim, a História - no sentido de historiografia - pode ser classificada como um constructo linguístico intertextual, pois sua formação se dá a partir de outros autores e não diretamente do passado.

Conforme o autor, a História constitui uma série de discursos a respeito do passado e considera que, na verdade, existem diversas “histórias” e não uma única e geral (JENKINS, 2001, p. 24). Esses discursos se apropriam do mundo e são responsáveis por dar-lhe significados. O autor esclarece que “isso não significa que simplesmente inventamos histórias sobre o mundo ou sobre o passado, mas sim que o mundo ou o passado sempre nos chegam como narrativas” (JENKINS, 2001, p. 28).

Apesar de a História ser fadada às interpretações do historiador, as fontes limitam a liberdade deste de escrever qualquer coisa sobre os acontecimentos passados, pois os discursos são produzidos com base nos documentos. Contudo, embora a fonte histórica seja o limite entre a pura ficção e a História, Jenkins (2001, p. 33) lembra que isto não implica que deva existir apenas uma interpretação, o que é visto como algo positivo, pois permite desmascarar as “certezas” sobre os acontecimentos. Nas palavras do autor, “mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações” (JENKINS, 2001, p. 33).

Para Jenkins (2001, p. 36), o que determina a interpretação dos fatos históricos pelo pesquisador vai além das evidências analisadas e da metodologia por ele utilizada. Sua posição ideológica exerce papel fundamental nos resultados de suas pesquisas. Desta forma, pode-se dizer que a História, além de um constructo pessoal, é, também, um constructo ideológico, que é constantemente reordenado por relações de poder (JENKINS, 2001, p. 40). A ideologia penetra todos os

¹¹ O autor faz uma diferenciação entre os termos, afirmando que prefere usar “passado” para designar tudo o que passou e a palavra “historiografia” para História, no sentido da escrita dos historiadores. Em sua opinião, a palavra “história” pode ser entendida tanto como o que foi registrado sobre o passado, como o próprio passado em si, pois cobre as duas coisas. (LOWENTHAL, 2001, p. 24).

aspectos da História, uma vez que esta é um fenômeno legitimador importante, uma das maneiras pelas quais as pessoas criam e afirmam suas identidades (JENKINS, 2001, p. 42). Os que têm mais poder distribuem e legitimam o “conhecimento” para atenderem seus interesses dentro das formações sociais. Sendo assim, partindo de uma perspectiva foucaultiana, pode-se dizer que o conhecimento está relacionado ao poder. À vista disso, Jenkins (2001) altera seu questionamento inicial ao afirmar que responder à pergunta “o que é a história?” implica em deparar-se com outra: “Para quem é a história?”, e este seria um eterno desafio dado aos historiadores.

Até aqui foram abordadas algumas reflexões sobre "passado" e "história" que permitiram, guardadas suas diferenças, pensar no passado como fruto da interpretação e do momento presente do pesquisador que o escreve. Estas ideias provocam um deslocamento no entendimento que antes se tinha sobre a História, trazendo novas possibilidades para as pesquisas no meio. Ao se diferenciar esses dois termos, fica evidente que fazer história significa lidar com escolhas, uma vez que o passado por completo está fora de alcance e que, acima de tudo, a subjetividade do pesquisador é parte intrínseca da pesquisa histórica. Ao longo do último século, então, percebeu-se historiadores preocupados em trazer para o campo novas abordagens e discussões, focando em suas narrativas aquilo que durante muito tempo foi deixado no esquecimento.

Principalmente num contexto pós-colonialista, diversas sociedades e culturas passaram a ser repensadas em termos historiográficos, bem como as políticas dos impérios e seus discursos que, por muito tempo, tiveram na História um lugar de legitimação. Sob essa perspectiva, o impacto do pensamento pós-estruturalista foi fundamental para o desenvolvimento de teorias pós-coloniais que se multiplicaram no último século. Ao estudarem as interações entre as nações europeias e as sociedades por elas colonizadas no período moderno e os efeitos da descolonização, ocorridos a partir da segunda metade do século XX, pesquisadores preocuparam-se em questionar a dominação Ocidental em diversos locais do mundo. Desta forma, esses estudiosos constataram que tal dominação não se restringiu apenas ao âmbito político-econômico, mas que também predominou na cultura, nas artes e nas Ciências Humanas de forma geral.

Os resquícios deixados pelo período de expansão imperial poderiam ser observados, pensando mais especificamente no campo da História, na maneira como a história mundial é construída no Ocidente ao dar enfoque às conquistas

européias e seus valores de cultura e civilização, ao mesmo tempo em que constitui as populações de outros continentes como inferiores aos europeus. Uma das propostas do pós-colonialismo é questionar essa estrutura de pensamento, problematizando tais noções, a fim de reavaliar os processos de construção do conhecimento (BEGHETTO, 2014, p. 85). O pós-colonialismo seria uma maneira de criticar e colocar em questão o eurocentrismo, o imperialismo e o colonialismo, como será discutido a seguir.

1.2 O ORIENTE COMO PRODUÇÃO DISCURSIVA DO OCIDENTE: UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL

Em minha opinião, a história é feita por homens e mulheres, e do mesmo modo ela também pode ser desfeita e reescrita, sempre com vários silêncios e elisões, sempre com formas impostas e desfiguramentos tolerados, de modo que o “nosso” Leste, o “nosso” Oriente possa ser dirigido e possuído por “nós”. (Edward Said)

O termo “pós-colonialismo” diz respeito não somente ao período de emancipação das sociedades subjugadas pelo imperialismo e pelo neocolonialismo, como também a um processo de descolonização do próprio pensamento ocidental. Trata-se de um movimento intelectual, tanto epistêmico como político, que resultou numa série de contribuições teóricas que ganharam força a partir dos anos 1980 no campo dos estudos literários e culturais. Com forte influência do pós-estruturalismo e do desconstrutivismo, suas críticas dirigem-se, sobretudo, ao saber acadêmico, denunciando a potencialidade e a instrumentalidade deste para reafirmar interesses e ideologias pautados na exploração colonial e na expansão dos grandes impérios. Contudo, como lembra Ballestrin (2013, p. 90), o pós-colonialismo tem como objetivo criticar e desessencializar as diversas concepções dominantes da modernidade, aludindo a questões variadas de opressão, que não necessariamente são oriundas do colonialismo, embora possam ser reforçadas e reproduzidas por ele¹².

É importante salientar que, antes mesmo de o pós-colonialismo se tornar uma corrente ou escola de pensamento, já existiam pesquisadores engajados na emancipação das relações colonialistas, produzindo argumentos críticos acerca da

¹² Como exemplo, podem ser citados o patriarcado e a escravidão. Apesar de ambos serem reforçados pela estrutura colonial, não teriam nela suas origens. No entanto, faz-se necessário ressaltar que não existe colonialismo sem opressão ou exploração. Ver BALLESTRIN, Luciana. **América latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, v. 11, p. 89-117, 2013.

exploração colonial (BALLESTRIN, 2013, p. 91). Dentre diversos pesquisadores que compartilham dessa perspectiva, podem ser destacados Albert Mimi, Aimé Césaire e Franz Fanon, que fizeram reflexões sobre o tema desde as décadas de 1940, 1950 e 1960, respectivamente. Além disso, é imprescindível citar o Grupo de Estudos Subalternos, que se formou na Índia no final dos anos 1970 sob a liderança de Ranajit Guha. Com a intenção de criticar a historiografia indiana da época - colonialista, eurocêntrica e nacionalista - esse movimento abriu espaço para pensar a história de seu país a partir de uma perspectiva subalterna e pós-colonial, rompendo inúmeros paradigmas e influenciando pesquisadores de diversos continentes.

Portanto, desde os anos 1970, pesquisas e debates que partem de uma perspectiva pós-colonial vêm multiplicando-se. Isso se deve ao fato de que ainda que a extinção do colonialismo tenha ocorrido com a independência de diversos países, tal fato não impediu que os efeitos da dominação e da exploração continuassem existindo nos planos político-econômico e cultural. Tais efeitos se manifestam, principalmente, na corroboração de hierarquias raciais, étnicas e de gênero, reforçando uma antagonia entre europeu e não-europeu, colonizador e colonizado, que insiste sempre na inferioridade deste. Dessa forma, pensadores se dedicaram a enfatizar a complexidade e a dinâmica das relações coloniais ao explorar e desmistificar essa relação binária de identidades essencializadas (BALLESTRIN, 2013). Ademais, empenharam-se em contestar a ideia de que há um modelo civilizatório - europeu e ocidental - que é, ao mesmo tempo, superior e normal, ressaltando suas implicações históricas.

A respeito dessas questões, destaca-se a produção do palestino Edward Said, que exerceu forte impacto nos estudos acadêmicos sobre o Oriente, inclusive naqueles sobre o Mundo Antigo. Profundamente influenciado pelo pensamento foucaultiano, no livro *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (1978) Said critica a forma como a academia europeia, marcada por uma política imperialista, contribuiu para a construção de uma noção de inferioridade dos povos orientais ao estudá-los (GARRAFFONI & FUNARI & PINTO, 2010, p. 9). De acordo com Garraffoni, Funari e Pinto (2010, p. 10), as ideias de Said criaram polêmicas ao mesmo tempo em que abriram caminhos para que pesquisadores colocassem em questão noções generalizantes sobre o Oriente e tomassem posições críticas diante dos métodos interpretativos acadêmicos, permeados por concepções racistas e

políticas de dominação. Sua principal preocupação consiste em observar como uma cultura se apodera da outra, assumindo um vocabulário e imaginário próprios para perceber e descrever o “outro”, fornecendo bases para um conhecimento coletivo e institucionalmente sustentado.

Said foi responsável por trazer para a crítica pós-colonial a noção de que estudar o Orientalismo¹³ é compreender o Oriente para além de uma categoria geográfica, pensando-o, acima de tudo, como uma entidade cultural inventada pelo Ocidente. O Orientalismo é explicitamente um fato cultural e político; um composto de categorias e valores fundamentados nas necessidades políticas e sociais do Ocidente em relação ao Oriente (KEMNITZ, 2009, p. 2). Como argumenta Said (2007, p. 31-32), a cultura europeia ganhou força e identidade ao se comparar com o Leste e, a partir de suas reflexões sobre ele, o inventou, como uma forma de delimitar suas próprias características: “as duas entidades geográficas, portanto, sustentam e, em certa medida, refletem uma à outra”. Com isso, constata-se que analisar o Oriente significa compreender o Ocidente, suas percepções e julgamentos.

No decorrer de seus argumentos, Said evidencia que, há muito uma hegemonia de ideias referentes ao Oriente vem consolidando-se, alegando uma suposta superioridade europeia sobre o “atraso” oriental:

Mas isso já aconteceu muitas vezes com o “Oriente”, esse constructo semimítico que, desde a invasão do Egito por Napoleão, no fim do século XVIII, já foi feito e refeito um sem-número de vezes, sempre pela força agindo por intermédio de um tipo de expediente de conhecimento cujo objetivo é asseverar que tal ou qual é a natureza do Oriente, e que devemos lidar com ele condizentemente. No processo, os inúmeros sedimentos de história que incluem incontáveis histórias e uma variedade estonteante de povos, línguas, experiências e culturas, tudo isto é desqualificado ou ignorado, relegado ao monturo, juntamente com os tesouros esmigalhados até formar fragmentos insignificantes. (SAID, 2007, p. 14)

Isto posto, Said (2007, p. 30) ressalta que discorrer sobre Orientalismo significa referir-se a um empreendimento cultural essencialmente - porém não

¹³ Segundo Said (2007, p. 28-31), o termo “Orientalismo” teria múltiplos significados: “uma tradição de estudo sobre o Oriente”; “instituição autorizada a lidar com o Oriente”; “uma forma de discursar sobre o Oriente que teria como fundamento o lugar especial que este ocupa na experiência ocidental europeia”; “um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre Oriente e Ocidente”; “uma forma ocidental de obter controle, domínio e autoridade sobre o Oriente”; “o modo ocidental de dominar, reestruturar e exercer o poder sobre o Oriente”. Em suma, Orientalismo “consiste numa rede de interesses inevitavelmente aplicados (e assim sempre envolvidos) em toda e qualquer ocasião em que essa entidade peculiar, o ‘Oriente’, é discutida”.

exclusivamente - britânico e francês, pois essas nações foram as pioneiras em colonizar o Oriente. Principalmente a partir do século XIX, passaram a efetivamente “imperar não só no Oriente mas no próprio Orientalismo” (SAID, 2007, p. 30). Ainda assim, todos os impérios que tentaram exercer algum domínio sobre o Oriente argumentaram ter “circunstâncias especiais” para a sua presença no local, sempre ancorados no discurso da missão civilizadora e educadora, pautados pelo objetivo de instaurar a ordem e a democracia, alegando que apenas em última instância recorreriam à força (SAID, 2007, p. 17).

Dessa forma, percebe-se que a ideia de missão civilizadora e de progresso é colocada como uma das principais justificativas da exploração imperial e colonial. Tais argumentos podem ser amplamente encontrados em documentos, cartas, diários de viagem e outros escritos antigos. De fato, esse tipo de documentação se mostrou significativa para compreender os discursos coloniais de dominação que circulavam além-mar e, logo, foi extensamente analisada por pesquisadores de perspectiva pós-colonial.

Said (2007) optou por estudar as narrativas literárias dos séculos XIX e XX a fim de desmistificar e criticar o discurso orientalista moderno. O grande corpo de textos orientalistas utilizados em sua análise provém da experiência de interação de impérios, como a França e a Inglaterra, com o Oriente (SAID, 2007, p. 31). Em autores como Homero, Flaubert, Balfour e Delacroix, Said identifica elementos do discurso orientalista, exteriorizados por meio de descrições de lugares, personagens e representações imagéticas que contribuíram para a construção e a propagação de um Oriente idealizado, exótico, misterioso, romantizado e sensualizado. Algumas dessas noções ainda permanecem definindo o Oriente no século XXI, reafirmando um imaginário em torno de sociedades que são completamente diferentes, generalizando-as e alimentando a ignorância ocidental a respeito desses locais do mundo.

Alguns anos mais tarde, na obra *Cultura e Imperialismo* (1995) Said amplia sua discussão observando, na relação entre cultura¹⁴ e império, como a dominação

¹⁴ Definição do conceito de cultura nas palavras do autor: “Quando emprego o termo, ele significa duas coisas em particular. Primeiro, “cultura” designa todas aquelas práticas, como as artes de descrição, comunicação e representação, que têm relativa autonomia perante os campos econômico, social e político, e que amiúde existem sob formas estéticas, sendo o prazer um de seus principais objetivos. Incluem-se aí, naturalmente, tanto o saber popular sobre partes distantes do mundo quanto o conhecimento especializado de disciplinas como a etnografia, a historiografia, a filologia, a sociologia e a história literária”. (SAID, 2011, p. 10)

imperialista e colonialista se manifestou nas culturas e literaturas nacionais, para além dos planos políticos e econômicos. Para isso, analisa textos europeus sobre a África, a Índia, partes do Extremo Oriente, a Austrália e o Caribe. De acordo com Said (2011, p. 9), esses discursos “africanistas e indianistas” podem ser considerados como parte da tentativa europeia de dominação de povos e territórios longínquos e, de alguma maneira, apresentam pontos em comum com as descrições orientalistas do mundo islâmico:

O que há de marcante nesses discursos são as figuras retóricas que encontramos constantemente em suas descrições do “Oriente misterioso”, os estereótipos sobre “o espírito africano” (ou indiano, irlandês, jamaicano, chinês), as ideias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando “eles” se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que “eles” melhor entendiam era a força ou a violência; “eles” não eram como “nós”, e por isso deviam ser dominados. (SAID, 2011, p. 9-10)

No decorrer de sua análise, Said (2011) percebe um foco narrativo ocidental com noções imperialistas. De acordo com o autor, é possível encontrar alusões a questões imperiais em quase todas as partes da cultura inglesa e francesa desse período, sendo o império um grande tema da atenção cultural. (SAID, 2011, p. 114). Como exemplo, afirma que as Índias britânicas e o norte da África francês desempenharam um papel inigualável na economia, vida política e imaginação das sociedades britânica e francesa. (SAID, 2011, p. 42). Essas narrativas influenciam o pensamento das pessoas e sociedades, moldando atitudes e sentimentos. Logo podem ser compreendidas como fontes para o entendimento de certas práticas culturais, como a vontade de certas potências em se constituir como impérios.

Ao estudar o colonialismo por meio de suas operações discursivas, Said realça a intensa relação existente entre linguagem, expansão imperial e formação do conhecimento. Esta questão é fundamental para esta pesquisa, pois compreender as diferentes maneiras de representação e os conceitos utilizados nos textos literários, nas narrativas de viagem e demais produções discursivas viabiliza um melhor entendimento das práticas ideológicas da conquista imperial. Para além, a partir das ideias de Said, torna-se evidente que a construção identitária do “outro”, é parte essencial do processo de dominação. Ter consciência disso permite que o leitor faça uma leitura mais profícua e menos capciosa da documentação que analisa, pois, como assegura Robert Young (2005, p. 200), “a linguagem usada para

sancionar, impor, descrever ou analisar o colonialismo não é transparente, inocente, a-histórica ou simplesmente instrumental”.

Boa parte das reflexões de Said instigaram outros pesquisadores a voltar-se para a análise do discurso colonial, observando as literaturas e narrativas de viagens como potenciais fontes de estudo para compreender as dinâmicas imperiais dos últimos séculos. A menção a dois deles é imprescindível, mesmo que brevemente: Gayatri Spivak e Homi Bhabha. O motivo de serem trazidos para a discussão é que ambos vão além das ideias de Said, apontando novos caminhos para a análise pós-colonial.

Enquanto Said se preocupou em criticar as relações de poder embutidas no colonialismo e suas ligações com a constituição dos saberes, focando mais no colonizador e suas produções discursivas, Gayatri Spivak¹⁵ (1985) reivindica a capacidade e a autonomia do subalterno de se representar, de falar sobre si mesmo. Na obra *Pode o subalterno falar?* (1985), tece importantes considerações e críticas a respeito das tentativas dos pensadores anticolonialistas de reconstruírem uma história subalterna, daqueles que foram o próprio objeto de um saber e de uma fantasia coloniais (YOUNG, 2005). Ao construir seus argumentos, Spivak assinala as possíveis armadilhas em que pesquisadores podem cair ao fazê-lo, pois, ao mesmo tempo em que criticam o etnocentrismo ocidental, acabam constituindo-se como a única cultura capaz de empreender esse movimento de abertura e descentramento em relação ao subalterno e suas representações (CARVALHO, 2001, p. 110). O ponto central de sua perspectiva teórica é colocar em questão a necessidade de sempre haver um mediador que possa falar pelo colonizado, seja para oprimi-lo ou libertá-lo.

Ademais, muitos historiadores revisionistas e pós-coloniais teriam ignorado, por exemplo, a história das mulheres subalternas nativas, o que aponta para o fato de que mesmo a crítica pós-colonial estaria sujeita a cair no jogo hierárquico de gênero e poder. Em sua opinião, essas mulheres sofreram uma “dupla-colonização”, a do patriarcado e a do poder colonial, e nem sempre o olhar pós-colonial se mostrou sensível a esta questão. Não há nenhum lugar discursivo no qual essas

¹⁵ Gayatri Chakravorty Spivak fez parte do Grupo de Estudos Subalternos indiano. Em suas análises, a autora discorre sobre sua dupla condição de mulher nascida em um país de Terceiro Mundo, sendo este um dos principais motivos que a teriam inspirado a escrever sobre a história das mulheres nativas em períodos de colonialismo. Ver: SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p., 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa.

mulheres possam expressar a si mesmas, pois geralmente os documentos sobre elas se tratam de uma visão masculina, seja do colonizador ou do nativo, a seu respeito (YOUNG, 2005, p. 199). De maneira geral, então, Spivak (1985) volta-se para o estudo dos tipos de exclusão promovidos não somente pelo colonialismo, mas também pelas produções acadêmicas modernas.

Assim como Spivak, Homi Bhabha (1994) também parte das ideias de Said para formular suas proposições acerca do colonialismo e de seus efeitos no presente. Não obstante, Bhabha adiciona a psicanálise e o desconstrutivismo de Derrida ao pensamento foucaultiano de Said, utilizando categorias como hibridismo, ambivalência e mímica para compor suas análises¹⁶. Uma das principais diferenças de pensamento destes dois teóricos é o fato de que Bhabha refuta os binarismos utilizados por Said, tais como Ocidente/Oriente, europeu/outro, colonizador/colonizado, entre outros. Sob seu ponto de vista, Said teria caído na armadilha dos binarismos, e essa dicotomia entre “nós” e “eles” seria simplista demais para explicar as relações coloniais e as produções de identidades decorrentes destas (CHAKRABARTI, 2012, p. 6).

Bhabha critica a categorização dupla que Said aborda sobre o orientalismo, um que seria “manifesto”, de caráter mais instrumental e consciente, e outro “latente”, inconsciente, fruto do desejo. Para o autor, não caberia fazer esta separação, pois os dois tipos de orientalismos tendiam a se fundir em diversos momentos sendo inseparáveis. Ao articular seus argumentos, Bhabha evidencia que os discursos coloniais não operam apenas de maneira instrumental e consciente, mas também conforme os protocolos ambivalentes de fantasia e desejo e vice-versa. (YOUNG, 2005, p. 198). Com isto, assume que não há espaço para dicotomias e que a própria aceitação dessa lógica binária sucumbe, de certa forma, às estratégias assimilacionistas do poder imperial (CHAKRABARTI, 2012, p. 8). Porém, é necessário ressaltar que as reflexões de Bhabha foram redigidas quase trinta anos depois das análises de Said e ambos não dispunham das mesmas ferramentas teóricas e contextos de análise.

Apesar de suas diferenças, pode-se afirmar que Said, Bhabha e Spivak constituem importantes influências para a área da análise do discurso colonial, reconhecidos como pensadores centrais, como define Robert Young (2005, p. 200),

¹⁶ Ver: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

sendo parte da “Trindade da análise do discurso colonial”. Após suas publicações, muitos outros pesquisadores se dedicaram a estudar a ampla variedade de textos provenientes de períodos de exploração e de conquista imperial. No item seguinte, será discutido um pouco sobre como alguns estudiosos têm se utilizado desses documentos para pensar tais questões. Como o objeto de estudo desta dissertação é uma narrativa de viagem, o foco central da discussão será esta modalidade de escrita, um tanto diferente dos romances analisados pelos pesquisadores acima.

1.3 LITERATURA DE VIAGEM COMO FONTE PARA PESQUISA HISTÓRICA

O estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através das projeções de alteridade. (Homi Bhabha)

Como já mencionado no item anterior, nas últimas décadas do século XX, emergiu um novo interesse acadêmico em torno das literaturas de viagens, por parte de disciplinas como História, Geografia, Antropologia e Ciências Sociais. Sob influência das discussões promovidas no âmbito da Nova História Cultural, assim como de perspectivas de estudo pós-coloniais, há uma renovação na maneira de se analisar as narrativas de viagens. De acordo com Derek Gregory e James Duncan (1999), essa mudança permitiu que pesquisadores passassem a pensar cada vez mais nas políticas de representação engendradas nos textos analisados, bem como sobre as continuidades entre o passado colonial e um presente pós-colonial nas interpretações e leituras destes, nas implicações culturais, econômicas e políticas dos projetos globalizantes da modernidade.

Embora a burocratização das viagens tenha aumentado no século XX, e teorias pós-coloniais tenham produzido reflexões variadas sobre “culturas de viagem”, a maneira romântica como diversos locais do mundo são encarados e caracterizados ainda é a mesma (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 7). Especialmente quando se trata das antigas colônias imperiais, viagens ainda são popularmente conhecidas como uma imersão em pitorescas e distintas culturas ou como aventura. Para Duncan e Gregory (1999, p. 8), ainda são compreendidas dentro de uma mentalidade romântica e orientalista do século XIX, cujo anseio para um mundo que se perdeu é expresso “como patrimônio na Europa e como uma ‘saudade imperialista’ nas ex-colônias”.

Desse modo, as viagens e suas práticas culturais têm sido estudadas como parte de projetos maiores, em que relações de poder e privilégio se mostram presentes. Logo, as narrativas de viagem do século XIX acabaram recebendo uma nova dimensão nas pesquisas do âmbito acadêmico. Por exemplo, tem-se dado atenção às contribuições de expedições extracientíficas para a consolidação das ideologias de nacionalismo e de uma cultura burguesa por meio de seus discursos. Como lembram Duncan e Gregory (1999, p. 2), durante muito tempo, viagens que não foram conduzidas sob o estigma da ciência não obtiveram a mesma atenção nas pesquisas acadêmicas e, ainda assim, expedições de cunho mais científico foram constantemente interpretadas como um “registro não problemático de heroísmo e de triunfante descoberta, no qual outras culturas e outras naturezas pareciam ter rendido seus segredos perante a ‘razão’ ocidental”.

Não obstante, desde os anos 1950 Hannah Arendt (1951) já apontava para a literatura como um acontecimento fundador da era dos impérios. Arendt compreendeu o romance, estilo literário por ela estudado, como um campo discursivo que ofereceu suporte ideológico à conquista imperial, instigando a imaginação política do público leitor (BREPOHL, 2007, p. 325). No século XIX, época em que o romance teve seu apogeu, o espírito de aventura e a ideia de missão civilizadora ganharam destaque nas obras da época, que contam histórias de homens aventureiros que se arriscam em terras longínquas. Desejosos por prestígio e reconhecimento e dispostos a qualquer coisa pela conquista, esses homens almejavam ascender socialmente graças ao seu esforço pessoal, legando ao acaso e à sorte o destino de suas vidas (BREPOHL, 2003, p. 4).

Em vista disso, Arendt enxerga nestes personagens, considerados pequenos-heróis (pequeno porque pode ser um indivíduo comum, com quem qualquer homem pode se identificar e porque enfrenta desafios possíveis ao mundo real, mesmo que duvidosos), o arquétipo do conquistador imperialista europeu. Homens que, ao deixarem suas casas e se lançarem a novos mundos, desfrutam dos sistemas de exploração e de violência, uma vez que as regras e o controle social não se faziam presentes nos locais conquistados (BREPOHL, 2003). Nesse contexto, a literatura deste período coloca o homem branco, sobretudo o europeu, como um “povo desde sempre superior, politicamente amadurecido e preocupado em civilizar o mundo” (BREPOHL, 2003, p. 3). Essas obras criaram um imaginário social em torno do qual seriam as populações conquistadas pelas potências

imperialistas, conferindo a elas um senso de inferioridade, baseado nas doutrinas raciais emergentes.

Atualmente, a literatura tem sido estudada como um conjunto de práticas textuais discursivas, que podem manifestar os gestos característicos de uma determinada estilística imperial em sua escrita. Sobre literatura de viagem especificamente, Mary Pratt, na obra *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation* (1992), ao analisar diferentes relatos sobre a América e a África a partir de meados do século XVIII, defende que a literatura de viagem ao mesmo tempo em que acabou por construir imagens sobre “o resto do mundo” para leitores europeus, disseminando ideais imperialistas, ajudou a Europa a produzir diferentes concepções sobre ela mesma, especialmente quando comparada com outros locais. Para a autora, enquanto a metrópole imperial tende a compreender a si própria como determinante da periferia, no sentido de que teria uma missão civilizadora para com esta, “cega-se a maneira como a periferia também a define, começando, talvez, com necessidade obsessiva de apresentar e reapresentar suas periferias e seus outros continuamente a si mesma”. (PRATT, 2003, p.15).

À vista disso, e partindo da discussão proposta por Said (2007; 2011) apresentada no item anterior, acredita-se que as representações pertencentes a uma determinada narrativa geralmente revelam mais sobre a cultura e os valores do autor do que das pessoas e dos lugares representados. Esse tipo de documentação permite, então, que se observe a complexa dialética entre viagens e expedições e a circulação de conhecimentos pelas metrópoles e colônias (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 2). Com isso, abre espaço para desconstruir esses discursos, compreender seu contexto de formação, questionar imagens e conhecimentos que se estabelecem enquanto verdades por meio deles. Devido a essas razões é que se optou por estudar um diário de viagem para pensar a relação entre o Império Britânico e o Egito no início do século XIX, pois se acredita que é possível levantar uma série de questões sobre a interação entre esses dois locais ao se estudar os relatos feitos pelo viajante acerca do local por ele explorado.

Ao se analisar qualquer texto a respeito de outras culturas, é preciso, em primeiro lugar, considerar que narrativas de viagens são sempre atos de tradução. Para Duncan e Gregory (1999, p. 4), “tradução significa ser transportado de um lugar a outro, numa complexa dialética de definição e reconhecimento do outro”. Ao representarem outras culturas e naturezas em seus textos, os viajantes acabam

traduzindo um lugar a outro, a fim de que o leitor compreenda o que está sendo narrado. Contudo, ao fazerem isso, “arrogantemente acreditam que sua própria linguagem contém os conceitos necessários para representar outra” (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 5). Tal como a tradução textual não pode apreender todas as conotações simbólicas da linguagem, a tradução de um local, povo ou cultura para outro “idioma cultural” também implica perda de carga simbólica, que é substituída por outra, “mais compreensível” para aquele que o faz (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 5). Por conseguinte, pode-se dizer que toda tradução acarreta perdas e ganhos simultaneamente, uma vez que alguns símbolos são substituídos por outros, criando novos aspectos para o local, a cultura ou o povo representado. Para esses autores, então, a tradução é inerentemente um “método domesticador”, pois se trata de uma “redução etnográfica do texto estrangeiro para atingir valores culturais linguísticos, trazendo o autor de volta para casa” (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 5).

Com base nisso, como apontam Duncan e Gregory (1999), pode-se afirmar que o ato de traduzir nunca é neutro e inocente. Muitos pesquisadores têm enfatizado sua cumplicidade com o jogo de poder e de desejo colonizador. Apesar disso, é importante destacar que não se trata necessariamente de um discurso imperial reproduzido pelos viajantes de maneira completamente intencional, pois nem todo viajante no século XIX era nacionalista ou imperialista. O que se intenta enfatizar aqui é a forma como valores e costumes do próprio viajante, seu contexto de vida, sua maneira de ver e se relacionar com o mundo influem diretamente em seus discursos e relações com o “outro”. No entanto, todos os aspectos citados acima, por sua vez, estão inseridos em redes de poder que os moldam, definem e controlam. É justamente por isso que a relação entre os acontecimentos políticos e as aspirações culturais do império - como construção de identidades nacionais, que será discutida mais adiante - e narrativas de viagem têm sido alvo de estudos nos últimos anos.

No caso de Giovanni e de Sarah Belzoni, viajantes que são foco de análise desta pesquisa, procura-se compreender quais são os lugares que ocupam dentro do contexto de dominação imperial britânica no Egito no início do século XIX. Dadas essas questões, à luz das discussões de pesquisadores pós-colonialistas, torna-se imprescindível, antes, um melhor entendimento da antiga relação entre escrita e viagem.

1.3.1 Expansão imperial e literatura de viagem: a representação do “outro” por meio de narrativas

Desde a remota Antiguidade, pelas razões mais variadas que se possa imaginar, pessoas têm deixado suas casas e pegado a estrada (BOHLS, 2008, p. xiii). Mensageiros, diplomatas, mercadores, turistas, entre outros, há anos, têm percorrido caminhos desconhecidos, conhecendo lugares e pessoas distintas. Muito antes do Egito se tornar o famoso destino de viagens que é conhecido atualmente, ainda em tempos antigos, viajantes deixaram grafites nas paredes das pirâmides e de monumentos. Como aponta Elisabeth Bohls (2008), há muito tempo, viagem e escrita convergem. A famosa *Odisséia* de Homero, as *Histórias* de Heródoto, a *Eneida* de Virgílio, entre outros textos antigos também demonstram tal relação - mesmo que alguns tratem de narrativas fictícias. Nem mesmo os guias de viagens são obras do mundo contemporâneo. No século II d.C., Pausanias compilou um “Guia para a Grécia” destinado a viajantes romanos, cujo conteúdo incluía descrições e indicações das principais atrações do lugar, como a Acrópole e o Oráculo de Delfos (BOHLS, 2008, p. xiv).

Algum tempo mais tarde, as Cruzadas e a peregrinação na Idade Média - principalmente a religiosa - trouxeram uma nova forma de engajamento para a experiência da viagem e, também, para a relação e curiosidade acerca de outras culturas e religiões. Ainda nesse período, Marco Polo deixou extensos registros de suas viagens feitas pelo Leste, chegando até a China. Da mesma maneira, durante as descobertas europeias feitas no continente americano a partir do século XIV, a escrita teve papel essencial na documentação e controle do que ocorria nos navios e nas expedições em terra.

Além disso, não se pode esquecer daqueles cuja viagem não foi uma opção, nem algo feito por prazer e sim uma cruel obrigação. A escravidão, por exemplo, foi uma forma massiva de viagem involuntária que moldou o mundo Atlântico, afinal o comércio de escravos tirou mais de seis milhões de africanos de suas casas (BOHLS, 2008, p. xvi). Pouquíssimos desses viajantes tiveram a chance de ter suas histórias escritas e, além de tudo, estudadas, ainda que existam biografias de escravos ou relatos escritos por eles. Com a criação das colônias na América e com a exploração e os interesses mercantilistas, os relatos se tornaram parte integral

desse processo, sejam eles referentes a questões burocráticas ou “aventuras”. Alguns eram confidenciais, todavia aqueles que foram publicados rapidamente cativaram ávidos leitores (BOHLS, 2008, p. xiv).

A relação entre a escrita e a viagem demonstrada, grosso modo, nesta discussão é antiga, porém no século XVIII ela passa por uma intensa transformação, porque começa a fazer parte de um forte mercado de vendas de livros e liderá-lo, à medida que a alfabetização aumenta. De acordo com Bohls (2008, p. xvi), “o período moderno viu uma mudança no *ethos* e na linguagem da narrativa de viagem: da aventura cavalheiresca ao capitalismo de risco”. Por conseguinte, os relatos de viagens passaram cada vez mais a associarem-se com a expansão imperial. Tal fato pode ser observado nos *best-sellers* da época, tais como as narrativas do Capitão Cook acerca de suas viagens pelo pacífico, que demonstram o alcance das expedições realizadas pelo Império Britânico.

A literatura de viagem é conhecida no século XVIII por sua variedade, sendo, talvez, “a maior miscelânea da era da atividade literária, pois envolvia não somente um monte de estilos e gêneros, mas também diferentes contextos de produção e de recepção” (BOHLS, 2008, p. xiv). Isso se deve à quantidade de interesses em torno da experiência de viagem, que iam desde a busca por prestígio social até exploração, negócios e desenvolvimento científico.

Ao analisar a relação entre ciência, viagens e expansão imperial no século XVIII, Mary Pratt (2003) afirma que este século pode ser identificado como o período em que a Europa se afirmou como centro da civilização e, por isso, se tornou recorrente o hábito de escrever sobre outros locais do mundo de maneira a retratá-los como inferiores em termos civilizacionais. Influenciada pelas mudanças ocorridas na Europa por meio da ciência, do racionalismo e do romantismo, a literatura de viagem acabou constituindo-se num espaço propício para a articulação dos ideais imperiais. Ao trazerem para a Europa o conhecimento sobre locais diferentes e desconhecidos, possibilitou-se que as sociedades europeias refletissem a respeito de si próprias e sobre seu papel no domínio das sociedades não-ocidentais, por meio de discursos de alteridade.

Segundo Pratt (2003, p. 15), dois eventos, ocorridos por volta de 1735, teriam marcado importantes mudanças na forma como as elites europeias entendiam a si mesmas e suas relações com o resto do mundo: a publicação do

*Systema Naturae*¹⁷ de Carl Linné's e o lançamento da primeira grande expedição científica da Europa, que tinha como principal objetivo descobrir o verdadeiro formato do planeta Terra¹⁸. Expedições como essa teriam inaugurado o que a autora chama de “consciência planetária” por parte da Europa, marcada pela exploração de territórios em seus interiores e da utilização de aparelhos descritivos, proporcionando maior desenvolvimento da História Natural. Para Pratt (2003, p. 15-16), essa nova consciência planetária é um elemento básico para a construção do eurocentrismo moderno, pois deu origem a novos modelos de contato para além das fronteiras europeias, trazendo importantes consequências nos estilos e formas de narrar as viagens.

Ao longo do tempo, os relatos passaram a ter um cunho cada vez mais científico, distanciando-se da maneira como antes as narrativas de viagem eram feitas - como literatura de sobrevivência e de navegação, em que perigos, maravilhas e curiosidades sobre o “desconhecido” eram os principais temas abordados. Na segunda metade do século XVIII, a exploração científica se tornou de interesse público, em especial para as elites intelectuais e comerciais em toda a Europa, e tal fato exerceu forte influência nas narrativas dessa época (PRATT, 2003 p. 22). Tornou-se também um forte recurso para os mais poderosos aparelhos ideológicos, interferindo na maneira como outros povos, para além da fronteira imperial, eram representados. Para exemplificar, com o desenvolvimento da História Natural, não apenas a flora e a fauna passaram a ser sistematizadas, mas também os homens. Com isso, a antropologia e a etnologia ganham espaço dentro do ambiente científico, fruto do contato entre diferentes povos promovidos pelas viagens.

Nesse contexto, a questão da escravidão marca uma divisão na forma pela qual o europeu classificava a sociedade nativa, que passa a pertencer a uma categoria inferior a dos homens brancos. Para a autora, não existiria tentativa mais explícita de naturalizar o mito da superioridade europeia do que categorizar humanos de forma comparativa (PRATT, 2003, p. 32). Nesse cenário, as viagens têm importante contribuição, pois a opinião pública, particularmente após o século

¹⁷ Sistema desenvolvido para categorizar todas as formas vegetais do planeta, sendo elas conhecidas ou desconhecidas para os europeus.

¹⁸ Sob a liderança francesa, a expedição científica internacional de 1735 foi criada para resolver uma questão empírica: se a Terra é uma esfera, como apontavam os cartesianos - franceses -, ou uma esfera plana nos polos, como sugeriu Newton - britânico. Tal questão foi altamente carregada pela rivalidade política entre a França e a Inglaterra. (PRATT, 2003, p. 15-16).

XVII, foi fortemente influenciada pelas notícias que chegavam do além-mar, seja por meio de escritos ou da iconografia (BREPOHL, 2007). Aos poucos, a questão da diferença racial aparece no cenário literário e atinge seu ápice no século XIX.

A partir desse contexto, faz-se importante considerar brevemente o papel que os sentimentos e as sensibilidades têm em relação à esta temática. Marion Brepohl (2007), ao estudar os sentimentos racistas no momento de formação do Imperialismo alemão, destaca que as paixões e ódios coletivos moldam os sistemas políticos. Nesse sentido, a literatura, enquanto experiência social, atuaria como (re)produtora dessas paixões e convicções, interferindo, simultaneamente, na consciência individual de cada sujeito e na formação de identidades coletivas (BREPOHL, 2007, p. 325). Por meio dela, não somente a prática expansionista recebeu legitimidade, mas também o mitos da pureza de sangue e de superioridade do homem branco foram difundidos, alimentando imaginários e definindo aqueles que seriam considerados como superiores ou inferiores. Ao retratarem os povos nativos dos locais colonizados, as diferenças de costumes deixavam cada vez mais evidentes a missão, e até mesmo o “fardo”, que o homem branco teria para com outras sociedades (BREPOHL, 2007, p. 324).

Diferentemente dos outros tipos de preconceitos existentes, após o século XIX a discriminação racial vai ganhando um tom cada vez mais científico, baseado em questões de ordem biológica (BREPOHL, 2007, p. 323). Conforme Robert Young (2005, p. 113), a raça foi uma elaboração cultural, política e científica, pois “ninguém se preocupava muito com as diferenças entre raças antes de se tornar vantajoso para o Ocidente, em termos econômicos, lucrar com a escravidão ou defendê-la contra os abolicionistas”. Logo, o saber antropológico, assim como outras ciências que mais tarde apareceriam, como a arqueologia, desde seu surgimento, teve uma intrínseca relação com as ideologias de seus fundadores.

O discurso naturalista e etnológico continuou e persistiu com sua força ideológica ao longo de todo o século XIX. As narrativas de viagens eram mediadoras essenciais entre a ciência e o público europeu no geral, pois atuavam como agentes centrais para a legitimação da autoridade científica e das diferentes maneiras de a Europa conhecer e narrar o mundo e justificar sua presença nele (PRATT, 2003, p. 29). Muitas vezes, em tais narrativas, o viajante naturaliza a presença das elites europeias.

Segundo Pratt (2003, p. 38), o projeto da história natural e antropológica

acabou criando uma visão inocente e utópica da autoridade global da Europa, por meio da ideia de que a superioridade europeia naturalmente não implica submissão. Para Pratt (2003, p. 7), isso seria uma forma de “anti-conquista”. Este termo refere-se às estratégias de representação pelas quais indivíduos europeus procuram assegurar a sua inocência no que concerne à dominação, ao mesmo tempo em que afirmam a hegemonia europeia. Tais indivíduos apresentam, em seus discursos, certa resistência em assumir a dominação, sempre procurando naturalizar a presença do colonizador como algo necessário e não forçado.

A partir do final do século XVIII, desenvolve-se um novo estilo de literatura de viagem que vai perdurar por todo o século XIX: uma narrativa sentimental, voltada mais para as experiências do indivíduo do que para a pura descrição e catalogação dos locais explorados. Na escrita sentimental, é a linguagem das emoções que atribui valor aos eventos (PRATT, 2003, p.77). Ainda de acordo com a autora, esse estilo de escrita teria surgido no contexto de crises do euro-imperialismo no final do século XVIII, especialmente após a Revolução Francesa, que evidenciou as contradições entre ideologias democráticas e igualitárias na Europa e as cruéis estruturas de dominação e de extermínio no estrangeiro. Genocídios, deslocamentos em massa e a escravidão tornaram-se cada vez menos aceitáveis, em especial com a emergência das ideologias humanitárias. As demandas do capital permaneceram e a competição entre nações euro-imperiais se intensificou, instigando a busca de novas formas de intervenção imperial e de ideologias legitimadoras: a missão civilizadora, o racismo científico e a tecnologia de progresso e de desenvolvimento (PRATT, 2003, p.77).

Se o viajante naturalista é um representante do estado burocrático, o viajante sentimental, sujeito experiencial, representa o “outro” setor do mundo burguês: a esfera privada, lugar de desejo, espiritualidade, individualidade. Na fronteira imperial, os dois discursos são extremamente diferentes, mas acima de tudo são complementares. (PRATT, 2003, p. 78). O sujeito sentimental compartilha certas características cruciais com o sujeito científico: europeísmo, classe média e masculinidade. Como conclui Pratt (2003, p. 78), suas ideias não se limitam a representar somente um discurso europeu sobre mundos não europeus, mas também um discurso urbano sobre locais não urbanos, um discurso letrado e burguês sobre mundos não letrados e camponeses, um discurso masculino e de

dominação e subjugação do feminino¹⁹.

No final do século XVIII e início do XIX, as viagens deixaram de ser algo exclusivo da aristocracia, constituindo-se cada vez mais como uma experiência burguesa que teve suas origens na conjunção entre romantismo e industrialização. O romantismo marcou uma mudança pós-iluminista do espaço de representação: destronou a soberania da razão e glorificou o impulso espontâneo, a expressão individual e o espírito criativo. (DUNCAN & GREGORY, 1999, p. 5). Na viagem romântica, caracterizada por Duncan e Gregory (1999, p.5) como uma “instrução prazerosa”, há a paixão pela natureza selvagem, as delimitações da diferença cultural e o desejo de estar imerso na cultura local. Esse tipo de viagem era normalmente solitária e longa, porém não sem registros.

Em vista disso, viagens que relatam experiências mais subjetivas vão ganhando atenção do público leitor e da indústria literária no século XIX. Não é por acaso que, nessa época, os relatos eram publicados mais frequentemente em formas de autobiografias, como diários e cartas (BOHLS, 2008, p. xx). Essas histórias eram avidamente lidas não somente pelo público geral, mas também por outros viajantes. Muitos deles se inspiravam e se preparavam para suas expedições por meio da leitura de outros. Ao escreverem suas próprias impressões de trilhas já conhecidas, os viajantes se deparavam com o desafio de descrever aquilo que já era familiar de modo original, pois suas narrativas serviam a uma indústria e, conseqüentemente, não tratavam somente de colocar no papel a experiência e sim de torná-la interessante e atrativa para o leitor (DUNCAN & GREGORY, 2003, p. 6). Havia, inclusive, uma grande preocupação em torno da questão da veracidade dos relatos. Boa parte dos viajantes afirmava estar dizendo a verdade, no entanto, muitas narrativas tinham enredo ficcional ou eram feitas de maneira exagerada (BOHLS, 2008, p. xx).

Além das questões discutidas acima, é importante lembrar que a literatura de viagem, ao mesmo tempo em que trazia prestígio para o viajante que a escreveu e alimentava o desejo de seus leitores por aventura e exotismo, também reforçava seu orgulho pelas conquistas de sua nação (BOHLS, 2008, p. vii). No caso da

¹⁹ É comum encontrar relatos de viagens ou romances que acabam por feminizar a imagem da colônia e dos colonizados, tratando-os como objetos suscetíveis à dominação. A questão do feminino afirma uma ideia de fragilidade, de necessidade de conduta e tutela, e por isso as metáforas sobre essas questões. Ver *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation* (1992) de Mary Pratt e *Desejo Colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça* (2005) de Robert Young.

Inglaterra, pode-se dizer que os viajantes britânicos se espalharam por todos os cantos do mundo no século XIX, impulsionados por diversos motivos: expedições científicas, colonização, comércio, diplomacia e turismo, que começou a florescer nesse período. Segundo Bohls (2008, p. vii), o império, já estabelecido no Caribe e na América do Norte, estava expandindo-se para a Índia e a África e fundando novos postos no pacífico. Com isso, aqueles que ficavam em casa liam vorazmente literaturas de viagens, que informavam os britânicos sobre as atividades de sua nação no além-mar. Tais questões foram essenciais para a consolidação de uma identidade para o Império Britânico, que aparece nas narrativas como forte, dominador e, acima de tudo, necessário ao desenvolvimento de outras civilizações.

Ao tratar sobre a literatura inglesa do século XIX, Robert Young (2005) questiona a ideia de uma “identidade fixa” dos ingleses, tão recorrente nos estudos sobre o tema. Ao contrário de outros pesquisadores, Young (2005, p. 3) acredita que essa fixidez da identidade, pela qual os ingleses receberam grande reputação, destinava-se a mascarar sua incerteza sobre si. Dessa forma, o autor problematiza a homogeneidade na construção da imagem dos ingleses, afirmando que a fixidez da identidade só é buscada em momentos de instabilidade e ruptura, conflito e mudança. Por isso ele a considera uma reação às rápidas mudanças provocadas pelas expansões europeias, pelo surgimento das ideologias nacionalistas, pelas transformações decorrentes do capitalismo, pelos conflitos em torno da questão da escravidão, entre outros motivos que influíram diretamente nas sociedades coloniais e metropolitanas ao longo do século XIX. Nesse momento, surge uma necessidade de construção das identidades em busca de uma singularidade nacional, que só é atingida, mesmo que inconscientemente, quando em contraste com o outro (YOUNG, 2005, p. 5). Por consequência, é comum, em diversos romances ou narrativas de viagens, a existência de uma forte necessidade de alteridade, de desejo pelo “outro”.

Diante dos diversos romances, cartas, diários e outros tipos de relatos provenientes de expedições britânicas - e também de outros impérios europeus, como Francês²⁰ e Alemão²¹ - que apresentam uma necessidade de comparação

²⁰ Ver: JUNQUEIRA, N. M. *Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert*. História. Questões e Debates, v. 48/49, 2008, p. 01-20.

²¹ Ver: BREPOHL de MAGALHÃES, Marion. *Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo*. Uberlândia, EDUFU, 2010. Nesta obra a autora estuda o Imperialismo alemão (1880-1945) por meio de diversos textos literários, que tiveram importante papel na criação de imagens

com o “outro” em busca de uma afirmação identitária, encontram-se em abundância documentos que o fazem em relação ao Egito. Nesse caso, existe um adicional: não retratam apenas o Egito como é encontrado no momento da expedição, os relatos contam, ainda, com diversas considerações a respeito do passado antigo desse local e de sua população. Com isso, o Egito passa a ser representado de maneiras diversas pelos viajantes, o que contribuiu para a criação de imaginários acerca dele na Europa, como será apresentado a seguir.

1.3.2 Representações do Egito: o orientalismo em cena

Ao discorrer sobre as conexões entre escrita e viagem, Derek Gregory em *Scripting Egypt: Orientalism and the cultures of travel* (1999) afirma que, durante o século XIX, quase todos os viajantes americanos ou europeus que estiveram no Egito se sentiram, de alguma forma, compelidos a escrever sobre a suas experiências. Em sua análise, apresenta argumentos baseados em três ideias centrais: a construção do Oriente como “teatro”, a representação de outros lugares e paisagens como “texto” e, por fim, a produção da viagem e do turismo no Egito como um “*script*”. As duas primeiras, segundo o autor, teriam sido influenciadas pelas discussões de Edward Said.

Nas narrativas sobre o Egito, é comum encontrar o uso de metáforas para descrever o local. “Teatro” é uma delas que, conforme Gregory, foi utilizada em abundância por muitos viajantes. Partindo da argumentação de Said, de que a própria ideia de representação é de alguma forma teatral, o autor alega que, com os discursos orientalistas, o Leste foi construído como “um campo fechado, um palco teatral afixado na Europa” (SAID *apud* GREGORY, 1999, p. 115). As representações apresentam o Egito não somente como uma exibição, diante de uma população privilegiada, mas até mesmo com uma conotação de ilusão, como um local que por tanto exotismo atinge o “quase não real”. (GREGORY, 1999, p. 115).

Como exemplo, Gregory cita Harriet Martineau, viajante que ao se deparar com relatos sobre o Egito, afirma ter esfregado os olhos para ter certeza de que não estava num teatro ou numa sublime cena de ópera (MARTINEAU *apud* GREGORY,

sobre o “outro” por meio de uma perspectiva eurocêntrica, levando a difusão da ideia de superioridade do homem branco, a legitimação das ações do Império nos continentes explorados e ao racismo.

1999, p. 115). Entretanto, para Gregory (1999), aos poucos, essa fascinação pelas terras egípcias deu lugar a distorções e decepções. É recorrente o número de discursos que, ao mesmo tempo em que apresentam uma profunda admiração - que beira um estado de transe ou de hipnose - demonstram, além disso, uma grande decepção com as diferenças culturais, com os povos nativos e seus hábitos.

Esse foi o caso de Gustave Flaubert, literato que escreveu o diário de bordo *Voyage en Égypte* (1910) durante a sua visita ao Egito, entre 1849 e 1850. Ao analisar as passagens do diário de Flaubert, Natália Junqueira (2008) percebe uma mudança gradual na maneira como o viajante vai descrevendo e se relacionando com o local visitado. No início da viagem, o Egito é caracterizado como um lugar onde o exótico e o maravilhoso habitam. Não eram somente as obras arquitetônicas que o encantavam, mas as paisagens estonteantes, o clima, as várias tonalidades de cores refletidas pelo sol no vale do Nilo, as cores das roupas, principalmente daquelas usadas pelas mulheres, entre outros aspectos, chamaram a atenção de Flaubert, provocando nele uma sensação de deslumbramento (JUNQUEIRA, 2008, p. 256).

Contudo, conforme Junqueira (2008, p. 263), apesar do fascínio inicial do viajante com as construções e paisagens que diferiam das da Europa, com o passar da viagem, e principalmente após o contato com os nativos, o encantamento se dissipa. À vista disso, “ao Oriente restou desempenhar o papel de antagonista em relação ao europeu; um território ideal para a Europa comparar sua cultura com outra diferente e afirmar a sua superioridade e o seu domínio sobre o Leste” (JUNQUEIRA, 2008, p. 253). Aos poucos, o discurso de superioridade do ocidental manifesta-se nas lentes com as quais se observava o Oriente, sendo a decepção um dos motivos pelos quais a dominação e a presença europeia no Egito é justificada. Para Junqueira (2008, p. 263), no final de sua viagem, Flaubert aparenta menosprezar a cultura egípcia e, por isso, reproduz um discurso que tem por finalidade legitimar a invasão dos franceses no Oriente, que alegava ter o intuito de levar a civilização a esses povos. Ao representar e classificar os egípcios e sua cultura, uma identidade francesa, aparentemente oposta a todas as características egípcias, vai instituindo-se no discurso do viajante.

Da mesma maneira, outros viajantes também produziram esse tipo de narrativa, que apresenta alguma frustração a respeito do Egito, abrindo espaço para afirmar a suposta superioridade do ocidente - europeu - sobre o oriente. Nesse

contraste com o “outro” é que as identidades vão sendo criadas e consolidadas. Os próprios autores da fonte analisada nesta dissertação - Giovanni e Sarah Belzoni - não escapam a esses discursos, como será apresentado no último capítulo. Segundo Gregory (1999), esse sentimento de desapontamento com o Egito trouxe a ideia de que se tratava de um lugar ambíguo. Para ilustrar, o autor cita a frase do viajante Charles Warner (*apud* GREGORY, 1999, p. 115), que afirma que “existe uma máscara de duplicidade e de dissimulação atrás da qual os orientais vivem”.²² Portanto havia um grande esforço por parte dos orientalistas em “afastar a máscara” e construir um Oriente transparente, “num projeto visivelmente sexualizado de descoberta, remover o véu”²³ (GREGORY, p. 115).

Ainda sobre essas questões, o autor apresenta muitos viajantes que descreveram o Egito como um “texto”, ou uma série de textos. Em diversas narrativas, o Egito aparece como um papiro ou pergaminho, representando um texto a ser desenrolado; ou um hieróglifo a ser decifrado e, até mesmo, um grande livro, difícil de ser lido. Com base nisso, a viagem ao Egito seria apresentada como um visível projeto hermenêutico, em que as obscuras inscrições culturais poderiam ser decifradas pelo educado leitor (GREGORY, 1999, p. 115). O poder colonial almejava tornar o Egito legível como um livro, dentro da linguagem e do entendimento ocidental. A produção do Egito como um espaço transparente fazia parte de um aparato chamado “o mundo como exibição”, onde os lugares descobertos pelos europeus eram traduzidos por e para eles, num constante jogo de definição do “outro” (GREGORY, 1999, p. 116). Ambas as metáforas apresentadas pelo autor, “teatro” e “texto”, em sua opinião, não são inocentes e nem foram utilizadas por acaso: dialogam com o poder e criam práticas e espaços de representação que operam por meio delas.

Em relação à terceira metáfora, que compreende o Egito como um “*script*”, Gregory (1999, p. 116) afirma que utilizá-la para descrever as práticas culturais que envolvem as viagens e o turismo ao longo do século XIX não é original. Os próprios guias de viagem da época, que apresentam um roteiro de lugares a serem visitados quase que em série pelos viajantes, revelariam, de alguma maneira, essa ideia. Como já discutido, muitos viajantes se preparavam para suas viagens lendo relatos de outros que já haviam feito a mesma rota e aderiam as sugestões de itinerários a

²² Texto original: “There is a mask of duplicity and concealment behind which the Orientals live”.

²³ Texto original: “[...] in a visible sexualized project of dis-covery, to remove the veil”.

serem seguidos. Entretanto, para o autor, essa perspectiva trabalha mais com a questão textual. A proposta de Gregory (1999, p. 116) é pensar nessa metáfora de maneira que perpassa tanto pela questão textual como pela imagética e performativa.

A partir disso, o autor compreende a “roteirização”²⁴ do Egito mais como o desenvolvimento de uma série de passos e sinais que produzem uma sequência narrativa de imagens acerca de determinado lugar, organizadas numa hierarquia de significância cultural (GREGORY, 1999, p. 116). Portanto, essa metáfora acentua a produção de lugares que vão além da narrativa textual, evidenciando a maneira pela qual a escrita de viagem é intimamente ligada à produção de imaginários, ou o que o autor chama de “geografias imaginárias”²⁵ (GREGORY, 1999, p.117).

Ao longo do século XIX, a produção de itinerários de viagens no Egito pelos europeus bem como a criação de imaginários sobre o local era, sobretudo, um ato de posse (GREGORY, 1999). Com isso, ocorre o que o autor chama de “caça-visual”²⁶, uma busca incessante por atrações e paisagens. Por exemplo, a cidade do Cairo era vista como um local peculiar aos visitantes estrangeiros. A maioria dos turistas era atraída não somente por antiguidades e monumentos, mas também pela vida do dia-a-dia nas ruas e bazares do Cairo e das vilas ao redor do rio Nilo. Como aponta Gregory (1999, p. 137), diversos viajantes revelam certa perplexidade ao estar imersos num local que se apresenta quase como um espaço anacrônico, no qual passado e presente coexistem. Por isso muitas representações sobre o Egito foram feitas nesse sentido, apresentando os contrastes de um passado distante, expresso pelos resquícios materiais deixados pelos povos antigos, e um presente moderno, com costumes e modos de vida completamente divergentes dos habituais. Logo, para muitos viajantes, o Egito faraônico e o Egito Moderno eram espaços completamente diferentes.

Desse modo, pensar as incessantes viagens europeias pelo Egito como um

²⁴ Palavra que refere-se ao termo *scripting* no inglês. No texto original, Gregory (1999) utiliza tal termo para discorrer sobre o ato de organizar o Egito por meio de uma narrativa sequencial de textos, imagens e objetos. Como trata-se de um termo importante para a compreensão das ideias do autor, optou-se por traduzi-lo, a fim de mantê-lo mais próximo do sentido original.

²⁵ De acordo com Derek Gregory, as geografias imaginárias seriam as representações feitas de lugares estrangeiros por viajantes europeus. Devido a sua formação em Geografia, o autor procura observar, em suas pesquisas, as habilidades de escritores ocidentais em criá-las, bem como a maneira como as produções de geografias imaginativas revelam uma interação entre poder, desejo e lugar (GREGORY, 1999, p. v).

²⁶ Em inglês o autor utiliza a expressão “*view-hunting*”.

“*script*” indica que culturas de viagem são coletivas: as rotas da maioria dos turistas são previamente planejadas, entretanto, as experiências adquiridas na viagem e no contato com os povos locais são individuais e singulares. Por isso, cada viagem contribui para a construção das camadas e sedimentação de imaginários, que moldam as expectativas e experiências dos subsequentes viajantes (GREGORY, 1999, p. 117). Como lembra Gregory (1999, p. 145), essas roteirizações estavam intimamente ligadas com a fabricação de um espaço de visibilidade construída: revelando e descobrindo um antigo Egito e exibindo um Oriente moderno e exótico.

No entanto, os imaginários sobre o Egito foram construídos com pouca ou nenhuma referência àqueles que lá viveram e suas produções tiveram consequências: para o autor, auxiliaram na construção de um novo Egito, “o Egito do canal de Suez, da ocupação britânica, de ‘Paris ao redor do Nilo’, dos acontecimentos que envolveram o auxílio de europeus e americanos - e seus interesses econômicos e políticos - em sustentar sucessivas elites egípcias” (GREGORY, 1999, p. 146). Além disso, esses imaginários auxiliaram na construção de um turista moderno, o que Gregory (1999, p. 46) chama de espectador-*voyeur* ou um consumidor-colecionador. Para o autor, esses aspectos estavam implicados no poder das práticas colonialistas, que instigaram turistas a experienciarem e a comandarem o Egito como uma “série de cenas disponíveis para sua própria edificação e entretenimento” (GREGORY, 1999, p. 146).

As ideias de Gregory (1999) até aqui expostas auxiliam nossa compreensão acerca de todo o imaginário que foi sendo construído sobre o Egito pelos viajantes que ali estiveram. Sejam interpretadas como teatro, texto ou *script*, essas visões perpetuam a noção de que este local deveria ser potencialmente explorado e apropriado pelos ocidentais. Para além, incitam a noção de viagem de aventura, cuja principal finalidade seria a de revelar o significado oculto daquele mundo (BEGHETTO, 2014), utilizando o resgate do passado egípcio como maneira de naturalizar a conquista e a espoliação das antiguidades. A própria ideia de aventura é considerada por pesquisadores, tais como Silberman (1996), Brepohl (2007) e Beghetto (2014) como um produto da exploração imperialista. Objetiva-se, no último capítulo, problematizar tais ideias, trazendo para a análise interpretações diversificadas sobre esta tradição de olhar que foi instituída ao Egito no decorrer do século XIX.

Com base em todas as questões expostas acima, compreende-se a

complexidade em torno da produção de narrativas de viagens. Como lembra Said (2007, p. 141-142), “as pessoas, os lugares e as experiências podem sempre ser descritos por um livro, tanto assim que o livro (ou um texto) adquire autoridade e até uso maior do que a realidade que descreve” e, dessa forma, “esses textos podem criar não só conhecimento, mas também a própria realidade que parecem descrever”. Partindo de toda a discussão promovida neste último item, é possível afirmar que muitos diários de viagem auxiliaram não somente na produção de imaginários sobre o Egito, mas também na legitimação de projetos e ações imperialistas por meio de seus discursos e na construção de identidades baseadas neles. Analisá-los, apesar de não ser uma tarefa fácil, pode mostrar-se muito produtivo ao conhecimento histórico e é pelas razões apresentadas que se escolheu um diário de viagem como principal documento para o desenvolvimento desta pesquisa. No próximo capítulo, esse documento será apresentado e discutido a partir do contexto de sua criação e de vida de seus autores.

2 OS BELZONI E A PILHAGEM DE ANTIGUIDADES EGÍPCIAS: UM ESTUDO DE CASO

Nas galerias de artefatos egípcios do Museu Britânico, são encontradas as mais variadas antiguidades que, já fora de seu contexto local, compartilham salas e prateleiras, chamando a atenção dos turistas e visitantes. Na sala intitulada *Mummy Room*, dentre diversas múmias, é possível notar uma cujos ossos são de animais, acredita-se que de um babuíno. Conforme Ivor Hume (2011), tal múmia teria desempenhado um papel importante em um dos capítulos mais polêmicos da história do antiquarismo. A evidência é visível em suas faixas, onde se pode notar uma pequena inscrição com a data de 1821 e o nome “Salt”. Um andar abaixo, na sala *Egyptian Sculpture Gallery*, encontra-se a estátua de Amenhotep III²⁷ e nela está cravado o nome “Belzoni”. Para Hume (2011, p. 1), esses dois nomes - Salt e Belzoni - juntamente com o exército britânico, teriam sido os responsáveis pela criação das coleções egípcias desse museu. A contribuição do exército se deu especialmente pelos espólios da guerra contra Napoleão, como será discutido no próximo item, porém os cônsules e viajantes, tais como Salt e Belzoni, teriam tido uma participação peculiar nesse processo. Ambos deixaram registros escritos informando a Europa acerca de suas conquistas no Egito, da coleta das antiguidades lá encontradas, venda e transporte para os museus. No entanto, suas narrativas contêm inúmeras divergências.

²⁷ Amenhotep III pertenceu a XVIII dinastia de faraós egípcios. Não se sabe ao exato as datas em que teria assumido o poder, mas estima-se que seu reinado tenha durado de 1386 a 1349 a. C. ou de 1388 a. C. a 1351.

FIGURA 1 - MÚMIA ANIMAL NO MUSEU BRITÂNICO COM A INSCRIÇÃO DO NOME HENRY SALT



FONTE: <http://www.britishmuseum.org/collectionimages>.

FIGURA 2 - ESTÁTUA DE AMENHOTEP III COM O NOME "BELZONI" INSCRITO



FONTE: Hume (2011).

FIGURA 3 - NOME DO BELZONI CRAVADO NA BASE DA ESTÁTUA DE AMENHOTEP III



FONTE: Hume (2011).

Por meio do diário de viagem *Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia* (1821), de autoria de Giovanni Belzoni, tem-se acesso a informações sobre as escavações que este antiquarista empreendeu ao longo dos anos que esteve no Egito, seu envolvimento com a população local, suas impressões sobre a cultura egípcia, antiga e moderna, e sua relação com o Império Britânico. Giovanni Belzoni escreveu o diário com a intenção de se afirmar enquanto dono das coleções de antiguidades que escavou no Egito, de forma a contestar o cônsul-geral britânico, Henry Salt, que financiou as expedições do antiquarista e que clamava para si o mérito pelas antiguidades recolhidas.

A tensão entre Salt e Belzoni gerou muitas dúvidas sobre o que de fato ocorreu e sobre quem deveria ou não levar o nome nas coleções, segundo os biógrafos deste (HUME, 2011; MAYES, 2010). Por um lado, Belzoni teria escavado os objetos antigos, negociado com o vice-rei a mão de obra dos trabalhadores locais e elaborado as estratégias para locomover peças grandes e excessivamente pesadas, como o busto de Ramsés II ²⁸. Em contrapartida, o cônsul britânico financiou as escavações e negociou as vendas com os representantes dos museus e colecionadores particulares. Nessa disputa, Salt tinha certas vantagens: era britânico, um homem intelectual e da elite e, por isso, acredita-se que, até hoje, os ingleses reconheçam a coleção como dele e não do Belzoni, como é possível

²⁸ Ramsés II, filho de Séty I, foi o terceiro faraó da XIX dinastia egípcia. Seu reinado se estendeu de 1279 a.C. e 1213 a.C., sendo este um dos mais longos reinados da história egípcia antiga.

observar pelas placas informativas das peças no Museu Britânico, que levam o nome de Salt, e não o do italiano nas descrições²⁹.

Segundo Hume (2011), um almejava ser maior do que seu posto de cônsul permitia, o outro desejava ser reconhecido por suas habilidades ao invés de sua estrutura física e força. No fim, ambos buscavam reconhecimento: Salt queria *status* social e Belzoni aceitação acadêmica. Trata-se de uma história de disputas, inveja, rivalidades e ambição (HUME, 2011, p. 3). Tais aspectos, no entanto, não são exclusivos da relação entre esses dois personagens, mas permeiam toda a história do antiquarismo no Egito.

Independente de quem deveria levar os méritos da coleção, vale atentar para esse impasse entre os dois com a intenção de evidenciar que a relação entre viajantes e cônsules - representantes do Estado - era algo comum que marcou a experiência do antiquarismo no Egito ao longo do século XIX. Diante disso, faz-se necessário conhecer um pouco sobre o antiquarismo no período estudado, por se acreditar que a inserção da fonte no contexto da sua própria construção é uma maneira valiosa de compreendê-la. Por isso, este capítulo será dedicado aos meandros que permeiam a documentação: o antiquarismo no Egito, novas perspectivas para o estudo das escavações e seu contexto político, breve explicação sobre os autores do diário e, por fim, detalhamento da obra.

2.1 ANTIQUARISMO NO SÉCULO XIX: O INÍCIO DE UMA PRÁTICA ESTATAL

Como já mencionado, imagens e símbolos do passado desempenham papéis poderosos no presente (SILBERMAN, 1996) e, por isso, durante muito tempo a posse de antiguidades simbolizou prestígio e poder para aqueles que as adquiriam³⁰. Ao se estudar a história do antiquarismo, é comum se deparar com indivíduos que recorriam ao passado a fim de mostrar sua posição na sociedade por meio de metáforas, referindo-se aos grandes feitos de antigos homens (DIAZ-

²⁹ Contudo a coleção egípcia exposta no Museu Britânico já foi atribuída a Giovanni Belzoni, tendo sido posteriormente alterada como pertencente ao cônsul inglês Henry Salt, o que passa a impressão de que esse debate sobre a autoria da coleção, de algum modo, ainda é atual.

³⁰ Assim como outros imperadores da época, Dom Pedro I também se preocupou em adquirir antiguidades para o Brasil. Com a fundação do Museu Real em 1818 as peças passaram a serem expostas e abertas ao público para visitação. Em 1826, por meio de um leilão, o imperador arrematou uma cole o de artefatos egípcias cuja origem se supõe ser das escava es de Giovanni Belzoni. Atualmente as peças se encontram no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Fonte: <http://www.museunacional.ufrj.br/guiaMN/Guia/paginas/4/leilao.htm> Acesso em: 21/11/2016.

ANDREU, 2001). Pode-se dizer que o antiquarismo se desenvolveu em parte graças a esses indivíduos, colecionadores de antiguidades, cujo interesse no passado estimulou o financiamento de expedições em terras longínquas somente para a aquisição de objetos antigos.

A partir disso, acredita-se que os novos paradigmas em torno da atividade arqueológica, que antes era vista como neutra e auxiliar da História, têm permitido que se questione, também, o entendimento das práticas antiquaristas. Tais questionamentos chamam a atenção para o fato de que a escavação e a preservação da cultura material não são neutras, mas permeadas por interesses políticos, culturais, ideológicos e econômicos e, em decorrência disso, influenciam diretamente o entendimento sobre o passado (SANFELICE, 2012). Sendo assim, ao longo da pesquisa, leituras sobre o surgimento da Arqueologia e as diferentes intenções no financiamento dessa disciplina tornaram-se necessárias³¹, em primeiro lugar porque as perspectivas de análise que trabalham com o próprio antiquarismo são escassas e, apesar de terem suas especificidades, verificou-se que essas duas áreas tiveram suas histórias entrelaçadas (SCHNAPP, 2008). Em segundo lugar, porque esse novo viés analítico serviu de inspiração para que se pensasse não somente no desenvolvimento do próprio antiquarismo, que ao longo do século XIX está cada vez mais ligado com questões políticas, mas também no surgimento de uma disciplina cuja gênese, assim como a da Arqueologia, se dá num contexto de práticas de escavação baseadas no financiamento e interesse político de nações modernas: a Egíptologia.

Nesse sentido, entender o contexto de escavação do início do século XIX - época em que as maiores coleções de antiguidades egípcias foram levadas para a Europa - permite questionar nosso conhecimento sobre o Egito Antigo e pensar também sobre os silenciamentos empreendidos durante esse processo. No entanto, para situar o leitor nessas questões, inicialmente será feita uma discussão sobre o antiquarismo no Egito, a fim de destacar suas peculiaridades, e em seguida será abordada a maneira como isso se liga com os interesses políticos das nações europeias e o desenvolvimento da Egíptologia nesse momento.

Sobre o antiquarismo no Egito especificamente, Jean Vercoutter (2002) afirma que as riquezas e a monumentalidade de suas construções atraíram, desde a

³¹ Textos de Laurent Olivier, Margarita Diaz-Andreu, Pedro Paulo Funari e Neil Silberman citados na introdução.

Antiguidade, viajantes e espoliadores de objetos. Segundo o autor, nesse local, a pilhagem de artefatos não é restrita apenas ao século XIX, mas teria sido iniciada pelos próprios egípcios na Antiguidade e continuado depois, no tempo dos imperadores romanos e bizantinos que levam do Egito monumentos, obeliscos, esfinges, estátuas, entre outros, destinados à ornamentação de suas capitais, Roma e Constantinopla. Constata-se que boa parte das sociedades antigas, sejam elas pobres, simples ou organizadas de maneira mais complexa, já demonstravam uma necessidade de garantir uma relação e contato com seu passado (SCHNAPP, 2008, p. 396). Tal atividade encontrou-se, por muito tempo, relacionada ao exercício político, antiquários sempre estiveram ao lado de governantes e príncipes, com a finalidade de coletar, interpretar e apropriar o passado. Conforme Alain Schnapp (2008, p. 396), estudioso do antiquarismo, não há razões para negar tais usos do passado por parte dessas sociedades. No século V d.C., ao tornar-se uma província do Império Árabe, o Egito fica quase inacessível aos não muçulmanos. A partir desse período, os monges, viajantes por ofício na Idade Média, têm importante papel na disseminação de informações sobre o Egito, pois em sua missão de evangelização do mundo passam pelo Oriente Médio e pelo norte da África, produzindo narrativas sobre o local (VERCOUTTER, 2012, p. 19).

Durante o período do Renascimento, no entanto, Rosalie David (2003) afirma que as elites europeias começaram a se interessar pela cultura material de sociedades antigas - em especial aquelas que eram consideradas grandes civilizações, como a grega, a romana e a egípcia -, de uma maneira nunca conhecida antes. Além de simbolizar poder, o conhecimento sobre essas sociedades alimentava as novas aspirações civilizacionais da época, voltadas para a cultura clássica, e de grandes homens da Antiguidade. A partir da Renascença, colecionar artefatos egípcios virou moda na Europa, intensificando as pilhagens e incentivando também o trabalho de viajantes antiquaristas. Então, entre a elite europeia desenvolveu-se um grande entusiasmo em adquirir objetos provenientes do Antigo Egito; por exemplo, os reis da França eram ávidos colecionadores, e, na Inglaterra, Dr. Hans Sloane, cujas coleções deram início ao Museu Britânico, adquiriu numerosas antiguidades egípcias (DAVID, 2003, p. 7). Como resultado, colecionadores estrangeiros começaram a conduzir suas próprias escavações no nordeste africano. Removiam de dentro das tumbas papiros, joias, adornos, múmias, esculturas e até mesmo arrancavam das paredes decorações e inscrições quase

como uma “caça ao tesouro”, práticas que não iriam cessar até o final do século XX (DAVID, 1999, p. 8). Além disso, alguns indivíduos reconheceram o considerável potencial financeiro em escavar antiguidades e, por isso, esta atividade passa a ganhar cada vez mais adeptos (DAVID, 2003, p. 7).

A intensificação das escavações de antiguidades, de acordo com David (2003), influenciou na constituição de coleções em museus nacionais, que estavam em processo de formação e desenvolvimento nesse período. Em 1756, quando o Museu Britânico é criado, diversas coleções particulares de antiguidades passam a ser expostas nele, deixando de se restringir ao uso privado, sendo legadas ao uso público. As exposições nos museus possibilitavam que as pessoas tivessem conhecimento da extensão do império que as formou, das terras aonde chegou e daquilo que conquistou. É uma maneira visível de conhecer os domínios e a preponderância dos impérios e, por isso, os museus operam como expositores de uma grande herança cultural. Devido a isso, acredita-se que a formação dos museus nacionais europeus tem forte ligação com as aspirações do próprio Império, o Britânico no caso deste estudo. Estudar o contexto de constituição dessas coleções permite que se tenha um maior conhecimento sobre a função dos próprios museus no período considerado.

Embora o antiquarismo tenha viabilizado a fundação de grandes coleções museológicas que até hoje constituem um vasto recurso de material para ser estudado, tal atividade teria causado, também, sérias consequências e danos para a cultura material. Segundo David (2003, p. 7), boa parte dos artefatos foi removida de seu contexto arqueológico e, conseqüentemente, uma série de informações sobre eles, como sua proveniência, data de criação e finalidade de uso ficaram completamente inacessíveis para a sociedade, abrindo espaço para qualquer tipo de interpretação. Como lembra Martha Morales (2010), o artefato não produz discursos por conta própria. É o pesquisador que, com base em seu referencial teórico, dá um sentido para o objeto, produzindo uma interpretação a seu respeito. Vale atentar para a questão de que não é o artefato que distorce a realidade e sim os discursos que são feitos em torno dele (MORALES, 2010, p. 27-28).

Com base na discussão acima, pode-se afirmar que o papel da ciência se torna indispensável para a compreensão da relação entre o Egito Antigo e os impérios europeus no século XIX. Sob o estigma da ciência, boa parte dos argumentos sobre a cultura material egípcia é considerada verdadeira, pois a ciência

é vista como neutra e objetiva no período. Como resultado, muitos estados nacionais investiram em estudos científicos como uma forma de legitimação de seus discursos.

A relação desses estados com o governo egípcio foi uma estratégia eficaz para um maior acesso às antiguidades, porém a caça incessante à cultura material do Egito Antigo acelerou a destruição de boa parte das construções antigas (DAVID, 2003). Afaf Marsot (2007), estudioso da história do Egito, esclarece que, na primeira metade do século XIX, a exploração dos monumentos e artefatos antigos foi facilitada pelo governo de Muhammed Ali que optou por modernizar a região, após tornar-se vice-rei do Egito em 1805 - sob a tutela do Império Otomano. O vice-rei egípcio abriu as portas para tecnologias estrangeiras, estreitando as relações entre egípcios e europeus. Com a intenção de criar uma indústria na região, contratou diversos técnicos entre 1810 e 1850, dentre eles Giovanni Belzoni. Nesse contexto de transformação tecnológica e econômica, as antiguidades egípcias acabaram sendo utilizadas como uma espécie de moeda de troca e, por isso, os museus ocidentais foram facilmente alimentados com coleções adquiridas pelos europeus (DAVID, 2003, p. 16).

Conforme Vercoutter (2002), os cônsules estrangeiros estabelecidos no Egito também exerceram importante papel no comércio das antiguidades, já que estendiam suas relações diplomáticas, atuando como agentes locais, a fim de adquirir com mais facilidade os artefatos antigos e enviá-los à Europa. Seu contato com o vice-rei egípcio facilitava a obtenção de autorizações para recrutar mão-de-obra nativa para as escavações e transporte de monumentos. Vercoutter (2002, p. 61) destaca que os cônsules ficaram mais bem situados que qualquer outro, pois eles tinham maior acesso ao vice-rei e, em contrapartida, o próprio vice-rei muitas vezes precisava dos cônsules para trazer da Europa as máquinas necessárias à indústria nascente.

Com o acirramento do desejo pelas peças egípcias e o estabelecimento dos cônsules europeus, escavadores de diferentes locais do mundo passaram a competir pela aquisição das melhores peças e, posteriormente, essa competição se ampliou, estendendo-se para uma disputa entre nações. Para Neil Silberman (1995), o interesse em relíquias do passado combinado com a emergência de novas normas sociais e ideais de civilização, baseados nos clássicos, estabeleceu um novo tipo de antiquarismo, com maior envolvimento das nações, que se afastava cada vez mais das coletas aleatórias e das expedições de curiosos homens nobres, peregrinos e

reis.

A partir disso, é possível destacar a presença dos impérios francês e inglês no Egito, cujas tentativas de dominar a região não se limitavam apenas a uma simples conquista territorial, estendendo-se também ao domínio da cultura material antiga e de todas as simbologias que estas traziam consigo, e foram muito bem utilizadas pelos representantes das nações. Conforme Rosalie David (2003), quando o Império Francês, sob o comando do general Napoleão Bonaparte, empreendeu, em 1798, sua expedição ao Egito não somente militares, mas também eruditos, artistas, cientistas e, claro, antiquaristas tiveram o local como destino. Os pesquisadores faziam parte da Comissão de Ciências e Artes desenvolvida durante o governo de Bonaparte que tinha como principal missão reunir o máximo de informações culturais e tecnológicas possíveis para auxiliar o general na colonização e no governo do território egípcio. A Comissão permaneceu durante anos no local, mapeando territórios, aprendendo sobre os costumes locais e coletando antiguidades e espécies naturais da flora e fauna. (DAVID, 2003, p. 17). Em menos de três anos, com todas as informações obtidas pela Comissão, foi possível a publicação da obra *Description de l'Égypte*, em 1829, que teve mais de mil exemplares impressos. Graças a essa e outras publicações sobre esta expedição, segundo Vercoutter (2002), é que a Europa faz ideia do número, da riqueza e da beleza dos monumentos egípcios.

Aqui é importante atentar para o fato de que Napoleão alimentou uma nova tradição de conquista imperial: trata-se de uma expedição “científica” e militar. Apesar das expedições científicas já serem algo recorrente nas viagens europeias, como discutido no capítulo anterior, nas expedições napoleônicas, o exército e a comissão científica andavam lado a lado: ao mesmo tempo em que os militares conquistavam por meio da força, os cientistas tentavam fazer o mesmo de maneira ideológica e por meio do conhecimento. Nota-se que o papel da ciência é de tanta importância quanto o do exército para a conquista do local.

Por isso, presume-se não se tratar apenas de um interesse superficial quando se observa que entre os séculos XVIII e XIX o Egito atrai olhares com intenções cada vez mais científicas. Pode-se afirmar que as ciências acompanhavam as mudanças que estavam ocorrendo no interior das sociedades europeias naquele período. A Egiptologia surge não apenas para suprir a falta de conhecimento e curiosidade sobre os egípcios antigos, mas também para responder

a demandas políticas, ideológicas, econômicas e culturais da França do século XIX e, posteriormente, de outros impérios, como o britânico. (JUNQUEIRA, 2012, p. 227).

De acordo com David (2003), dois acontecimentos teriam sido de extrema importância para o desenvolvimento desta ciência: a expedição militar de Napoleão Bonaparte (1769-1821) ao Egito e a decifração dos hieróglifos por Jean-François Champollion (1790-1832), que possibilitou, com o desvendamento da antiga escrita egípcia, que o conhecimento sobre sua sociedade se aprofundasse cada vez mais no Ocidente. A expedição napoleônica provocou transformações no colecionismo de artefatos de algumas nações europeias, que passaram de coleções de antiquários e naturalistas para programas institucionais sancionados pelo Estado, visando os interesses deste (LEASK, 2002). Após a decifração dos hieróglifos por Champollion, houve ainda mais demanda por esses objetos antigos, para fins de estudo e tradução, conforme David (2003). Essa descoberta marcou um grande avanço no estudo do Antigo Egito, sinalizando o início da Egiptologia. Dessa feita, surgem diversos projetos de escavação científica no Egito, porém a pilhagem amadora de artefatos continua paralelamente. Pode-se afirmar, então, que, nesse momento, o antiquarismo convive, ao mesmo tempo, com os novos estudos científicos e métodos de escavação. Contudo é possível perceber em ambas as práticas, científicas ou não, a participação e suporte dos Estados Nacionais.

No caso francês especificamente, as historiadoras Renata Garraffoni e Raquel Stoiani (2006) mostram que os esforços de Napoleão em estruturar seu poder e se legitimar como figura política não se restringiram apenas aos campos de batalhas e em seu poderio militar, mas também às escavações de antiguidades e estudos sobre o Mundo Antigo. Então, o investimento nos estudos sobre os povos da Antiguidade passou a fazer parte de sua política (GARRAFFONI; STOIANI, 2006, p. 70). Segundo as autoras, durante o período napoleônico na França, que se encontrava sob os recentes impactos da Revolução Francesa, tencionou-se conhecer quais as origens históricas da Nação, num processo de redefinição da identidade francesa e de construção da própria imagem pública do general. Com a intenção de criar uma identidade para a sociedade francesa durante seu império, Bonaparte incentivou pesquisas arqueológicas voltadas para os grandes acontecimentos da Antiguidade, elaborando sua figura pública com base nas virtudes cívicas dos grandes líderes do passado, em especial o clássico. Garraffoni e

Stoiani (2006, p. 76) afirmam que os investimentos de Napoleão no estudo do passado permitiram a criação, para contemporâneos e para a posteridade, de um vasto repertório de imagens de suas ações como momentos heroicos, carregados de tons dramáticos, que tinham como objetivo sua própria exaltação.

À vista disso, os povos da Antiguidade ressurgiram no período napoleônico por meio dessas revisitas ao Mundo Antigo. Gregos, romanos, celtas e egípcios são recolocados no cotidiano francês, seus principais símbolos revisitados, produzindo imagens muitas vezes específicas desses povos, buscando definir a identidade nacional francesa e justificar seu domínio perante outros povos (GARRAFFONI; STOIANI, 2006, p. 77). Nesse contexto, para as historiadoras, a nascente Arqueologia desempenha um importante papel como uma mediadora da relação entre passado antigo e política moderna, pois ao escavar a cultura material das antigas sociedades, fornece ao Estado que a financia meios de reinterpretar o passado com base em seu contexto e aspirações. No caso do governo napoleônico, as escavações teriam fornecido as bases necessárias para a criação de uma França moderna, e o uso da nascente Arqueologia francesa teria finalidades bem definidas, com a intenção de estabelecer laços com o passado para moldar as identidades do presente (GARRAFFONI; STOIANI, 2006, p. 77).

O caso britânico, apesar de suas peculiaridades, não foi muito diferente. O governo inglês também viu vantagens em se utilizar do passado antigo por meio de simbologias que legitimassem a extensão e o poder de seu império, ao se comparar com o passado. O investimento na busca de antiguidades, no estudo científico delas e, também, na criação de um museu nacional se fez presente nesse contexto.

2.1.1 O antiquarismo britânico

Até agora, discutiu-se a participação ativa do Estado francês nas escavações e espoliação de antiguidades, financiando o trabalho de diferentes estudiosos no Egito e em outras regiões que continham artefatos de valor. No caso da Inglaterra, por muito tempo, houve uma percepção entre os pesquisadores do tema de que, diferentemente do que ocorreu na França, a formação das coleções nacionais britânicas não teria sofrido tanta intervenção estatal, sendo fruto das doações feitas por indivíduos ricos que obtinham coleções particulares de objetos antigos. Entretanto, o historiador Holger Hoock (2007, p. 49) questiona essa

informação, tratando-a como parcialmente correta, uma vez que considera que a Revolução Francesa e o período napoleônico teriam marcado uma mudança decisiva na forma como o Império Britânico se preocupava com as artes e com as ciências. Impulsionado inicialmente pela rivalidade com a França, há uma intensificação das operações de escavação e maior investimento em antiguidades por parte do Estado inglês, que passa a investir nessas questões. Por isso, para Hooock (2007, p. 50), a aquisição da maioria das coleções de antiguidades do Museu Britânico não pode ser explicada sem que se leve em conta o poder militar e o alcance territorial do Império Britânico, bem como seu considerável investimento em recursos materiais e humanos destinados às pesquisas arqueológicas.

Conforme o historiador, muitas pesquisas sobre o tema ignoram a ação do Estado Britânico na formação de coleções nacionais por considerarem apenas os tipos de patrocínio públicos presentes na Europa continental, como no caso da Comissão de Ciências e Artes formada por Napoleão, o que de fato não se encontra na Inglaterra nesse período (HOOOCK, 2007, p. 50). O autor afirma que para que se possa compreender o surgimento do acervo do Museu Britânico deve-se, primeiramente, conhecer sobre a relação entre o estado e as ciências na Inglaterra e, depois, sobre as disputas entre esta nação e a França. Hooock propõe uma discussão que busca rever o papel do Estado e da Nação inglesa na construção da memória e dos museus nacionais.

As rivalidades entre a França e a Inglaterra, existentes desde a Idade Média, tiveram papel relevante na pilhagem de antiguidades no século XIX, porque, como aponta Hooock (2007, p. 50), elas acabavam por refletir interesses políticos e nacionais. Ao preencher o Museu do Louvre com objetos de valor obtidos em suas expedições, Napoleão ilustrava a grandeza de suas conquistas em campos de batalha como forma de afirmar seu poder. No início deste século, artistas, políticos, viajantes e colecionadores ingleses foram a Paris a fim de conhecer as novas galerias de antiguidades do Louvre, inauguradas no governo de Napoleão. Logo o Estado Britânico igualmente passou a se preocupar em expor suas vitórias, resultando na formação de coleções de tesouros antigos também, o que acabaria por envolver a participação de cônsules e embaixadores (HOOOCK, 2007, p. 51).

Por essas razões, é possível considerar que o acervo egípcio no Museu Britânico é resultado direto da disputa entre os rivais imperiais de longa data: Grã-

Bretanha e França³². Em 1803, o Museu Britânico funda seu próprio Departamento de Antiguidades e as peças adquiridas pelo exército britânico, com a derrota dos franceses no Egito, alguns anos antes são transferidas para o Museu como um presente do Rei George III. Estas teriam sido as primeiras esculturas egípcias de tamanho considerável a serem levadas para a Grã-Bretanha (EDWARDS, 1953, p. 14). Segundo Hoock, a fundação dessas coleções representava a aquisição de “troféus memoráveis da glória nacional [...] por armas vitoriosas da Majestade” (HOOCK, 2007, p. 57).

Na falta de leis internacionais que regulassem a espoliação de antiguidades naquele período, convencionou-se que a nação que encontrasse um objeto antigo teria direito legítimo a ele sob o pretexto de que era fundamental que qualquer país da Europa ocidental resgatasse aquele passado, de forma a não permitir que ficasse sob o domínio de nativos bárbaros (HOOCK, 2007, p. 56). Essas justificativas reforçavam a pretensão britânica de ser a herdeira digna das grandes civilizações antigas e, ainda, a noção de que os modernos habitantes da Grécia, Ásia Menor e Egito eram incapazes de cuidar dos objetos antigos. Para além disso, que era dever dos europeus proteger as antiguidades, removendo-as dos locais onde supostamente estavam em risco (HOOCK, 2007, p. 57). Tais justificativas se ligam diretamente com ideais de civilização que estavam se desenvolvendo nesse momento, por isso, resgatar o passado antigo das mãos de povos selvagens, como se acreditava, era quase uma “missão civilizadora” para com as antigas sociedades. Já que, diferentemente das populações modernas da África e Ásia, aos olhos dos europeus, as civilizações antigas eram gloriosas e dignas de serem resgatadas.

A partir dessas questões, é importante destacar a participação do que Hoock (2007, p. 52) chama de ambiciosos “homens marginais”, como Giovanni Belzoni e Bernardino Drovetti³³. Sujeitos que se encarregavam de formar coleções tanto para a França quanto para a Inglaterra, seja para fins particulares ou para o Estado e, ao

³² Mesmo com a retirada das tropas militares francesas das terras egípcias em 1801, com a derrota para a Inglaterra, continuou existindo certo controle europeu nesse local, pois diversos setores da sociedade passaram a ser controlados pelos ingleses, como as finanças públicas, os portos e a polícia. A derrota, no entanto, não impediu que muitos franceses permanecessem no local, para onde continuavam a enviar seus cônsules e representantes (Junqueira, 2010, p. 204).

³³ Bernardino Drovetti e Henry Salt foram os cônsules gerais da França e da Inglaterra no Egito, respectivamente e rivais em suas funções. Ambos formaram coleções de antiguidades que podem ser atualmente encontradas em museus europeus. Já Giovanni Belzoni, autor da documentação analisada neste trabalho, trabalhou a serviço de Henry Salt e coordenou grandes escavações no Egito.

mesmo tempo, produziam discursos que reforçavam as ideias de superioridade cultural, tão recorrentes no contexto em estudo. Essas questões, na opinião do autor, permitem sair da dicotomia entre financiamento público e privado, possibilitando considerar a existência de diferentes interesses na busca por antiguidades, que poderiam estar sobrepostos inclusive (HOOK, 2007, p. 52).

Nesse sentido, Hooock (2007, p. 52) afirma que as coleções britânicas seriam fruto de uma parceria pública e privada: sendo, num primeiro momento, formadas por doações e compras individuais e, num segundo momento, resultado de expedições oficiais promovidas pelo Estado, como ocorreu no Egito. A iniciativa individual de viajantes continuou sendo de extrema relevância para o sucesso e desenvolvimento da Arqueologia e da Egíptologia na Inglaterra, no entanto, cada vez mais o Estado Britânico passou a usar seu poderio militar e sua influência diplomática para fins científicos. Tais questões devem ser levadas em conta, não apenas ao se pensar no caso egípcio, mas também em outras áreas em que houve antiquarismo e escavações feitas por essas potências imperiais ao longo do século XIX.

Sendo assim, as expedições com finalidade de escavação na África Central e do Norte, na Ásia Menor, na Mesopotâmia e na Grécia estariam inextricavelmente ligadas a disputas por influência de poder, militares e diplomáticas nessas regiões. O conflito militar das nações acabou estendendo-se para uma disputa que seria, também, cultural e civilizacional. Ao se compararem com as grandes civilizações do passado, os Estados europeus hierarquizam as sociedades, ao mesmo tempo em que classificam os povos do moderno Egito como selvagens e incapazes de cuidarem de seus patrimônios (HOOOCK, 2007, p. 53).

Tais questões estariam ligadas a novos ideais de civilidade e superioridade cultural por parte de nações como a Inglaterra. Como já discutido no primeiro capítulo, o século XVIII é marcado por ser o momento em que os impérios europeus se afirmaram como centro da civilização e, por isso, não é surpreendente encontrarmos relatos da época de países como França, Alemanha e Inglaterra que retratam outros lugares do mundo, considerando-os inferiores em termos civilizacionais. Norbert Elias (1994) discute que o conceito de civilização refere-se a diversos aspectos nesse momento, tais como nível de tecnologia de uma sociedade, conhecimentos científicos, ideias religiosas, costumes e tradições, entre outros. Contudo, ao pensar sobre a função geral de tal conceito, considerando-se qual a

característica comum que permite que todas essas atitudes e atividades humanas sejam classificadas como civilizadas, Elias aponta que

[...] este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas "mais primitivas". Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais" (ELIAS, 1994, p. 24).

No período tratado, em especial para a nobreza e a burguesia europeias, que estavam cada vez mais envolvidas com noções de civilidade e civilização, torna-se essencial o conhecimento e o estudo de diferentes sociedades, que serão cada vez mais classificadas dentro dos padrões civilizada/não civilizada. As autoimagens nacionais representadas por conceitos de cultura e civilização assumem formas muito diferentes em cada nação, porém, apesar das diferenças, todos "consideram axiomático que a sua é a maneira como o mundo dos homens, como um todo, quer ser visto e julgado" (ELIAS, 1994, p. 25). Nesse sentido, é que se pode pensar na contribuição dos relatos de viagens para a construção e reafirmação de ideais de civilização, principalmente por causa das comparações que são feitas entre diferentes sociedades em tais relatos, reproduzindo em alguma medida as noções em questão. Com base nisso, é que será analisado o estudo de caso apresentado no próximo item.

2.2 GIOVANNI E SARAH BELZONI

Giovanni Battista Belzoni nasceu na cidade italiana de Pádua, em 5 de Novembro de 1778. Seu envolvimento com o antiquarismo é curioso, pois, segundo seus biógrafos, foi totalmente por acaso (HUME, 2011; MAYES, 2010). Belzoni teve diversas ocupações até começar a atuar como antiquarista. Aos 17 anos, mudou-se para Roma a fim de estudar hidráulica, todavia o local se encontrava em um período de tumulto político, devido a invasão das tropas napoleônicas. Segundo Hume (2011, p. 6), com receio de ser recrutado pelos franceses, o italiano opta pela vida eclesiástica e inicia seus estudos num monastério. No entanto, os estudos de Belzoni são interrompidos quando os franceses chegam a Roma e, segundo o

próprio Belzoni (1820), tal fato o impulsionou a deixar o local e viajar por diversas partes da Europa, dentre elas Holanda e Inglaterra.

Em solo britânico, onde morou por nove anos, Belzoni trabalhava junto com sua esposa Sarah vendendo jogos de sua própria invenção em feiras e também se apresentando com um grupo circense em teatros de várias cidades inglesas, inclusive no *Sadler's Wells Theatre*, em Londres. De acordo com um de seus biógrafos, Ivor Noel Hume (2011), Belzoni era um homem bonito, muito alto e com uma força incomparável, aspectos que sempre aparecem nas descrições feitas por seus contemporâneos. Por conta de seu físico, atuava nos teatros como *strongman*, fazendo provas de força. Seu número mais conhecido, que lhe rendeu o apelido de “Sansão Patagônio”, era a “pirâmide humana”, em que levantava uma dúzia de pessoas de uma só vez (SILIOTTI, 2007, p. 164).

Em 1812, Belzoni e Sarah decidem sair da Inglaterra e iniciam suas viagens por diversos locais da Europa, como Portugal, Espanha e Malta. Em 1814, quando chegam a Malta, conhecem o capitão Ismail Gibraltar, emissário do vice-rei egípcio Muhammed Ali, que propõe a Belzoni uma oferta de trabalho no Egito, considerando seus conhecimentos em hidráulica. Como já discutido, o vice-rei estava empreendendo uma série de investimentos em questões agrícolas e de irrigação, buscando trazer para o Egito engenheiros europeus que pudessem apresentar novas técnicas e conhecimentos. Contudo, de acordo com Mayes (2010, p. 23), não se sabe ao exato se de fato Belzoni tinha muitos conhecimentos em hidráulica. Segundo o autor, quando escreveu seu diário, o viajante já gozava de certa fama e, por isso, em suas narrativas, daria tanta ênfase para seus conhecimentos científicos. Por exemplo, em seus relatos, nada é mencionado sobre seu trabalho como *strongman* na Inglaterra; mesmo o autor contando um pouco de sua biografia na obra, essas informações são omitidas de sua narrativa. Por outro lado, enfatiza seus estudos em hidráulica e, ao longo de sua narrativa, é perceptível um desejo de Belzoni em ser reconhecido como cientista³⁴ (MAYES, 2010, p. 107-109).

³⁴ Ao contrário de boa parte dos viajantes citados no primeiro capítulo, Belzoni não fazia parte da aristocracia e nem da burguesia e, conforme Vercoutter (2002, p. 121), chegou ao Egito completamente despreparado, sem saber muito sobre sua história. Há indícios de que Belzoni não era um homem culto e não teria tido acesso a tantos livros quanto outros viajantes que estiveram no local, como Gustave Flaubert. Contudo, no momento em que escreve seu diário, já possuía um conhecimento maior, pois além dos saberes proporcionados pela própria experiência da viagem, o viajante teve acesso à biblioteca de Salt, que o instigou a estudar sobre o local para uma melhor realização das escavações (VERCOUTTER, 2002, p. 121)

De fato, os conhecimentos de Belzoni não foram suficientes e sua máquina hidráulica foi um completo desastre. Acompanhado de sua esposa e de um empregado irlandês, Belzoni vai ao Egito com a intenção de criar uma máquina hidráulica que se destinava à irrigação dos campos e que tinha como objetivo substituir a tradicional roda d'água. Porém, ao apresentá-la ao vice-rei egípcio, ocorre um erro de funcionamento, que foi suficiente para convencê-lo de que a invenção de Belzoni não serviria. Com o fracasso da invenção e a necessidade de encontrar um trabalho para se sustentar é que o viajante se depara com a possibilidade de se tornar antiquarista (VERCOUTTER, 2002, p. 68).

Nesse momento, Henry Salt, membro do conselho de administração do Museu Britânico, é nomeado cônsul-geral da Inglaterra no Egito e a pedido do diretor do Museu Britânico, Sir Joseph Banks, estaria em busca de constituir coleções de antiguidades. É nesse contexto que Salt contrata Belzoni. Em uma carta pública do *Foreign Office* destinada a Salt, é solicitado que ele “antecipe seus rivais franceses na coleta de materiais antigos” (*Public Record Office*, F.O. 24/6 *apud* MAYES, 2003, p. 114). Tal fato mostra a importância que o colecionismo de antiguidades adquire para o Estado a partir de então, em especial pela influência da rivalidade entre as nações.

Em seu diário, Belzoni descreve muitas disputas com outros colecionadores de antiguidades, principalmente com o cônsul-geral da França, Bernardino Drovetti, e seus funcionários. Bernardino Drovetti (1776-1852), de origem piemontesa, chegou à terra dos faraós em 1803 e, sete anos depois, foi nomeado cônsul geral da França no Egito. Conforme Hume (2011), Drovetti era tão francês quanto Belzoni era britânico. Estes fatos nos dão noção da situação dos muitos italianos que optavam por auxiliar um dos dois impérios - francês ou britânico - nessa busca incessante por artigos de antigas civilizações. De acordo com David:

Drovetti e Salt estavam frequentemente competindo para obter as melhores antiguidades para seus clientes, especialmente desde que o governante egípcio, Muhammad Ali, se mostrou ansioso para manter os favores tanto da França quanto da Grã-Bretanha e concedeu permissão para ambos escavarem nos mesmos sítios. Suas equipes trabalharam em uma atmosfera de rivalidade e estavam dispostos a usar suborno e violência para obter os melhores tesouros. Salt contratou um agente particularmente bem-sucedido, Belzoni. Um dos maiores sucessos de Belzoni foi remover a parte superior de uma enorme estátua de Ramsés II de Tebas (Luxor) até o

Museu Britânico. (DAVID, 2003, p. 16)³⁵

Segundo Vercoutter (2002), as coleções de Drovetti estão expostas atualmente no Museu do Louvre, na França; no Museu de Antiguidades Egípcias, em Turim, na Itália; e no Museu de Berlim, na Alemanha. As coleções de Henry Salt, reunidas boa parte por Belzoni, também tiveram múltiplos destinos: a primeira é vendida ao Museu Britânico em 1818, e algumas peças são oferecidas a colecionadores particulares. A segunda é comprada por Carlos X e vai para o Museu do Louvre em 1824. A terceira coleção, com 1.083 objetos, é oferecida ao Museu Britânico em 1827, logo após sua morte.

Com o financiamento do cônsul britânico, Belzoni viajou pelo Egito e regiões próximas entre os anos de 1816 e 1819 em busca de antiguidades, realizando importantes descobertas, as quais foram registradas em seu diário. Segundo Mayes (2010), a primeira grande ação de Belzoni enquanto antiquarista foi a retirada do busto colossal de Ramsés II, o qual foi transportado da cidade de Tebas para o Museu Britânico, em Londres. Anteriormente, os franceses já haviam tentado remover o busto do templo em que se encontrava, mas, conforme Mayes (2010, p. 116), era quase impossível mover um bloco de pedra pesando entre 7 e 8 toneladas, transportá-lo por cima da areia fina e depois colocá-lo em cima de um barco. Entretanto, essa conquista de Belzoni significou, além de tudo, uma vitória sobre os franceses. Para tanto foi necessária a ajuda da mão de obra nativa, já que os europeus não contavam com homens suficientes para realizar tal trabalho, o que fez com que Belzoni tivesse interação direta com esses povos, um dos temas principais abordados pelo viajante em suas narrativas.

Após a remoção do busto colossal de Ramsés II, primeira conquista de Belzoni como antiquarista, o italiano passa os três anos seguintes viajando e fazendo outras importantes descobertas: abre e escava o templo de Abu Simbel, descobre tumbas reais no Vale dos Reis, abre a segunda pirâmide de Gizé, encontra a cidade perdida de “Berenice” e constitui grandes coleções de antiguidades

³⁵ Texto original: *Drovetti and Salt were frequently in competition to obtain the finest antiquities for their clients, especially since the Egyptian ruler, Muhammad 'Ali, was anxious to retain the favor of both France and Britain and granted permission to both men to excavate at the same sites. Their teams worked in an atmosphere of bitter rivalry and were willing to use bribery and violence to obtain the best treasures. Salt employed a particularly successful agent, Belzoni. One of Belzoni's major successes was to remove the upper part of a massive statue of Ramesses II from Thebes (Luxor) to the British Museum.*

egípcias (MAYES, 2010, p. 12). Em 1819, quando Belzoni volta para Londres, organiza, em parceria com sua esposa, uma exposição particular no *Egyptian Hall* de Piccadilly, com a finalidade de apresentar ao público as peças que havia reunido nos quatro anos de atividade no Egito.

Após sua morte, a exposição de Belzoni foi levada para Paris, nos mesmos dias em que Champollion escrevia a *Lettre à M. Dacier*, na qual desvendava o mistério da escrita hieroglífica (SILIOTTI, 2007). Apesar de nunca ter atingido o prestígio desejado, o reconhecimento da Sociedade de Antiquaristas na Inglaterra, conseguiu se tornar uma lenda popular e famoso por suas descobertas. De acordo com Mayes (2010, p. 12), Belzoni foi homenageado pelo *Regency London* por sua devoção aos interesses britânicos. Um ano depois, em 3 de Novembro de 1823, Belzoni morreu, aos 45 anos, em um pequeno povoado na África equatorial, onde havia se dirigido para explorar a cidade de Tombuctu, deixando sua esposa viúva.

Em relação à Sarah Belzoni, poucas são as informações que se tem a seu respeito, pois nunca teve o mesmo reconhecimento que seu marido. Sarah participou com Giovanni Belzoni de boa parte de suas operações e viagens, deixando escrito um capítulo no diário de seu companheiro sobre suas experiências em viagens.

Conforme alguns biógrafos de Giovanni, Mayes (2010) e Hume (2011), existem muitas controvérsias sobre o local de nascimento de sua esposa. De acordo com Hume (2011, p. 15), sua vida antes do Belzoni permanece um mistério. Alguns suspeitam que ela fosse irlandesa, outros, no entanto, acreditam que ela tenha nascido na Inglaterra, mas não existem evidências concretas sobre isso. Em um ensaio que foi produzido em 1827 sobre a vida do viajante, publicado na revista *The Asiatic Journal*³⁶, há uma nota de rodapé afirmando que Sarah era de origem irlandesa, porém sem informar qualquer outro detalhe. Em um de seus relatos, Sarah se refere a si mesma como tendo um “estômago inglês”, ao desaprovar a comida local. No entanto, para William Peck (2004, p. 2) a utilização de tal expressão pode significar apenas um uso genérico do termo e não nos dá muitas garantias sobre seu local de nascimento.

Além disso, não se sabe onde Giovanni e Sarah teriam se conhecido previamente, e existem diversas especulações e teorias sobre este assunto. A única

³⁶ *Asiatic Journal* 24, no. 141 (1827): 313. *The nose is now in the British Museum.*

informação concreta que se tem é que, mencionado por Belzoni (1820) em suas narrativas, eles teriam se casado logo após sua chegada à Inglaterra, em 1803. Segundo Hume (2011), há provas de que Belzoni esteve na Irlanda antes de morar na Inglaterra, e muitos acreditam que tenha conhecido sua esposa lá. Ainda assim, o autor não descarta a possibilidade de que o casal tenha se encontrado pela primeira vez no *Sadler's Wells*, teatro onde trabalharam juntos. No entanto esta informação é incerta, já que Hume (2011, p. 16) sugere que Sarah fosse uma *ropedancer*, uma bailarina que faz performances se equilibrando em uma corda, e conforme o autor, tal tipo de espetáculo não havia no teatro daquela época. Para o autor, é mais provável que eles tenham se conhecido no *Bartholomew Fair*, um evento que era comum na cidade de Londres, onde performances similares foram muito populares por mais de um século (HUME, 2011).

Depois de seu casamento, Giovanni e Sarah viajaram por muitos lugares, incluindo o Egito em 1815. Ao discorrer sobre o casal e as viagens que fizeram, Peck (2004) afirma que Sarah desempenhou importante papel nas descobertas de Belzoni dividindo as dificuldades que a vida em viagens proporcionava e auxiliando-o em algumas tarefas. Para o autor, Sarah era sua confidente e único apoio ao longo de suas expedições (PECK, 2004, p. 2).

Sarah mostrou ainda um grande interesse na vida das mulheres que encontrou no Egito e em outros lugares por onde passou. O capítulo que escreveu no diário do marido é dedicado exclusivamente a elas e seus costumes. Boa parte dos relatos que Sarah faz não se refere somente à sua passagem pelo Egito, mas também à viagem que empreendeu de mula sozinha - apenas com a companhia de um guia - para a Terra Santa. Sarah tinha seus próprios interesses e não dependia da presença do marido para fazer suas descobertas (MAYES, 2010; PECK, 2004). Antes de deixar Jerusalém, disfarçou-se como um comerciante árabe e visitou a Mesquita de Omar, que era proibida para as mulheres e para os não-muçulmanos na época (PECK, 2004, p. 4). Quando Giovanni e Sarah voltaram para a Europa, em 1819, trabalharam juntos na organização e divulgação da exposição no *Egyptian Hall*. Após a morte de seu marido, a viajante continuou trabalhando na exposição e viajando. Sarah morreu com 87 anos, na Ilha de Jersey, no canal da Mancha. O casal não teve nenhum filho e também não deixou nenhum herdeiro responsável por suas coleções.

Em relação à historiografia, pode-se dizer que há pouca pesquisa sobre

mulheres que, assim como Sarah, tiveram papéis ativos nas escavações e na produção de narrativas sobre suas experiências em viagens. Segundo Peck (2004), no livro *Breaking Ground: Pioneering Women Archaeologists*, as mulheres que tiveram papel ativo nas escavações no início do surgimento da Arqueologia muitas vezes são apenas reconhecidas pelas façanhas de seus maridos ou companheiros do sexo masculino. Para o autor, esse foi definitivamente o caso de Sarah Belzoni. Sarah faz parte do vasto grupo de mulheres que foram indispensáveis, mas esquecidas, esposas de homens famosos (PECK, 2004, p. 11).

Diferentemente das famosas narrativas de viagens masculinas, tão recorrentes na historiografia sobre o século XIX, os relatos de mulheres ficaram à margem dos estudos sobre o tema, passando a impressão de que essas mulheres sequer tivessem viajado nesse período. No caso de Sarah, a viajante é citada muitas vezes nas biografias de Giovanni e em outros livros sobre a gênese da Arqueologia e o antiquarismo no geral, porém o problema é que normalmente a participação dela é tomada sempre com pouca significância, embora ela mesma enfatize sua participação nas escavações em algumas ocasiões. Como exemplo, cita-se uma passagem em que ela teria permanecido em Aswan enquanto Giovanni havia retornado para Abu Simbel para realizar a primeira tentativa de abertura da entrada do templo: “Se eu estivesse lá, eu teria ajudado a remover a areia assim como eles, tanto quanto minha força permitisse em tal ocasião, e reivindicado o mesmo mérito” (BELZONI, S. 1820, p. 452).³⁷

No entanto, o papel de Sarah é relegado, ficando à sombra de seu marido. A viajante só é lembrada devido às descobertas de Giovanni e não por suas atividades como pintora, escritora, artista e viajante. Acredita-se que tais questões merecem ser revisadas e problematizadas. Com esta pesquisa, tenciona-se questionar o silenciamento que é dado a tais mulheres, em especial às viajantes e antiquaristas, ao trazer o estudo de caso sobre Sarah Belzoni. A partir das questões discutidas acima em torno da figura da Sra. Belzoni e da falta de reconhecimento do papel das mulheres dentro da história de viagens e do antiquarismo, torna-se importante destacar a influência que o movimento feminista trouxe para o meio acadêmico, possibilitando questionamentos sobre o silenciamento das mulheres na história, que

³⁷Todas as traduções da obra dos Belzoni são de nossa autoria. Texto original: "*Had I been there, I would have helped to remove the sand as well as them, as far as my strength would have allowed one on such an occasion, and claimed as much merit*"

influenciaram neste trabalho.

2.2.1 Mulheres em viagens e escavações: possibilidades a partir do caso de Sarah Belzoni

Como mencionado na introdução, a partir das críticas feministas, a história das mulheres surge, na década de 1960, como um âmbito de pesquisa dentro da disciplina histórica, embora, desde os anos 1920, já existissem discussões em torno da questão feminina, como as de Simone de Beauvoir. Conforme Scott (1992), as mudanças epistemológicas causadas por esse movimento propunham incluir as mulheres como sujeitos históricos e objetos de estudo, denunciando seu caráter sexualizado, ideológico e masculino das disciplinas científicas. Além disso, o feminismo abriu espaço para a percepção de que as próprias mulheres possuem uma experiência histórica e cultural diferenciada dos homens e, conseqüentemente, as especificidades que envolvem sua escrita devem ser levadas em conta na produção do saber histórico, a fim de que não sejam simplesmente interpretadas superficialmente.

A contribuição de mulheres em escavações e na formação de coleções de antiguidades nunca foi um tema muito abordado pela historiografia. Mas, de acordo com Margarita Diaz-Andreu e Marie Louise Soresen (1998), nos últimos anos, publicações voltadas para a relação entre Arqueologia e gênero se fizeram presentes, reforçando a necessidade de rever a noção de que tal ciência seria essencialmente masculina, em teoria e prática. Tais visões têm sido questionadas ultimamente, e relatos que explicitam a presença de mulheres no âmbito arqueológico passaram a ser estudados com mais atenção, permitindo uma visão mais ampla da disciplina e de seu desenvolvimento como ciência.

Segundo as autoras, no século XIX, a integração das mulheres nas escavações é consequência do novo papel que a educação adquire, graças às mudanças provocadas pela formação dos Estados nacionais e, também, ao impacto da industrialização. Com uma vida profissional, algumas mulheres passam a ter acesso a níveis mais altos de educação, entrando em contato com o estudo do latim e do grego, o que possibilitava que estudantes se familiarizassem com o passado clássico. As viagens e o estudo do Egito Antigo também foram incluídos em alguns programas de educação feminina, permitindo que muitas mulheres se envolvessem

com as escavações e coleções de antiguidades, mesmo que periféricamente (DÍAZ-ANDREU; SORESEN, 1998, p. 4-5).

Ainda assim, conforme Díaz-Andreu e Soresen (1998, p. 2), as histórias sobre o surgimento da Arqueologia europeia, praticamente se ignora a presença de mulheres, passando a impressão de que elas não tiveram um papel no contexto social e no meio institucional no qual a Arqueologia se desenvolveu e era praticada. Para a pesquisadora, as respostas para essas questões conduzem diretamente para os parâmetros usados na escrita da história e seus mecanismos de seleção e esquecimento, que tornam possível a exclusão das mulheres nas narrativas sobre o assunto. Desde o seu surgimento, a Arqueologia desempenhou importante papel político e social dentro da Europa e sabe-se muito pouco sobre as mulheres que participaram desses estágios iniciais e subsequentes desenvolvimentos da disciplina. Para Díaz-Andreu e Soresen (1998, p. 3), ignorar o papel das mulheres nesse processo é reforçar e perpetuar uma visão particular do que constitui a importância para a escrita da história, evidenciando, novamente, questões de gênero e poder.

Ainda que a Arqueologia não fosse uma área profissional no período em que Giovanni e Sarah estiveram no Egito, tais questionamentos se mostram relevantes para que se pense o caso da Sra. Belzoni em razão do envolvimento que teve com as escavações empreendidas pelo seu marido e, posteriormente, com a administração das coleções formadas nos anos que estiveram no Egito, mesmo depois de sua morte. Aqui cabe problematizar a falta de reconhecimento da Sra. Belzoni nos estudos sobre o antiquarismo no Egito por dois motivos: 1) porque, por mais que a viajante tenha participado das operações de escavação, sua presença é tratada como superficial e até mesmo irrelevante pelas pesquisas sobre o tema; 2) pelo fato de que, assim como Belzoni, Sarah produziu discursos sobre os povos do Egito e da Núbia. E estudá-los pode mostrar-se positivo para se compreender as relações que são construídas entre a sociedade europeia e os nativos - em especial as mulheres, já que seu capítulo tem como foco principal relatar curiosidades sobre o dia-a-dia delas.

Considerando o fato de que o diário adquiriu certa fama quando foi publicado, sendo lido em diversos locais da Europa, é importante destacar que as narrativas de viagem, como já discutido no primeiro capítulo, muitas vezes eram a única fonte de informação sobre outros locais do mundo e, por isso, as imagens

criadas em seus relatos têm papel relevante na formação de um “imaginário” sobre determinado local. É por esse motivo que a contribuição de Sarah Belzoni se mostra tão relevante quanto a de seu marido para este estudo. No próximo item, discutir-se-á a estrutura do diário escrito pelos dois e os temas nele abordados.

2.3 APRESENTAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

A obra *Narrative of the Operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia and of a Journey to the Coasts of the Red Sea, in search of the Ancient Berenice and another to the Oasis of Juppiter Ammon* foi publicada no ano de 1820, na cidade de Londres, pelo editor John Murray e com autoria de Giovanni Belzoni. Segundo os biógrafos de Belzoni, Mayes (2010) e Hume (2011), John Murray foi um dos maiores editores do Reino Unido na época, tendo publicado livros de escritores famosos tais como Lord Byron, Arthur Conan Doyle e Jane Austen. O fato de Belzoni ter conseguido publicar com esse célebre editor ao lado de grandes escritores da época, mostra, na opinião dos autores, a relevância que suas narrativas e descobertas no Egito obtiveram naquele momento, pois certamente o editor sabia que haveria leitores interessados no tema. De fato, o diário de Belzoni foi amplamente lido na Europa, de acordo com Alberto Siliotti (2007). Logo após seu lançamento, uma versão juvenil do diário foi publicada pela autoria de Sarah Atkins, escritora de livros infantis.³⁸

Ainda, no mesmo ano de sua publicação, as narrativas de Belzoni foram traduzidas para o francês e o alemão, chegando às mãos de diversos estudiosos. O egiptólogo Howard Carter, o descobridor da tumba de Tutancâmon, o definiu como “um dos livros mais fascinantes entre todos os escritos sobre o Egito” (SILIOTTI, 2007, p. 162). Já Lord Byron criticou o inglês do autor, embora acreditasse que seus erros gramaticais fossem a prova de que havia sido mesmo Belzoni quem o escreveu, uma vez que haviam diversas dúvidas acerca da verdadeira autoria dos relatos de viagens da época (LEASK, 2002, p. 137).

Antes de passar para a descrição da obra, é preciso considerar que o diário, assim como muitas outras narrativas de viagens da época, foi escrito a partir da

³⁸ Lucy Sarah Atkins Wilson foi uma escritora britânica que produziu diversas adaptações de diários de viagens para a literatura infantil. A obra de Belzoni foi publicada com o título *The fruits of enterprize exhibited in the travels of Belzoni in Egypt and Nubia : interspersed with the observations of a mother to her children* (1821).

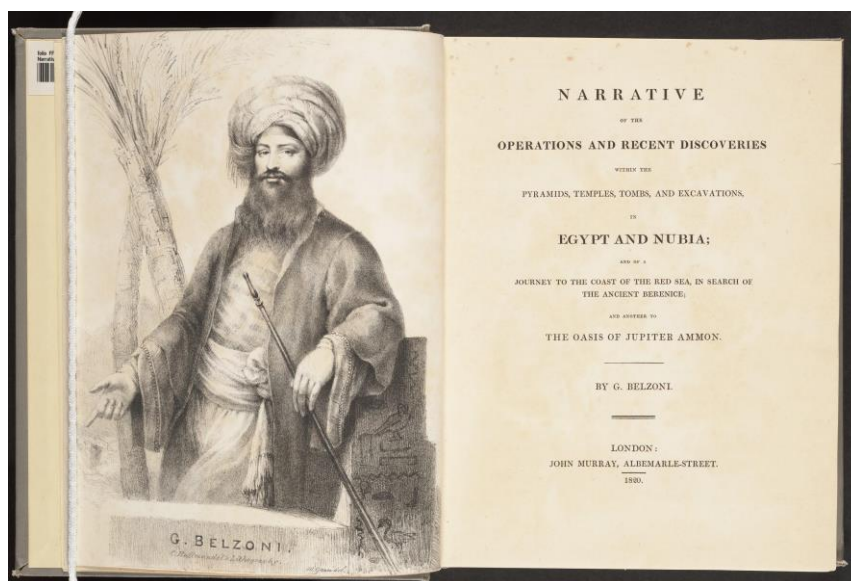
junção de diversas anotações que foram feitas ao longo da viagem. Logo a versão oficial preparada para circulação pública passou por diversos estágios. Anotações avulsas foram posteriormente reunidas no formato de diário de viagem, sendo depois transformadas em um manuscrito de livro que foi revisado e editado, sem contar as prováveis alterações solicitadas pelo editor. Então, à medida que as etapas ocorrem, a escrita vai se distanciando progressivamente dos eventos e cenas que pretende transmitir. Assim como muitos outros viajantes escritores, Belzoni constantemente revisou suas observações à luz dos eventos seguintes, elencando os fatos numa narrativa contínua. Consoante Derek Gregory (1999, p. 4), o diário de viagens seria um conjunto de diferentes espacialidades que formam uma única construção, envolvendo anotações e cartas compiladas posteriormente (GREGORY, 1999, p. 4). Feitos estes apontamentos, pode-se apresentar a estrutura da obra:

A obra é composta por 483 páginas, divididas em 3 capítulos: *first journey*, *second journey* e *third journey* - este último subdividido em “*Journey to the Red Sea*”, “*Account of the taking the obelisk from the Island of Philae to Alexandria*”, “*Journey to the Oasis of Ammon*”. Junto com o diário, é publicado um atlas com 44 desenhos em aquarela feitos pelo próprio autor e por sua esposa, retratando suas viagens (*Fortyfour Plates Illustrative of the Researches and Operations of Belzoni in Egypt and Nubia*)³⁹. Atualmente, a versão original do diário encontra-se disponível on-line⁴⁰, e edições posteriores podem ser encontradas à venda, tais como as da *Cambridge Library Collection* e da *Palala Press*. Para esta pesquisa, optou-se por utilizar a versão on-line.

³⁹ As pinturas se encontram no Victoria and Albert Museum, em Londres. Algumas se encontram na internet e outras a que tivemos acesso foram retiradas do livro de Ivor Hume (2011).

⁴⁰ Disponível em: <http://archive.org/stream/narrativeofopera00belz#page/n9/mode/2up>. Acesso em: 31 agosto 2016.

FIGURA 4 - DIÁRIO DE BELZONI COM AUTORRETRATO DO AUTOR



FONTE: Belzoni (1820).

Logo no prefácio da obra, Belzoni deixa claras as razões que o teriam motivado a escrever sobre suas experiências em terras não europeias:

Em minha chegada à Europa, eu descobri muitos relatos errôneos que foram dados ao público sobre as minhas operações e descobertas no Egito, que pareceu ser meu dever publicar uma declaração clara dos fatos; e qualquer um deveria pôr em causa as correções, espero que façam isso abertamente, para que eu possa provar a verdade de minhas afirmações. (BELZONI, G. 1820, prefácio, p. v).⁴¹

Em vista disso, é importante evidenciar o fato de que o diário não trata de aspectos íntimos, com a intenção apenas de guardar recordações, mas de um relato que tem como primeiro objetivo a publicação e a divulgação de suas memórias, com uma finalidade bem clara: “provar a verdade de suas afirmações”, como aparece nas palavras de Belzoni. Por conseguinte, não é uma escrita despretensiosa, mas um discurso que tem uma intencionalidade. Para Junqueira (2008, p. 252), os diários além de apresentarem diversas questões pessoais de seus autores, permitem que o leitor identifique, no interior de suas páginas, características culturais e sociais que

⁴¹ *On my arrival in Europe, I found so many erroneous accounts had been given to the public of my operations and discoveries in Egypt, that it appeared to be my duty to publish a plain statement of facts; and should any one call its correctness in question, I hope they will do it openly, that I may be able to prove the truth of my assertions.*

os envolviam no contexto de sua produção, possibilitando, inclusive, o conhecimento de aspectos que não são claramente explícitos em sua escrita. Por isso, considera-se importante não tomar o discurso de Belzoni como o reflexo da realidade que ele viveu. Compreendê-lo no âmbito de sua produção, um momento marcado pela competição entre nações, cônsules e antiquaristas, faz-se essencial para seu entendimento e análise.

Como já afirmado anteriormente, Belzoni teria escrito o diário com a finalidade de questionar os argumentos de Henry Salt, cônsul para quem trabalhou durante suas operações no Egito. Segundo Mayes (2010), o viajante e o cônsul britânico teriam se desentendido após algum tempo trabalhando juntos e, em função disso, posteriormente tentaram contar cada um uma versão sobre o que teria acontecido durante esse tempo. Para seu biógrafo, as narrativas de Belzoni a respeito de sua relação com Salt não seriam confiáveis, uma vez que teriam sido escritas após a briga (MAYES, 2010, p. 117). Para Mayes (2010), Belzoni acaba se contradizendo muitas vezes em sua narrativa, ora afirmando que jamais teria trabalhado para o cônsul, ora narrando momentos em que precisou do apoio financeiro e das relações deste com o Museu Britânico - e com outros museus e colecionadores - para o transporte e venda das peças:

Afirmou-se erroneamente que eu era regularmente contratado pelo Sr. Salt, o cônsul-geral da majestade britânica no Egito [...] Eu nego categoricamente que eu algum dia estive comprometido com ele de qualquer forma, tanto por palavras ou por escrito. [...] Mas o que me desagradou acima de tudo é que, enquanto eu estava ocupado em minhas pesquisas, uma vantagem foi tomada, [...] e eu lamento não poder ficar em silêncio sobre o assunto, sentindo como se fosse um dever indispensável tanto para mim quanto para o público, trazer a verdade à luz. (BELZONI, 1820, p. 25)⁴²

Após a publicação do diário, Salt escreveu uma declaração intitulada *A Plain Statement of facts*⁴³ para rebater os argumentos de Belzoni, no entanto não foi publicada na época devido a sua morte inesperada. Nessa carta, Salt esclarece que, na permissão recebida pelo vice-rei egípcio para realizar as escavações, está escrito

⁴² *It has been erroneously stated, that I was regularly employed by Mr. Salt, the consul-general of his Britannic majesty in Egypt, [...] I positively deny that I was ever engaged by him in any shape whatever, either by words or writing; [...] But what has displeased me above all is, that while occupied in my researches, an advantage has been taken, [...] and I am sorry I cannot be silent on the subject, feeling it an indispensable duty to myself, as well as the public, to bring the truth to light.*

⁴³ Atualmente, encontra-se disponível para leitura no segundo volume do livro *Life and Correspondence of Henry Salt – His Britannic Majesty's Late Consul General in Egypt*, publicado em Londres no ano de 1834. A carta compõe o primeiro capítulo da obra, que é dividido em onze capítulos sobre a vida de Salt, e seu trabalho como cônsul geral da Inglaterra no Egito.

que Belzoni era seu empregado. Além disso, Salt argumenta que Belzoni só se teria conseguido manter no Egito e realizado suas operações porque recebeu dinheiro do cônsul. Segundo Mayes (2010), Salt teria pago as despesas pessoais de Belzoni durante todos os meses da expedição, além de ter financiado a escavação das antiguidades. No diário de Belzoni, contudo, não se encontram quaisquer informações sobre seus gastos pessoais e valores que recebia para seu trabalho.

Embora não sendo sua língua mãe, Belzoni opta por escrever seu livro em inglês, acredita-se que a fim de que as pessoas que circulavam no mesmo meio que ele e Salt pudessem inteirar-se de seus argumentos:

Como fiz minhas descobertas sozinho, eu estava ansioso para escrever meu livro por conta, embora ao fazê-lo, o leitor irá me considerar, e com grande propriedade, culpado de temeridade; mas o público irá talvez ganhar na fidelidade da minha narrativa, o que perde em elegância. Eu não sou inglês, mas prefiro que meus leitores recebam de mim, tanto quanto sou capaz de descrevê-los, os relatos de meus procedimentos no Egito, na Núbia, na costa do Mar Vermelho e no Oásis; em vez de correr o risco de ser mal interpretado por outro. Ser inteligível, é tudo que eu posso esperar. Não devo declarar nada além da simples verdade, como ela me ocorreu nesses países em 1815 - 16 - 17 - 18 e 19. A descrição dos meios que utilizei ao fazer minhas pesquisas, as dificuldades que enfrentei, e como as venci, dará uma ideia razoavelmente correta dos hábitos e costumes do povo com quem tive que lidar. (BELZONI, G. 1820, prefácio, p. v)⁴⁴

A obra toda apresenta um tom de autodidata, com destaque para as conquistas e dificuldades do viajante em meio aos desafios que a ele se apresentaram durante sua jornada em terras africanas. Ao longo do prefácio, Belzoni se apresenta ao leitor, faz um breve relato sobre sua infância, família, mudança para a Inglaterra e seu casamento. Nada é citado a respeito de seu trabalho como *strongman* em teatros e circos ingleses, o que, para Mayes (2010), deve-se ao seu desejo de ser considerado um cientista e, talvez, por isso evidencia seus estudos em hidráulica e omite outras informações sobre sua vida, conforme já mencionado. Em seguida, o viajante conta sobre suas viagens para Portugal, Espanha e Malta e

⁴⁴ *As I made my discoveries alone, I have been anxious to write my book by myself, though in so doing, the reader will consider me, and with great propriety, guilty of temerity; but the public will perhaps gain in the fidelity of my narrative, what it loses in elegance. I am not an Englishman, but I prefer that my readers should receive from myself, as well as I am able to describe them, an account of my proceedings in Egypt, in Nubia, on the coast, of the Red Sea, and in the Oasis; rather than run the risk of having my meaning misrepresented by another. If I am intelligible, it is all that I can expect. I shall state nothing but the plain matters of fact, as they occurred to me in these countries, in 1815-16-17-18 and 19. A description of the means I took in making my researches, the difficulties I had to encounter, and how I overcame them, will give a tolerably correct idea of the manners and customs of the people I had to deal with.*

sobre sua decisão de ir ao Egito. Ainda no prefácio, Belzoni discorre brevemente a respeito de suas descobertas no nordeste africano, preparando o leitor para os capítulos em que suas viagens são descritas em detalhes.

No primeiro capítulo, concentra-se em descrever sua chegada ao Egito, as primeiras dificuldades que ele e Sarah encontraram na viagem, a apresentação de sua invenção hidráulica ao vice-rei egípcio, seu envolvimento com o antiquarismo e com os cônsules europeus e sua primeira conquista como antiquarista na operação de transporte do busto Colossal de Ramsés II, de Luxor para a Inglaterra. No segundo capítulo, sua narrativa foca as descrições a respeito das cidades de Tebas e Luxor, a descoberta de templos e tumbas no Vale dos Reis, sua visita às pirâmides de Gizé e a descoberta da entrada da pirâmide Quéfren, realizada por ele. No terceiro capítulo, por fim, Belzoni narra sua volta para Tebas e a preparação para a viagem ao Mar Vermelho, a descoberta da cidade perdida de Berenice, a retirada do obelisco da ilha de Philae e a descrição da viagem para o Oásis de Ammon.

A obra conta, ainda, com um capítulo extra que foi escrito por Sarah Belzoni sobre os costumes das mulheres do Egito, da Núbia e da Síria intitulado *Mrs. Belzoni's triffling account of women in Egypt and Nubia*⁴⁵. Em relação à escrita da Sra. Belzoni, acredita-se que o próprio título de suas narrativas mostra a diferença de importância que seus relatos receberam em relação aos de Giovanni. Acredita-se que a "irrelevância" é considerada não somente por ter sido escrito por uma mulher, mas especialmente pelo tema do capítulo, que é a vida de mulheres - não europeias - além de tudo. Sendo assim, seus relatos aparecem mais como um apêndice, uma curiosidade ou um complemento da obra de Belzoni do que como parte do diário especificamente. Tendo como base essas questões e as discussões feitas no primeiro capítulo sobre fonte histórica, narrativa e discurso é que será, no capítulo seguinte, analisado o diário dos Belzoni.

⁴⁵"Relato insignificante da Sra. Belzoni sobre as mulheres do Egito e da Núbia".

3 ENTRE PIRÂMIDES, TEMPLOS E TUMBAS: NARRATIVAS DAS OPERAÇÕES NO EGITO

Eu visitei Portugal, Espanha e Malta, de onde depois embarcamos para o Egito, local em que permanecemos de 1815 a 1819. Aqui eu tive o privilégio de ser o descobridor de muitos resquícios de antiguidades daquela nação primitiva (Giovanni Belzoni)⁴⁶

A passagem acima, de Giovanni Belzoni, apresenta, mesmo que de maneira sutil, alguns dos sentimentos que permeiam boa parte de sua narrativa no diário. O primeiro deles é o desejo e o orgulho de ser o descobridor de antiguidades egípcias. Como já discutido anteriormente, o espírito de conquista e a ambição pelo triunfo são características recorrentes nas produções literárias do século XIX, que transformam homens comuns em pequenos heróis e suas experiências subjetivas em grandes aventuras (BREPOHL, 2007). O anseio por reconhecimento é provavelmente um dos principais motivos pelos quais exploradores tenham optado por compartilhar com o público suas peripécias em viagens. Nesse cenário, a apropriação das riquezas e da cultura material de outros povos, além de trazer prestígio e reconhecimento para seu descobridor, consiste em prova material das conquistas realizadas.

Da ambição por reconhecimento derivam a rivalidade, a inveja e a cobiça, seja entre nações, cônsules, antiquaristas ou indivíduos comuns. Apesar de não estarem aparentes na citação de Belzoni, esses sentimentos se apresentam muito bem nas circunstâncias da dominação imperial. As emoções dos indivíduos são moldadas por suas experiências sociais, e o comportamento emocional exerce intensa influência na maneira como humanos exercem poder e alimentam ações políticas (CLENTON, 2006). Os padrões de experiência emocional mudam em resposta a transformações nas sociedades e na cultura. Em um âmbito de conquista imperial e de desenvolvimento das nações, as rivalidades se acentuam, juntamente com a busca por poder. Poder este não somente de capacidade bélica ou econômica, mas também de se estabelecer enquanto referência ou modelo. A Alemanha não teria se comparado com a Inglaterra ou a França desejando ter sua

⁴⁶ *I visited Portugal, Spain, and Malta, from which latter place we embarked for Egypt, where we remained from 1815 to 1819. Here I had the good fortune to be the discoverer of many remains of antiquity of that primitive nation.*

capacidade imperial?⁴⁷ Não apenas o estilo de conquista desses impérios foi imitado por outros como também seu orgulho nacionalista, que inspirou a criação de identidades coletivas nesses locais.

Experiências provenientes de sentimentos como a inveja e a cobiça geralmente dependem de crenças sobre riqueza, *status* e poder, e tais sentimentos geralmente são percebidos por meio de comparações entre pessoas – ou nações, como no exemplo acima. Nesse sentido, a própria escrita do diário de viagem, evidenciando o desejo de Belzoni de provar seu mérito pelas coleções que reuniu, pode ser considerada fruto de seu ressentimento. Importante lembrar que Henry Salt recebeu mais reconhecimento do que o próprio viajante por sua atuação como antiquarista. Para além disso, outros eixos de rivalidade podem ser destacados no contexto do qual Belzoni fez parte no Egito: a competição entre Inglaterra e França pela dominação do Egito e de sua cultura material; a constante comparação entre Europa e Egito, que ganha espaço na narrativa do viajante; a disputa de Belzoni e Salt por mérito e *status*; a concorrência exacerbada entre Belzoni e Drovetti, seu concorrente antiquarista. As próprias palavras desgostosas do viajante ao encerrar o diário denunciam o espírito de rivalidade que havia forçado sua partida precipitada do Egito:

Não que eu não gostasse do país em que eu estava, pelo contrário, tenho motivos para ser grato; nem me queixo dos turcos ou dos árabes em geral, mas de alguns europeus que estão nesse país, cuja conduta e modo de pensar são uma desgraça à natureza humana (BELZONI, 1820, p. 437)⁴⁸.

Tais aspectos são perceptíveis ao longo de toda a leitura do diário, cujo texto demonstra que a ambição e a rivalidade são, também, motores da conquista imperial.

Outro sentimento presente na narrativa de Belzoni é o senso de superioridade, que está imbuído em seu discurso. Senso de superioridade não só em relação aos povos nativos dos locais que explora, como em relação à sociedade

⁴⁷ Os impérios francês e inglês foram vistos como modelo por outros impérios que buscavam ascensão, como o alemão. O sucesso e poderio econômico daqueles foram interpretados como resultado de suas expansões além-mar, influenciando outras nações a seguirem seus passos (BREPOHL, 2010). A partir disso, intensifica-se o sentimento de rivalidade e a necessidade de concorrer com essas potências. Consequentemente, várias características da dominação imperial exercida por elas foram reproduzidas pelos impérios ascendentes, como o “fardo” do homem branco de civilizar outras sociedades. Ver: MAGALHÃES, M. B. *Homens e mulheres falando em genocídio: a experiência imperialista alemã (1884-1945)*.

⁴⁸ *not that I disliked the country I was in, for, on the contrary, I have reason to be grateful ; nor do I complain of the Turks or Arabs in general, but of some Europeans who are in that country, whose conduct and mode of thinking are a disgrace to human nature.*

antiga cuja cultura material é apoderada. Essa questão é fundamental para compreender o papel da literatura enquanto propagadora de uma mentalidade imperialista: por meio dela dissemina-se a ideia do europeu como povo excepcionalmente capaz de civilizar o mundo. Nas narrativas, diversas populações são retratadas como “selvagens” e as vantagens da presença europeia para o seu “progresso” ganham espaço de destaque, discurso este que outorga legitimidade à exploração. O termo “primitivo”, utilizado por Belzoni para se referir ao povo egípcio, demonstra a proporção que discussões sobre evolução humana estavam adquirindo no período – e conseqüentemente a atuação das ciências na disseminação de conceitos sobre raça e etnicidade. Esse termo foi largamente utilizado no século XIX, principalmente após o desenvolvimento da antropologia, com a intenção de hierarquizar e opor os povos da pré-história às sociedades consideradas civilizadas, por influência das concepções e interesses colonialistas. Tais aspectos evidenciam a maneira como o imperialismo vai constituindo-se como cultura e como elemento substancial para o desenvolvimento de algumas ciências europeias.

À vista dessas questões, neste capítulo, será feita uma análise dos relatos de Giovanni e Sarah Belzoni, compreendendo-os como produções discursivas que, unida a outros escritos da época, sustentam um pensamento colonialista e imperialista. Como será mencionado mais adiante, esse campo discursivo não é necessariamente formado apenas por textos, mas também por outros meios, como a iconografia e as exposições em museus. Antes, porém, é preciso ressaltar que esta análise preocupa-se menos com os detalhes e a veracidade das expedições empreendidas pelo casal do que com os elementos em sua escrita que podem ser considerados como constituintes de uma mentalidade imperialista. Importante salientar, também, que não se concorda com as opiniões do casal acerca das populações locais que são abordadas na obra. Ao contrário, são compreendidas nesta dissertação como discursos que tiveram forte influência na constituição de estereótipos étnicos e raciais e que contribuíram fortemente para a produção de sentimentos racistas. Ao serem expostos aqui, não se objetiva reforçar seu pensamento e sim problematizá-lo.

Como se trata de uma obra extensa, optou-se por analisar trechos selecionados por meio de recortes temáticos, sendo eles: 1) os contrastes entre sociedades, em que serão discutidas questões sobre orientalismo, abordando as imagens que os Belzoni constroem dos egípcios antigos e modernos em relação à

Europa. Tais aspectos serão desenvolvidos no primeiro e segundo item do capítulo. 2) a cultura material egípcia antiga, com ênfase para a exploração das antiguidades, os mecanismos de seleção das peças e o desenvolvimento da Egiptologia. Estes serão trabalhados na última parte do capítulo. Importante salientar que escolha dos temas não é aleatória. Decidiu-se estudá-los, pois revelam a relação entre expansão imperial, os usos do passado e a alteridade dentro da composição discursiva que é o diário de viagens dos Belzoni. Intenta-se, a partir dos temas e trechos selecionados, discuti-los para, em seguida, pensar qual o lugar que o casal ocupa dentro do contexto de expansão imperial britânica no Egito.

3.1 UM EGITO DE CONTRASTES: O MODERNO E O ANTIGO EGITO SOB O OLHAR DE GIOVANNI BELZONI

Em meio a tantos contrastes mencionados por Giovanni Belzoni, o primeiro a ganhar destaque em seus relatos é o choque em relação às paisagens das cidades. Belzoni as descreve com minuciosos detalhes, construindo em sua narrativa um Egito contemporâneo, que é caracterizado pela disparidade entre ruas tumultuosas e construções antigas e monumentais. A paisagem exótica da cidade do Cairo, completamente diferente de tudo que o viajante já havia visto, causa ao mesmo tempo fascinação e estranhamento:

Embora nossos olhos começassem a se acostumar à visão dos árabes em Alexandria, a cena movimentada aqui era muito mais surpreendente. A majestosa aparência dos soldados turcos em diversos trajes, sem ordem ou disciplina, árabes de várias tribos, barcos, canjeas, camelos, cavalos e jumentos, todos em movimento, apresentavam uma imagem impressionante.⁴⁹(BELZONI, 1820, p. 3)

Em outros momentos, Belzoni ressalta a exuberância das paisagens, contrastantes com a sujeira das cidades. Ao descrever a vista das pirâmides a partir da cidade do Cairo, demonstra estar extasiado, como nas passagens a seguir: “A vista distante das pirâmides menores ao sul marcavam a extensão daquela vasta capital; enquanto o solene e o espetáculo infinito do deserto a oeste inspirava-nos a

⁴⁹ *Though our eyes began to be accustomed to the sight of the Arabs in Alexandria, the bustling scene here was still more striking. The majestic appearance of Turkish soldiers in various costumes, without regularity or discipline, Arabs of many tribes, boats, canjeas, camels, horses, and asses, all in motion, presented a striking picture.*

reverenciar o criador todo-poderoso”⁵⁰ (BELZONI, 1820, p. 7). Nesse sentido, suas descrições transformam o Egito numa galeria a céu-aberto (GREGORY, 1999), pois o apresentam como um show ou exibição.

Embora meu principal objetivo naquela época não fossem as antiguidades, eu não pude me conter de visitar as maravilhas do mundo, as pirâmides [...] Nós fomos lá dormir, para podermos subir a primeira pirâmide cedo o suficiente pela manhã, para vermos o nascer do sol; e, portanto, estávamos no topo dela muito antes do amanhecer do dia. A cena aqui é majestosa e grandiosa, muito além de descrições: uma névoa sobre as planícies do Egito formou um véu, que subiu e desapareceu gradualmente com o nascer do sol e desvendou à vista aquela bela terra, outrora Mênfis.⁵¹ (BELZONI, 1820, p. 4)

Esse sentimento de veneração apresentado em ambos os trechos acima, retratam o que Derek Gregory (1999) compreende como parte de um olhar de “espetacularização” do Egito, já discutido no primeiro capítulo. A utilização dos termos “véu” e “desvendamento” por Belzoni pode ser interpretada como uma metáfora não somente para as cortinas de um teatro, que se abrem para dar espaço a um espetáculo, nesse caso a vista das pirâmides, como também para o véu utilizado pelas mulheres, oferecendo uma concepção sexualizada de desvendamento e de dominação da região. Devido a esse misto de deslumbramento e aversão presente nas narrativas sobre o Egito é que se destaca uma ideia ambígua do local, que aparece como tão controverso e misterioso que chega a beirar o irreal: “Eu estava perdido na contemplação de tantos objetos; [...] minha mente ficava impressionada com ideias de tal solenidade, que por vezes eu ficava inconsciente se eu estava em terra terrestre ou em algum outro planeta” (BELZONI, 1820, p.152-3)⁵². Nesse sentido, encontra-se nos relatos de Belzoni um forte desejo de descobrir e revelar os segredos escondidos daquela sociedade.

Entretanto a “espetacularização” não ocorre somente nos aspectos

⁵⁰ *The distant view of the smaller pyramids on the south marked the extension of that vast capital; while the solemn, endless spectacle of the desert on the west inspired us with reverence for the all-powerful Creator.*

⁵¹ *Though my principal object was not antiquities at that time, I could not restrain myself from going to see the wonder of the world, the pyramids[...]. We went there to sleep, that we might ascend the first pyramid early enough in the morning, to see the rising of the sun ; and accordingly we were on the top of it long before the dawn of day. The scene here is majestic and grand, far beyond description: a mist over the plains of Egypt formed a veil, which ascended and vanished gradually as the sun rose and unveiled to the view that beautiful land, once the site of Memphis.*

⁵² *I was lost in contemplation of so many objects; and being alone in such a place, my mind was impressed with ideas of such solemnity, that for sometimes I was unconscious whether I were on terrestrial ground or in some other planet.*

considerados positivos pelos viajantes, mas também naqueles que pensavam ser “desprezíveis” e que, contudo, atraem a atenção dos europeus. A reação dos viajantes em relação às danças realizadas pela população local podem ser tomadas como exemplo, sendo este um segundo contraste que é retratado na obra de Belzoni: as diferenças de costumes. Diversos estilos de dança egípcia, árabe e núbica são descritos no diário, porém, na maioria das vezes, são narrados de forma negativa, considerados indecentes por serem vistos como uma maneira de provocar a desvirtuação dos homens: “Esse estilo particular de dança, eu acredito, nunca foi descrito, e todos aqueles que o assistem propriamente devem ser dispensados de dar-lhe uma descrição fiel”⁵³ (BELZONI, 1820, p. 19).

Ao longo do século XIX, muitos viajantes admiraram, ou sentiram repulsa, pelas performances de cantoras e dançarinas egípcias. Os inúmeros relatos que foram feitos sobre elas, serviram para evocar na Europa a fantasia masculina do Oriente como uma zona liminar de sexualidade desenfreada (GREGORY, 1999, p. 143). A dança era normalmente encarada pelos viajantes como uma ameaça à dignidade e integridade do turista, podendo transformá-lo de espectador a *voyeur* (GREGORY, 1999). Não por acaso, muitos viajantes denominavam “fantasia”⁵⁴ qualquer tipo de entretenimento que tivesse a presença de dançarinas árabes (HUME, 2011, p. 271). Ao criarem guias para os turistas, informando-os sobre os locais onde deveriam ou não ir, o escritor de viagem europeu posiciona-se como um “homem do mundo”, um espécie de guia que podia ser invocado porque havia estado em todos os lugares (GREGORY, 1999, p. 143).

⁵³ *This particular mode of dancing, I believe, has never been described, and all who see it properly must be excused from giving a faithful picture of it.*

⁵⁴ Ver: Gordon, Duff. *Letters from Egypt*, 1865, p. 121.

FIGURA 5 - DANÇA BEDUÍNA COM PUNHAIS POR GIOVANNI BELZONI



FONTE: Hume (2011).

Na imagem acima, Belzoni retrata um tipo de dança beduína que, em sua opinião, era “a mais decente de todas” que viu no Egito (BELZONI, 1820, p. 143). Acredita-se que um dos motivos para considerá-la melhor que as outras seria a vestimenta utilizada pelas dançarinas. Como pode-se perceber pela imagem, era mais fechada do que as galabias tradicionalmente utilizadas em outras danças. Outra razão poderia ser a menor utilização de passos com ênfase no quadril, uma vez que pela descrição do Belzoni a dança beduína enfatizava mais as batidas de pé e o uso dos punhais. É comum encontrar relatos de viajantes que se chocam com a maneira pela qual as dançarinas utilizam seus quadris, acreditando que fosse uma tentativa de seduzir os homens. Quando comparadas as duas danças, a egípcia tradicional e a beduína, o viajante deixa claro o seu desgosto pela primeira: “Tão logo acabou, para nos agradar, eu suponho, eles imediatamente começaram outra, à moda do país, a qual compensou completamente a extraordinária modéstia da primeira”⁵⁵ (BELZONI, 1820, p.143).

Conforme as passagens citadas acima, notamos que Belzoni dá ênfase, em suas descrições, para os aspectos com os quais não está acostumado, ou que contrastam com sua realidade: os costumes locais, as vestimentas das pessoas, a forma como conversam, o cheiro desagradável do local, as paisagens estonteantes, as feiras, as mercadorias, as antiguidades, as danças, entre outros aspectos. Sua

⁵⁵ *No sooner it ended, than, in order I suppose to please us, they immediately began another, in the fashion of the country, which fully compensated for the extraordinary modesty of the first.*

descrição do Egito demonstra a relação instável entre uma fantasia compartilhada de opulência oriental e a realidade da pobreza e das diferenças culturais (LEASK, 2002, p. 144). Apesar de alguns aspectos impressionarem o viajante, compreende-se que as cidades e os costumes do Egito são, de certa forma, um contraponto para ele, a versão oposta do que as sociedades europeias e o conceito de civilização representavam. Neste trecho, por exemplo, ao conversar com um nativo, Belzoni demonstra refutar o costume árabe de deixar a barba crescer, embora o tivesse adotado enquanto estava no Egito. Mesmo se referindo a costumes simples como este, o viajante tende a utilizar o conceito de superioridade para se diferenciar, e para destacar a sua proeminência:

Ele me fez diversas perguntas curiosas e, entre elas, se eu deveria raspar minha barba quando voltasse para a Europa, supondo que a minha resposta seria que eu não deveria fazê-lo, pois minha barba parecia melhor de todas as que estavam diante dele no momento, superior até mesmo a sua própria. Eu disse, para seu espanto, que tão logo eu chegasse à costa da minha querida Europa, eu então me livraria dela como de um grande fardo. Ele viu que tinha se colocado em uma situação embaraçosa ao expor a santidade da barba a ser desprezada diante de tantos de seus compatriotas barbudos, perguntando essas coisas a um cristão [...] Eu respondi que nem na França, nem na Inglaterra, nem em qualquer parte da Europa, a não ser por alguns russos, barbas eram usadas.⁵⁶ (BELZONI, 1820, P. 287-288)

Aos poucos, Belzoni constrói, em sua narrativa, uma identidade para os nativos, ao mesmo tempo em que delineia características para os europeus. Embora tenha afirmado no final de sua narrativa que não havia motivos para reclamar dos árabes e turcos, ao longo do diário essa é uma das questões mais abordada. A personalidade ou o “caráter” desses povos é discutida pelo viajante inúmeras vezes. Ainda no prefácio, Belzoni deixa claro que a maior dificuldade encontrada ao longo de toda sua jornada em terras egípcias foi lidar com os povos que as habitavam. As reclamações e observações do autor acerca do comportamento dos diferentes povos com quem teve contato são recorrentes no livro e fornecem para o leitor a imagem

⁵⁶ *He asked me many curious questions, and among them, whether I should shave my beard when I returned to Europe, supposing my answer would be, that I should not do any such thing; for my beard appeared the finest of all that were before him at that moment, even superior to his own, I told him, to his astonishment, that no sooner should I reach the shore of my dear Europe, than I should rid myself of it as a great burden. He saw he had got himself into a scrape, by exposing the sanctity of the beard, to be despised before so many of his bearded countrymen, by asking such questions of a Christian [...] I replied, that neither in France, England, nor in any part of Europe, except by a few of the Russians, were beards ever worn.*

de um local não-civilizado⁵⁷. Como Belzoni passa muito tempo no Egito e em regiões próximas, o viajante alega ter conhecido a população local de forma mais profunda que outros europeus, o que, em sua opinião, o diferenciaria de um viajante comum, que acaba não convivendo tempo suficiente com os egípcios a ponto de conhecê-los suficientemente bem:

Tenho, no entanto, mais uma observação a fazer a meu respeito que receio que o leitor considere vã: nenhum viajante teve tantas oportunidades de estudar os costumes dos nativos como eu, nenhum teve que lidar com eles de maneira tão peculiar. Minha ocupação constante era procurar antiguidades, e isso me levou, nos vários negócios que fiz com eles, a observar o verdadeiro caráter dos turcos, dos árabes, dos nubianos, dos beduínos e das tribos ababdy. Assim, eu estive em circunstâncias muito diferentes de um viajante comum, que vai somente para fazer seus apontamentos sobre o país e suas antiguidades, ao invés de ter que persuadir esses povos ignorantes e supersticiosos a empreenderem uma tarefa árdua, em trabalhos com os quais eles estavam totalmente desacostumados.⁵⁸ (BELZONI, 1820, prefácio, p. v)

A população local é descrita por Belzoni como não confiável, sempre disposta a tirar vantagem de alguém. Tal característica o autor atribui não somente aos árabes, mas também aos turcos, núbios e demais populações com que teve a oportunidade de se relacionar. Conforme o italiano, antes mesmo de viajar para o Egito, já teria recebido alguns conselhos sobre os árabes e tal afirmação se repete em muitas outras partes do diário: “[...] o aviso que nos foi dado foi o de nunca dar crédito ao que um árabe diz”⁵⁹ (BELZONI, 1820, p. 6). Os nativos parecem, aos olhos do viajante, também como selvagens e agressivos. Belzoni descreve inúmeras

⁵⁷ São diversas as passagens em que Belzoni se refere aos povos egípcios modernos como incivilizados. O trecho a seguir pode ser tomado como exemplo: ao narrar o descrédito dos árabes em relação às suas tentativas de abrir a pirâmide de Quéfren, Belzoni enfatiza sua ideia de incivilidade dos árabes: “[...] após diversas expectativas em vão, e muito trabalho em remover enormes quantidades de pedra [...] eles começaram diminuir suas perspectivas de encontrar qualquer coisa, e eu estava prestes a me tornar um objeto de ridicularização por fazê-los tentar entrar num lugar, que parecia a eles, tanto quanto para **pessoas mais civilizadas**, uma enorme quantidade de pedras sólidas.” (BELZONI, 1820, p. 262, grifo nosso). Texto original: [...] *after many vain expectations, and much hard labour in removing huge masses of stone [...] they began to flag in their prospect of finding any thing, and I was about to become an object of ridicule for making the attempt to penetrate a place, which appeared to them, as well as to more civilized people, a mass of solid stone.*

⁵⁸ *I have, however, one more remark to make on myself, which I am afraid the reader will think very vain: it is this, that no traveller had ever such opportunities of studying the customs of the natives as were afforded to me, for none had ever to deal with them in so peculiar a manner. My constant occupation was searching after antiquities, and this led me in the various transactions I had with them, to observe the real character of the Turks, Arabs, Nubians, Bedoweens, and Ababdy tribes. Thus I was very differently circumstanced from a common traveller, who goes merely to make his remarks on the country and its antiquities, instead of having to persuade these ignorant and superstitious people to undertake a hard task, in labours, with which they were previously totally unacquainted.*

⁵⁹ [...] *the caution that had been given us, never to credit what an Arab says.*

histórias em que se indispõe com eles, principalmente com os chefes locais, que tentavam inviabilizar seu trabalho como antiquarista, chegando a ameaçá-lo com armas ou agressões físicas: “Em um país onde o respeito é pago apenas para os mais fortes, vantagem sempre será tirada dos mais fracos [...]”⁶⁰ (BELZONI, 1820, p. 47). Ainda sobre essa temática, outras duas passagens podem ser citadas. Na primeira, o viajante explica que os povos locais seriam culturalmente condicionados a esse tipo de comportamento:

Os pais são maliciosamente astutos, e as crianças são educadas pelo seu exemplo, de modo que se torna uma questão de tempo até começarem a enganar estranhos. Alguém acreditaria que, em tal estado da vida, luxúria e ambição existem?⁶¹ (BELZONI, 1820, p. 253)

A partir disso, Belzoni reafirma sua perspectiva, na qual os habitantes do Egito lidariam com outras pessoas somente a partir de seus próprios interesses. Ao inferir que a população egípcia teria o hábito de enganar os outros, o viajante preestabelece características a eles, considerando os europeus, em geral, além de mais civilizados, mais honestos que os egípcios. No segundo trecho, o antiquarista conta sobre como persuadiu alguns trabalhadores locais a ajudá-lo a encontrar a entrada da pirâmide de Quéfren, afirmando que a única maneira de fazê-lo era oferecendo sempre algo em troca:

Eu consegui sua boa vontade por quinquilharias que eu dava como presentes e apontando a vantagem que eles ganhariam se conseguíssemos entrar na pirâmide [...] Nada tem mais influência na mente de um árabe do que discutir com ele sobre seu próprio interesse e mostrar o caminho certo para beneficiá-lo. Mais nada ele parece entender. Eu devo confessar que, ao mesmo tempo, achei esse modo de proceder quase tão eficaz quanto na Europa.⁶² (BELZONI, 1820, p.260-261)

Neste excerto, é curioso notar que Belzoni considera de maneira negativa a vontade dos trabalhadores em receber algum pagamento em troca de sua mão-de-

⁶⁰ *In a country where respect is paid only to the strongest, advantage will always be taken of the weak [...]*

⁶¹ *The parents are roguishly cunning, and the children are schooled by their example, so that it becomes a matter of course to cheat strangers. Would anyone believe, that in such a state of life luxury and ambition exist?*

⁶² *I contrived to gain their good will by trifles I gave as presents, and by pointing out to them the advantage they would gain, if we succeeded in penetrating into the pyramid [...] Nothing has so much influence on the mind of an Arab as reasoning with him about his own interest, and showing him the right way to benefit himself. Anything else he seems not to understand. I must confess, at the same time, that I found this mode of proceeding quite as efficacious in Europe.*

obra, é como se eles lhe tirassem vantagem. Tal questão reforça a ideia de superioridade trabalhada na introdução deste capítulo, pois leva a crer, pela visão do autor, que esses povos deveriam se mostrar interessados em auxiliá-lo de “boa vontade”, pelo fato de estar trazendo “inovações” para sua terra. No final, ao citar que o mesmo método seria quase igualmente eficaz na Europa, imagina-se que estivesse fazendo uma crítica ao cônsul britânico. O viajante apresenta constantemente reclamações sobre o cônsul e sua maneira egocêntrica de agir, afirmando que o prejudicou em seu trabalho e, além de tudo, tirou seu mérito sobre as escavações.

Após enfatizar constantemente os costumes e a personalidade dos árabes, o antiquarista se justifica, insistindo para que o leitor acredite nas dificuldades de conviver com povos tão distintos culturalmente: “O leitor pode pensar que a minha narrativa é demasiado minuciosa, mas eu suplico que observe que esse é o único jeito de se conhecer o verdadeiro caráter desse povo”⁶³ (BELZONI, 1820, p. 48). Desse modo, em muitas passagens do diário Belzoni distancia egípcios e europeus em termos culturais. Ao visitar o templo de Edfu, e impressionado com a magnificência do local e das construções, Belzoni lamenta o estado de conservação do edifício e a quantidade de lixo, que, em sua opinião, seria responsabilidade dos árabes que ali habitavam:

No dia seguinte, fiz uma inspeção rápida no templo daquela cidade. Ele está muito sobrecarregado com lixo, e apenas o pórtico pode ser visto; mas a bela variedade e belas capitais em forma de colunas, bem como as figuras zodiacais no teto, anunciam que era um dos principais templos do Egito [...] e é uma grande pena que esses belos edifícios sejam habitados por árabes sujos e seu gado.⁶⁴ (BELZONI, 1820, p. 56)

O excerto acima mostra a diferenciação entre egípcios antigos e modernos, que começa a se delinear no discurso de Belzoni, que demonstra seu inconformismo ao observar que construções antigas, elaboradas por um povo que, em sua opinião, tinha um alto nível de civilização, estivessem sob os cuidados de uma sociedade por ele considerada “não-civilizada”. Aos poucos, o autor vai construindo um imaginário

⁶³ *The reader, perhaps, may think my narrative too minute; but I beg to observe, that it is in this way only the true character of these people can be known.*

⁶⁴ *The next day I made a cursory inspection of the temple in that town. It is much encumbered with rubbish, and only the portico of it is now to be seen ; but the beautiful variety and fine shaped capitals of the columns, as well as the zodiacal figures on the ceiling, announce that it was one of the principal temples of Egypt [...] and it is a great pity that such beautiful edifices should be inhabited by dirty Arabs and their cattle.*

absolutamente negativo dos nativos, demonstrando sempre, e de diversas maneiras, os benefícios da presença europeia no Egito: “O vice-rei parecia estar bem ciente dos benefícios que podem ser derivados do incentivo às artes da Europa em seu país, e até já colheu alguns frutos dessa relação”.⁶⁵ (BELZONI, 1820, p. 15)

No trecho acima, a ação dos europeus é justificada pelas intervenções feitas em terras egípcias com propósito evolutivo, que levariam a um desenvolvimento civilizacional. Além disso, a ação europeia apresenta-se como uma solução também para livrar os nativos das condições a que os turcos os submetiam: um “estado de escravidão, sujeito ao capricho de um poder tirânico, que não lhes deixa nenhuma chance de receber qualquer remuneração pelo seu trabalho, e nenhuma perspectiva de qualquer mudança, exceto para o pior”⁶⁶(BELZONI, 1820, p. 182). Nesse ponto, é possível notar que, para o viajante, além dos povos egípcios obrigatoriamente necessitarem de intervenção, esta só seria efetiva se fosse realizada por europeus, de preferência britânicos, pois o governo turco não seria capaz de oferecer melhorias civilizacionais.

Essas questões remetem à discussão de Edward Said (1990) a respeito do discurso orientalista, em que, ao se contrastar com o Oriente, o Ocidente acaba adquirindo a importância de uma autoridade paternal, capaz de guiar aquele ao caminho da civilização, uma vez que se considera em um estágio avançado de desenvolvimento tecnológico e, também, moral. Dessa forma, o Ocidente conhece e sabe o que é bom para o Oriente “mais e melhor do que poderiam possivelmente saber eles próprios” (SAID, 1990, p. 44). Mais adiante, tal relação fica ainda mais clara quando se trata do senso de missão dos europeus em relação ao resgate das antiguidades egípcias.

Até este momento, discutiu-se sobre a maneira como os egípcios modernos são classificados e construídos nas passagens do diário. Da mesma forma que Belzoni, sua esposa, Sarah, também compôs suas próprias interpretações sobre a população local do Egito e da Síria, dando ênfase para os costumes das mulheres. No próximo item, será analisada a narrativa de Sarah com o objetivo de pensar que tipos de imagens ela constrói dessas mulheres e em que medida seu discurso se aproxima do de seu marido.

⁶⁵ *The Bashaw seems to be well aware of the benefits that may be derived from his encouraging the arts of Europe in his country, and had already reaped some of the fruits of it.*

⁶⁶ *[...] slave-like state, subject to the caprice of a tyrannical power, who leaves them no chance of receiving any remuneration for their labour, and no prospect of any change except for the worse.*

3.2 AS MULHERES EGÍPCIAS, NÚBIAS E SÍRIAS PELO OLHAR DE SARAH BELZONI

Aproveitei a oportunidade, enquanto estive no Egito, para observar os costumes das mulheres naquele país. [...] Eu planejei ver os vários estilos de vida entre este povo quase selvagem.⁶⁷ (Sarah Belzoni)

No capítulo escrito por Sarah, encontram-se aspectos importantes para a discussão sobre o imaginário em torno das mulheres no Egito, Síria e Núbia. No início, a Sra. Belzoni explica que assim que decidiram ir para o Egito, havia planejado conhecer os hábitos das mulheres naquela região: “Eu estava determinada a ficar entre as mulheres em todos os lugares onde pudéssemos parar”⁶⁸ (BELZONI, S. 1820, p. 446). Considerando, assim como Belzoni, a população local como “selvagem”, Sarah se coloca numa posição de superioridade em relação a ela. Sua dedicação ao estudo das mulheres árabes vai além da simples curiosidade: pode também ser compreendida como uma aspiração a determinada posição de poder em relação às nativas. Tal fator pode ser observado em diversos aspectos que serão discutidos a seguir.

Inicialmente, a viajante apresenta um sentimento de repugnância quanto à cidade do Cairo, que, em suas palavras, era um “poço de vício e de perversidade”⁶⁹ (BELZONI, S. 1820, p. 464). Aos olhos dela, boa parte disso se dava por causa do comportamento do povo em geral, mas, particularmente, o das mulheres. Ao descrevê-las, a Sra. Belzoni (1820, p. 441) enfatiza sua feiura, descrevendo-as como “mais feias que as bruxas de Macbeth”⁷⁰, e primitivismo, referindo-se a elas como “árabes de aparência selvagem” (BELZONI, S. 1820, p. 461)⁷¹. Em outro trecho, chega a se comparar com elas, salientando que, perto daquelas mulheres, ela seria uma princesa :

Nós fomos a um jardim particular pertencente a algumas criaturas miseráveis, as mais infelizes do Egito, onde, uma princesa comparada com as pessoas dessa vila, eu me assentei em um local, na esperança de descansar um pouco após o dia e a noite miseráveis que eu havia

⁶⁷ *I took the opportunity, while in Egypt, to observe the manners of the women in that country. I contrived to see the various modes of living among these half wild people.*

⁶⁸ *I was determined to go among the women at every place we might stop at.*

⁶⁹ *After my return, I began to prepare to depart for that sink of vice and wickedness, Grand Cairo.*

⁷⁰ *[...] uglier than Macbeth's witches [...].*

⁷¹ *[...] wild-looking Arabs [...]*

passado.⁷² (BELZONI, S. 1820, p. 461)

Assim como no excerto acima, boa parte das descrições oferecidas por ela contém um olhar extremamente negativo, seja das mulheres árabes, dos locais ou dos costumes. Segundo a viajante, no Egito, até mesmo o cristianismo teria se desvirtuado. Em passagens diversas, aponta as diferenças religiosas enfatizando a superioridade da religião cristã, contudo, chega à conclusão de que até mesmo esta teria perdido suas características em meio àquele povo: “O estado dos cristãos nativos no Egito infelizmente é muito imoral. Eu não vejo nenhuma chance de serem muito melhores enquanto subordinados aos turcos, que como maus exemplos são os piores”⁷³ (BELZONI, S. 1820, p. 482).

Boa parte de seus argumentos oferecem suporte à dominação europeia da região, como pode-se subentender na passagem acima. Assim como Giovanni Belzoni, Sarah acredita que os árabes precisavam ser civilizados e necessitavam de supervisão de outra sociedade, no entanto, os turcos não seriam capazes de fazê-lo. Dessa maneira, torna-se evidente que as ideias de Sarah, como de qualquer outro viajante da época, eram influenciadas pelo contexto político-ideológico no qual estava inserida e, por isso, não apresenta necessariamente uma visão diferenciada da dos homens viajantes. Seus discursos reafirmam os ideais imperiais da época, mostrando ao público leitor os benefícios que sua nação poderia ter ao dominar outros territórios e culturas.

No decorrer de sua narrativa, a Sra. Belzoni demonstra-se incomodada com a curiosidade das habitantes locais em relação a ela. “Ao ouvirem que havia uma europeia a bordo, enviaram uma jovem negra para descobrir que tipo de animal eu era”⁷⁴ (BELZONI, S. 1820, p. 444). Afirma ter se irritado inúmeras vezes com os olhares interessados dessas mulheres ou suas tentativas de examinar suas roupas e acessórios. No excerto abaixo, faz uma comparação entre mulheres núbias e árabes, diferenciando-as em termos de civilidade:

⁷² *We went to an enclosed yard belonging to some poor miserable creatures, the most wretched in Egypt ; where, a princess, compared to the people of this village, I fixed upon a spot, and was in hopes of resting a little after the miserable night and day I had passed.*

⁷³ *The state of the native Christians in Egypt is unfortunately very immoral, and I see no chance of their being much better while under the Turks, as bad examples are the worst of evils.*

⁷⁴ *Having heard there was a Frank woman on board, they sent a young negro girl on purpose to see what kind of animal I was.*

Eu achei as mulheres núbias mais gentis e civilizadas no geral, e não demonstraram aquele ciúme desagradável ou cobiça que as mulheres árabes possuem. Depois de satisfazerem sua curiosidade sobre as minhas roupas, ordenou que as mulheres, que ela havia enviado de propósito, dançassem, pensando em me divertir; mas infelizmente eu não apreciei essa marca de respeito que eles pensavam que estavam me oferecendo.⁷⁵ (BELZONI, S. 1820, p. 446).

Ainda sobre as núbias, apresenta uma simpatia um pouco maior por elas, porém, como pode ser observado no trecho a seguir, isso ocorre mais pela admiração que as núbias demonstram pelos seus costumes ingleses do que pela apreciação de Sarah aos delas. Uma senhora chama a atenção de Sarah por sua simpatia e simplicidade. Ao descrevê-la, a autora salienta “[...] ela não teria desonrado a Inglaterra; ela fazia muitas observações sensatas sobre nossos costumes”⁷⁶ (BELZONI, 1820, p. 453). Desse modo, observa-se que sua simpatia pela senhora ocorre, principalmente, por ela não “desonrar” a Inglaterra com comentários inadequados sobre seus costumes, algo que, contraditoriamente, é recorrente nos escritos da Sra. Belzoni sobre as mulheres egípcias. Sua afinidade pela senhora crescia à medida que esta dizia querer ir embora para a Europa, dispondo-se até mesmo a usar as roupas ocidentais e servir a viajante:

Ela queria ir comigo para a minha *bellad*, que significa aldeia ou país [...], me dizendo que usaria roupas europeias ou qualquer outra coisa que eu desse a ela, mostrando-me por mímica que iria lavar meus pés e minhas roupas, fazer meu pão, cozinhar para mim e qualquer coisa que eu quisesse [...]. Se ela falasse árabe eu a teria levado: elas certamente não tem o preconceito que as mulheres árabes tem.⁷⁷ (BELZONI, S. 1820, p. 453, grifo nosso)

A partir de trechos como este, nota-se que Sarah apresenta uma visão específica das mulheres que aborda: tende a gostar das que se dispõem a servi-la. Tal noção aponta para uma subordinação étnica e racial que vai além das diferenças

⁷⁵ *The Nubian women in general I found more kind and civil, and did not show that invidious jealousy and covetousness the Arab women possess. After satisfying their curiosity about my clothes, she ordered the women, whom she had sent for on purpose, to dance, thinking to amuse me; but unfortunately I did not appreciate this mark of respect they thought they were paying me.*

⁷⁶ *[...] she would not have disgraced England itself; she used to make many sensible remarks upon our customs.*

⁷⁷ *She wanted to go with me to my bellad, meaning my village or country (they knew of no other town besides Stambul or Mesr), telling me she would wear Franks clothes, or anything I would give her, showing me by pantomime she would wash my feet and clothes, make my bread, cook for me, and anything else I might want ; the only stipulation she made was, that I must give her wheat bread, and not dhourra. If she could have spoken Arabic I should have taken her : they certainly have not the prejudice of the Arab women.*

culturais, mas que se estende para o âmbito do trabalho, na medida em que pressupõe que etnias “inferiores” deveriam servir outras. No discurso da viajante, a melhor etnia é aquela que se submete passivamente aos desejos britânicos. Importante lembrar que nesse período tais noções já passavam a ter respaldo de discussões biológicas e pseudo-científicas. Muitos desses argumentos, principalmente após a descoberta do Novo Mundo, influenciaram os viajantes em sua maneira de se relacionar e pensar sobre as diversas sociedades do globo. Por outro lado, os próprios viajantes são responsáveis por “confirmar” essas ideias, despertando em seus leitores noções de superioridade, civilidade e selvageria.

No que concerne à personalidade das mulheres árabes, ao contrário de sua opinião sobre as mulheres núbias, Sarah julga, assim como Giovanni, que elas não seriam confiáveis, salientando sempre seu hábito de tirar vantagem dos outros. Após sua primeira estadia em uma habitação árabe, conclui:

Eu aprendi o suficiente, nessa minha primeira visita, para me guiar no futuro [...] com outras mulheres que possivelmente eu tivesse que lidar; ao me mostrar livre com elas, devido a minha ignorância sobre seu caráter, elas iriam tirar proveito disso”⁷⁸ (BELZONI, S. 1820, p. 443).

Apesar de sua opinião acerca do caráter das nativas, a viajante relata histórias em que demonstrou ficar chocada com o tratamento que essas mulheres recebiam de seus maridos e da população masculina no geral. Estando hospedada na casa de um árabe, nota: “Ele não se atrevia a confiar a elas qualquer coisa, pois sabia de suas macaquices sempre que virava suas costas.”⁷⁹ (BELZONI, S. 1820, p. 441). No decorrer de suas observações, faz comparações com a Europa, assegurando que as mulheres lá eram melhor tratadas. O trecho a seguir, mostra uma situação curiosa em que a viajante, na hora do café, recebe prioridade do chefe da casa, em favor de sua esposa e demais habitantes. Inicialmente, Sarah se sente mal pela diferença entre elas, contudo, aos poucos sua opinião vai mudando:

Fiz sinal para que elas se sentassem e, em particular, para que a esposa tomasse café comigo: mas ele as tratou com severidade; fazendo-me entender que café seria bom demais para elas, disse que água era

⁷⁸ *I learnt sufficient in this my first visit to guide me in future[...] with other women I might have to deal with; for by showing myself free with them, on account of my ignorance of their character, they would take advantage of it.*

⁷⁹ *He durst not trust them with anything, as he knew of their monkeyish tricks whenever he turned his back.*

suficiente. [...] Devo confessar que me senti mal ao ver a distinção que ele fez, mas depois vi a necessidade de fazê-lo. Eu não pude deixar de refletir sobre a inconsistência que frequentemente encontrei nesses homens: eles tratam as mulheres com o maior desprezo, e ainda assim sempre me trataram não só com respeito, mas também com humildade, de modo que sua severidade não parece se dirigir às mulheres em geral; muitas vezes os ouvi dizer que se tratassem essas mulheres como me tratavam, elas se tornariam bastante indisciplinadas.⁸⁰ (BELZONI, S., 1820, p. 442)

À vista disso, a viajante reafirma seu posicionamento em relação às mulheres egípcias, alegando que necessitavam de alguém que as regrasse e as civilizasse. Em outras circunstâncias, critica a maneira dos homens se comportarem, colocando-se acima deles em termos civilizacionais. Cria em seu discurso uma hierarquização entre europeus, homens e mulheres egípcios, no qual homens seriam mais civilizados que as mulheres, ainda assim, nunca como os europeus. Contudo, se ao seu olhar os homens eram incivilizados, as mulheres o eram ainda mais. No trecho a seguir, a Sra. Belzoni relata um momento de interação com algumas egípcias, em que ela lhes oferece um presente e se espanta com a reação das moças, sugerindo que elas eram desprovidas de qualquer raciocínio lógico:

Eu dei um pequeno presente de miçangas e um espelho, o qual continha uma gaveta. As miçangas as agradaram, e o espelho, sendo o maior que elas já haviam visto, e feito para ficar de pé, era para elas motivo de espanto. Descrever as artimanhas que elas fizeram com ele, arrancando-o umas às outras e arrumando-o de qualquer maneira menos a certa, poderia ser considerada cômica. A princípio eu tentei mostrar a elas o modo correto de usá-lo, mas não existe outro método com essas mulheres além de deixá-las fazer do seu próprio jeito; e eu acredito é da mesma maneira em países mais civilizados, ou estou muito enganada. Quando a esposa percebeu que elas haviam tirado o espelho de sua moldura, ela o colocou em um quarto pequeno e o trancou junto com as miçangas. Elas então começaram a examinar o meu vestido, já que o homem não estava lá, o que eu tinha razão de lamentar. Eu estava com roupas europeias.⁸¹ (BELZONI, S. 1820,

⁸⁰ *I made a sign I wished them to sit down, and in particular that the wife should take coffee with me : but he treated them very harshly, made me understand that coffee would be too good for them, and said water was good enough [...] I must confess I felt hurt to see the distinction he made, but afterwards I saw the necessity of so doing. I could not help reflecting on the inconsistency I often met with from these men: they treat women with the greatest contempt, and yet they always behaved to me not only with respect, but even with humility; so that their roughness seems not directed towards women in general; and I have often heard them remark to me, that if they treated these women as I was treated, they would become quite unruly.*

⁸¹ *I now gave my little present of beads and a looking-glass, which contained a drawer: the beads pleased them, and the glass, being the largest they had ever seen, and made to stand by itself, was to them a matter of astonishment. To describe the tricks the women played with it, tearing it from each other, and setting it in any way but the right, would be thought a caricature. I at first attempted to show them the right way to use it, but there is no other method with those women than letting them have their own way; and I believe it is pretty well so in more civilized countries, or I am much mistaken. When the wife perceived they had got the glass out of its frame, she put it in a little room, and locked it up with the beads : they then began their examination of my dress, as the man was not there, which I*

p. 443)

Constata-se que, à medida que vai descrevendo essas mulheres, Sarah procura se diferenciar delas em sua narrativa, ressaltando as situações em que não agiria ou pensaria como elas. Ao conversar com os nativos acerca de seus próprios costumes, salienta: “os ingleses nunca interferiram nas leis ou costumes dos outros [...]”⁸² (BELZONI, S. 1820, p. 457). Em seu discurso, a ideia de polidez e civilidade inglesa dissimula o fato de que a expansão britânica já estava acontecendo há mais de dois séculos, interferindo em diversas sociedades e explorando-as. Em outro trecho, manifesta-se indignada quando tentam enganá-la, esclarecendo que não era tão ingênua quanto as mulheres árabes: “Julgando-me como suas próprias mulheres eles pensaram que poderiam obter *bakshis* [um tipo de gorjeta] de mim”⁸³ (BELZONI, S., 1820, p. 463). Por fim, neste trecho, demonstra que sua lógica era diferente das egípcias ao se relacionar com os outros:

De acordo com o costume das mulheres árabes, ao dar-lhes algumas miçangas, elas [...] imploraram para que eu aceitasse seus presentes [...] Eu fiz com que elas entendessem que eu as presenteei com as miçangas apenas como lembranças minhas, e não para conseguir algo em troca.⁸⁴
(BELZONI, S., 1820, p. 445)

É interessante observar que há uma mistura de sentimentos em relação a essas mulheres na narrativa de Sarah Belzoni. Elas aparecem como ingênuas, às vezes com uma inocência infantilizada, e ao mesmo tempo como inconvenientes e ignorantes, sendo motivo de irritação para a viajante. Por meio de sua narrativa, compreende-se que os contrastes de costumes são utilizados como justificativa para o discurso de inferioridade que é elaborado em torno da população egípcia e núbia. Ao apontar as disparidades entre os hábitos europeus e da população local, nos relatos de Sarah, encontra-se um esforço para categorizar as civilizações em termos hierárquicos, mas como uma maneira de reforçar a missão civilizadora dos impérios europeus em relação a outras sociedades do mundo e sua constante exploração. Imprescindível lembrar que a ideia de hierarquizar as populações em termos raciais,

had reason to be sorry enough for. I was then in European clothes.

⁸² *The English never interfered with the laws or customs of others [...]*

⁸³ *Judging me like their own women, they thought they could [...] get the bakshis from me.*

⁸⁴ *According to the custom of the Arab women, on my giving them some beads, they [...] begged me to accept their presents [...] I made them understand I gave them the beads only as remembrances of me, and not for the sake of getting anything in return.*

sob a justificativa de que umas seriam melhores que as outras, foi a chave para a constituição do racismo científico, que alguns anos mais tarde adentraria vigorosamente nas sociedades europeias com o respaldo acadêmico.

Compreende-se que, para além de viajante e antiquarista, Sarah Belzoni também teve atuação como agente colonizadora. Negocia com homens e mulheres de diferentes culturas, a serviço de seus próprios interesses e de sua nação⁸⁵ e publiciza o Egito na Europa, ganhando adeptos a exploração. Por mais que a Inglaterra ainda não tivesse domínio do território egípcio (apesar da forte influência política na região) na época em que escreve o capítulo do diário, alimenta em seus leitores a ideia de que a população nativa era incapaz de decidir os caminhos de sua própria sociedade, de ser dona das riquezas do local, de seus costumes e, inclusive, de seu próprio passado. Pode-se considerar, então, a viajante como formadora de opinião pública sobre o tema que aborda em seus escritos, opinião esta que perpassa ideais colonialistas, especialmente no que tange as relações entre europeus e populações locais dos lugares explorados pelo Império Britânico.

Pelas passagens apresentadas neste item nota-se que a Sra. Belzoni possui um olhar marcado por um pensamento colonialista e nacionalista, como boa parte dos viajantes de sua época, homens e mulheres. Neste ponto é importante salientar que muitas das mulheres que tinham a oportunidade de viajar e estudar outras populações não necessariamente rompiam com as estruturas de discursos e demonstravam solidariedade em relação a outras mulheres quando escreviam sobre elas. Sarah, apesar de se mostrar um pouco chocada com o tratamento que as egípcias recebem de seus maridos acaba consentindo que esta era a melhor maneira de controlá-las. Ao ocupar um lugar social de poder em relação às nativas, a viajante, influenciada pelo contexto em que vivia, mantém discursos patriarcais.

A seguir, analisar-se-á como o Egito Antigo é retratado no diário e de que forma sua cultura material é avaliada por Giovanni Belzoni. Aqui, faz-se necessária uma observação: apesar de Sarah ter feito parte de algumas escavações ao lado de seu marido, infelizmente não se teve acesso a qualquer relato - ou desenhos de escavações - dela sobre esse tópico, embora se tenha conhecimento de sua existência. Portanto, no item a seguir, serão considerados apenas os discursos de Giovanni.

⁸⁵ Assim como Giovanni, Sarah Belzoni também escavou antiguidades que foram vendidas para a Europa.

3.3 ESCAVANDO ANTIGUIDADES EGÍPCIAS: UM PASSADO SELECIONADO

Se, quando Belzoni chega ao Egito, aparenta estar completamente chocado com os costumes de seus habitantes, por outro lado, ao ver a cultura material deixada pelos antigos egípcios, demonstra estar perplexo e maravilhado: “Para onde quer que os olhos se voltem, onde quer que a atenção esteja fixa, tudo inspira respeito e veneração [...]”⁸⁶ (BELZONI, 1820, p. 35). Não apenas as paisagens exóticas fascinaram o viajante, como já apresentado, mas também as antigas construções, instigando sua curiosidade e imaginação sobre aquela antiga sociedade. As descrições das antiguidades no diário são detalhadas e repletas de informação sobre o Antigo Egito, o que mostra que o viajante, apesar de não ser erudito, teria se informado sobre esta sociedade.

Conforme Leask (2002, p. 139), as narrativas de Belzoni dependem da leitura desajeitada⁸⁷ de precursores sobre o Egito, devido a sua ignorância em relação à arte e à história dessa sociedade. De acordo com Hume (2011), o viajante teve acesso à biblioteca de Salt e utilizou esta oportunidade para conhecer um pouco mais sobre a cultura que escavava. Somado às suas experiências em campo, esse conhecimento incita Belzoni a pensar no Egito Antigo como uma sociedade grandiosa em termos civilizacionais. Ao narrar seu passado, o olhar de Belzoni seleciona aquilo que é admirável no local, procurando nele os indícios do apogeu de uma civilização desenvolvida.

Da mesma maneira que os europeus parecem superiores aos árabes, o antiquarista também enfatiza em seu texto uma superioridade do Egito Antigo em relação ao moderno. Após conhecer uma das tumbas de Hermópolis, e com base em outros monumentos e peças vistas antes, Belzoni conclui que os egípcios antigos teriam sido um povo glorioso: “Pelo que tenho visto dos túmulos nessas montanhas, sou da opinião que Hermópolis foi habitada por grandes pessoas, pois nada pode oferecer ideias mais justas da condição dos egípcios do que a qualidade

⁸⁶ *Wherever the eyes turn, wherever the attention is fixed, everything inspires respect and veneration [...]*

⁸⁷ Belzoni recebeu diversas críticas por fornecer informações errôneas e duvidosas sobre a sociedade egípcia. Além disso, em diversas passagens confunde os autores antigos, tais como Heródoto e Diodoro (LEASK, 2002, p. 137).

dos túmulos em que foram enterrados”⁸⁸ (BELZONI, 1820, p. 30). Neste trecho, o viajante conhece as ruínas de Hermópolis e fica extasiado com a construção, pensando sobre a sociedade que teria construído tais maravilhas:

Aqui está a primeira arquitetura egípcia que os viajantes encontram no Nilo acima das pirâmides; e devo dizer, que causou uma grande impressão, embora seja apenas um pórtico de duas fileiras de colunas. O lugar solitário em que está, no meio das ruínas de Hermópolis, e a aparência majestosa das colunas, de uma forma tão incomum para um europeu, não pode deixar de inspirar veneração ao povo que ergueu tais edifícios.⁸⁹ (BELZONI, 1820, p. 161)

Ao passo que Belzoni vai se envolvendo com o antiquarismo, preocupa-se em compreender como uma civilização tão grandiosa como a egípcia antiga teria se tornado a sociedade que tinha diante de seus olhos, totalmente incivilizada, com hábitos imorais e que pouco se preocupava em preservar os resquícios de um célebre passado:

A oeste do Nilo, o viajante ainda se encontra entre maravilhas. [...] As incomparáveis figuras colossais nas planícies de Tebas, o número de tumbas escavadas nas rochas, aqueles no grande Vale dos Reis, com suas pinturas, esculturas, múmias, sarcófagos, figuras, etc. são todos objetos dignos da admiração do viajante; que não deixará de se perguntar como uma nação, que uma vez foi tão grandiosa a ponto de erguer esses edifícios estupendos, poderia agora cair no esquecimento, que até mesmo a sua linguagem e escrita se tornaram totalmente desconhecidas para nós.⁹⁰ (BELZONI, 1820, p. 38)

Outros contrastes aparecem sobre construções antigas e modernas, abordando sua qualidade e técnica. Belzoni não deixa de demonstrar seu desgosto pela mistura de arquiteturas, pelo acabamento dos edifícios e pela diferença dos materiais utilizados:

⁸⁸ *From what I have seen of the tombs in these mountains, I am of opinion, that Hermopolis was inhabited by some great people, as nothing can give juster ideas of the condition of the Egyptians than the quality of the tombs in which they were buried.*

⁸⁹ *Here is the first Egyptian architecture that travellers meet with on the Nile above the pyramids ; and I must say, that it has made a great impression on my mind, though it is only a portico of two rows of columns. The solitary place on which it stands, in the midst of the ruins of Hermopolis, and the majestic appearance of the columns, of a form so uncommon to a European, cannot fail to inspire veneration for the people that erected such edifices.*

⁹⁰ *On the west side of the Nile, still the traveller finds himself among wonders. [...] The unrivalled colossal figures in the plains of Thebes, the number of tombs excavated in the rocks, those in the great valley of the kings, with their paintings, sculptures, mummies, sarcophagi, figures, &c. are all objects worthy of the admiration of the traveller; who will not fail to wonder how a nation, which was once so great as to erect these stupendous edifices, could so far fall into oblivion, that even their language and writing are totally unknown to us.*

Há também em Gournou um grande número de outros edifícios de tijolos queimados pelo sol, de uma data posterior, que espero não sejam confundidos com os outros. Alguns destes são construídos com um tipo menor de tijolos; outros com tijolos tirados das paredes egípcias; mas a sua construção mostra claramente a diferença das pessoas que os ergueram.⁹¹ (BELZONI, 1820, p. 178)

Em outra passagem, o viajante faz uma comparação explícita entre Egito moderno e antigo, de forma a classificar este como superior àquele:

Ao olhar para um edifício de tal magnitude, acabamento e antiguidade, habitado por um povo selvagem, cujas cabanas estão presas nele, não muito diferente de ninhos de vespas, e contrastar suas roupas sujas com estas imagens sagradas, que já foram tão altamente veneradas, faz sentir fortemente a diferença entre o antigo e o moderno estado do Egito.⁹² (BELZONI, 1820, p. 38)

Os argumentos de Belzoni, ao separarem um presente egípcio considerado negativo e atrasado e um passado glorioso e deslumbrante, ensejam o mito colonialista de retorno - ou de resgate - da cultura material. Sugere que os objetos são legitimamente patrimônio europeu e não egípcio. Afinal, não possuem muito valor de mercado para os nativos que tampouco demonstram qualquer ligação de ancestralidade com os antigos egípcios. Como lembra Leask (2002, p. 146), a espoliação é fundamentada como uma questão de família: uma família à qual os egípcios modernos definitivamente não pertencem. Com isso, o viajante insinua uma possível aproximação entre o Egito Antigo e a Europa moderna que, mesmo distantes temporalmente, se assemelhariam pelo grande nível de desenvolvimento e imponência em questão de civilização.

No decorrer de todo o diário é constante deparar-se com frases comparativas entre egípcios antigos e europeus. Os viajantes fazem observações sobre o feitio de roupas, sapatos, sobre a colheita, habilidades arquitetônicas, entre outros. No geral, têm-se frases como essas, em que ao atribuírem uma qualidade ao trabalho dos egípcios, imediatamente os viajantes afirmam ser “tão boa quanto” ou

⁹¹ *There is also at Gournou a great number of other buildings of sun-burnt bricks, of a later date, which I hope will not be confounded with the others. Some of these are built with a smaller sort of bricks ; others with bricks taken from the Egyptian walls ; but their construction plainly shows the difference of the people who erected them.*

⁹² *On looking at an edifice of such magnitude, workmanship, and antiquity, inhabited by a half savage people, whose huts are stuck against it, not unlike wasps' nests, and to contrast their filthy clothes with these sacred images, that once were so highly venerated, one strongly feel the difference between the ancient and modern state of Egypt.*

“igual” à dos europeus:

Os egípcios certamente estavam bem familiarizados com as manufaturas de linho a uma perfeição igual à nossa; [...] tiveram a arte de curtir couro, com a qual fizeram sapatos, assim como nós, alguns dos quais eu encontrei de várias formas. (BELZONI, 1820, p. 173)⁹³.

Percebe-se que há em seu texto uma tendência a considerar que as antiguidades das quais se apropria ou eram dignas de estar sob o cuidado de uma nação civilizada tanto quanto fora o Antigo Egito e, por conseguinte, o viajante naturaliza a exploração, como algo de direito dos países europeus e, sobretudo, da Inglaterra. Em sua opinião, estaria salvando os objetos antigos do esquecimento e da destruição ao levá-los para o seu continente. No trecho a seguir, nota-se todo o entusiasmo de Belzoni ao encarar pela primeira vez o Busto Colossal de Ramsés II. Ao olhar para a estátua, o antiquarista passa a sensação de que ela teria vontade própria, como se tivesse pedindo para ser levada e soubesse o que era “melhor” para si:

Assim que eu entrei naquelas ruínas, meu primeiro pensamento foi examinar o busto colossal que eu teria que levar embora. Eu o encontrei perto dos restos de seu corpo e cadeira, com sua face para cima, aparentemente sorrindo para mim ao imaginar ser levado para a Inglaterra.⁹⁴ (BELZONI, 1820, p. 39)

Pela descrição acima, o busto de Ramsés se personifica, adquirindo autonomia e vitalidade à expectativa de ser resgatado e recontextualizado no Museu Britânico. Segundo o viajante, a estátua encontra-se claramente satisfeita com a ideia de ser levada para “casa” na Inglaterra, lugar a que naturalmente pertencia.

Aqui surge a necessidade de destacar a importância dessa aquisição tanto para Belzoni como para a Inglaterra: trata-se de uma peça em granito, de tamanho imensurável, com a aparência majestosa e pesando mais de sete toneladas. Considerando a enorme dificuldade que Belzoni e seus trabalhadores tiveram para retirá-la da areia onde se encontrava, parcialmente submersa, pode-se dizer que adquiri-la foi uma das maiores conquistas do antiquarista no Egito. Os obstáculos

⁹³ *The Egyptians were certainly well acquainted with linen manufactures to a perfection equal to our own; [...] they had the art of tanning leather, with which they made shoes as well as we do, some of which I found of various shapes.*

⁹⁴ *As I entered these ruins, my first thought was to examine the colossal bust I had to take away. I found it near the remains of its body and chair, with its face upwards, and apparently smiling on me, at the thought of being taken to England.*

não se restringiam somente ao trabalho árduo de remover a estátua, mas também à busca por mão-de-obra para realizá-lo. Empreender suas expedições em um Egito "para-colonial" e não num universo efetivamente colonial, onde o capital e trabalho são institucionalizados, exacerbou seus problemas, apesar de contar em parte com o auxílio do governo de Mohamed Ali. A partir da operação do busto de Ramsés II, contudo, Belzoni instituiu um sistema salarial à classe camponesa egípcia, ao pagar-lhes salários semanais e recompensas pela aquisição de objetos de valor. Conforme Leask (2002, p. 142-43), a partir desse método, conseguiu extrair um número sem precedentes de antiguidades em um período determinado de tempo contratado, criando uma relação capitalista de trabalho.

Não à toa diversas páginas do diário são dedicadas à descrição dessa operação que demorou cerca de 17 dias e exigiu a mão-de-obra de mais de 130 homens⁹⁵ (apenas para retirar a estátua do *Ramsesum* e levá-la às margens do rio Nilo). Foi o primeiro objeto capturado pelo viajante, e o sucesso de sua obtenção abriu portas para que ele continuasse trabalhando com o antiquarismo no Egito. Sua aquisição significou, acima de tudo poder adentrar de fato no comércio de antiguidades, pois a partir disso seu trabalho passou a ser conhecido.

Já para o Museu Britânico, significou ter posse de uma das peças mais significativas da coleção de antiguidades - embora a arte egípcia ainda fosse considerada inferior à arte greco-romana - e a oportunidade de exibir toda a sua imponência em uma das salas do Museu. Na época, o faraó Ramsés II, já era conhecido por muitos eruditos europeus, pelo nome grego *Osymandias*, e acreditava-se que sua figura foi um dos elementos essenciais para definir a relevância da escultura, além de seu tamanho e material de composição (LEASK, 2002). O entusiasmo por sua presença em solo britânico foi tão grande que a revista *Quarterly Review* anunciou a chegada ao Museu do "melhor exemplar de escultura egípcia antiga descoberto até o momento"⁹⁶ e dois sonetos foram compostos em

⁹⁵ Nas narrativas, apesar de serem citados por Belzoni, os trabalhadores que auxiliaram nas expedições tem sua contribuição relegada e, até mesmo, não reconhecida. Segundo Nigel Leask (2002, p. 134), enquanto os fragmentos personificados do busto de Ramsés brotam para a vida, em troca, os seres viventes que trabalharam para sua remoção ficam mumificados, sem qualquer reconhecimento. Posteriormente, a supressão do nome de Belzoni nas coleções reforçam e escondem, também, outros dois silenciamentos: o de sua esposa, Sarah, e o da força de trabalho egípcia que efetivamente realizou o trabalho físico de remover antiguidades (LEASK, 2002).

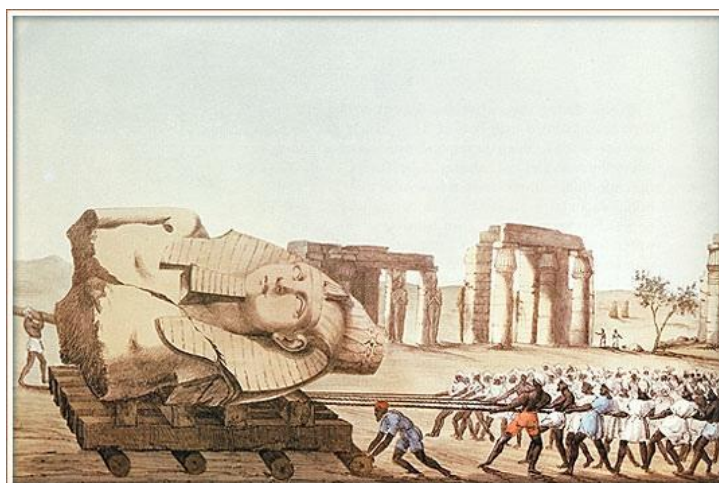
⁹⁶ *The finest specimen of ancient egyptian sculpture which has yet been discovered.*

homenagem ao artefato⁹⁷ (QUARTERLY REVIEW, *apud* LEASK, 2002 ,p. 103). Atualmente a peça ainda se encontra em destaque no Museu, sendo até o momento uma das maiores peças egípcias da coleção e um símbolo do poder e da força do Império Britânico.

A imagem abaixo, elaborada pelo próprio Belzoni, enfatiza o árduo trabalho de transportar a escultura pelas areias egípcias:

⁹⁷ Os poetas britânicos, Percy Shelley e Horace Smith, produziram os versos em homenagem à vinda do busto para a Inglaterra, competindo pela publicação na revista *The Examiner* (1818). Ambos conseguiram ser publicados e, ainda, nomearam seus poemas de maneira igual, sob o título de "Ozymandias".

FIGURA 6 - TRABALHADORES EGÍPCIOS TRANSPORTAM O BUSTO DE RAMSÉS II – POR GIOVANNI BELZONI



FONTE: Hume (2011).

Estima-se que Belzoni tenha recebido pouco dinheiro em forma de recompensa por essa aquisição. Em seus relatos, deixa claro que o sucesso financeiro não era a sua principal motivação. Acredita-se que a busca por *status* tenha sido seu maior incentivo. Ainda que tenha ocupado um papel relevante na intensificação do comércio da cultura material egípcia, Belzoni alegava não estar em busca de recompensas financeiras, mas de reconhecimento e prestígio. Criticava aqueles que escavavam antiguidades por puro interesse comercial, diferenciando-se deles. A comercialização egoísta de seu rival, Bernardino Drovetti lhe causava repulsa, pois “não procurava antiguidades pelo amor a essas relíquias, mas meramente por interesse” (BELZONI, 1820, p. 436)⁹⁸. Consoante Leask (2002, p. 139), o mesmo homem que ativamente introduziu o capitalismo salarial a uma força de trabalho camponesa egípcia, paradoxalmente só aceitava pagamento sob a forma de presentes. De fato, o verdadeiro triunfo da carreira pública de Belzoni não foi financeiro, pois não recebeu nenhuma comissão pela venda das coleções aos museus europeus.

Devido ao renome que almejava, durante alguns trechos de sua narrativa, o antiquarista ressalta sua intenção de mandar apenas para o Museu Britânico os artefatos encontrados. Mesmo algumas de suas coleções tendo sido vendidas para outros museus e colecionadores não britânicos, pouco discorre a respeito: “sinto-me

⁹⁸ *He did not seek antiquities for the love of these relics, but merely for interest.*

feliz, contudo, em afirmar que consegui colocar todos os artigos da minha descoberta no caminho para o Museu Britânico”⁹⁹ (BELZONI, 1820, p. 25) Essa assertiva leva a crer que suas coleções teriam ido quase que exclusivamente para este museu, o que não ocorreu na realidade. Acredita-se que adquire essa postura pelo *status* que poderia alcançar, pois se tratava de um dos primeiros e maiores museus nacionais europeus, com uma vasta coleção que expunha o alcance do Império Britânico nos diversos continentes.

Museus como o Britânico passam para seus visitantes a impressão de apropriação tanto das peças que expõe como da cultura e dos povos que as produziram. Essa questão instiga a pensar no papel do museu enquanto difusor de um passado egípcio na Europa e, principalmente, da ação dos impérios pelo mundo. O museu imprime novo significado aos objetos, incorpora-os a uma história coletiva da humanidade, a partir do viés da ciência. Com isso, compreende-se que o discurso imperialista que se vem enfatizando ao longo de toda esta análise manifesta-se, também, em outros meios que não somente o textual. O campo da visualidade, da mesma maneira, foi um importante difusor de um pensamento de dominação e de subordinação de variados locais do globo aos grandes impérios. Por meio dele, as colônias e outras terras exploradas são divulgadas nas metrópoles, atingindo públicos diversos. Nesse sentido, as exposições em museus, fruto direto do trabalho de exploradores em outras terras, também são responsáveis por nutrir um imaginário sobre o Antigo Egito na Europa.

De maneira semelhante, a exposição elaborada por Sarah e Giovanni no Egyptian Hall em Londres, também o faz. A platéia era entretida com performances e cenários que cuidadosamente recriavam¹⁰⁰ as tumbas que o viajante escavou no Egito num verdadeiro espetáculo visual (THOMAS, 2012, p. 7). A reprodução teatralizada das cenas produzia no visitante a ilusão de estar em terras egípcias, há milhares de anos. Segundo Thomas (2012, p. 13), essa tendência a representar o Egito como uma sociedade sublime e extraordinária se tornou recorrente no decorrer do século XIX e os Belzoni foram pioneiros em trazê-la para o âmbito museológico, marcando o início de uma era de exposições voltadas para o entretenimento

⁹⁹ *I am happy, however, to state, that I succeeded in putting all the articles of my discovery on their way to the British Museum [...].*

¹⁰⁰ Belzoni foi um dos primeiros exploradores a fazer réplicas das antiguidades encontradas. Durante toda a sua viagem dedicou-se a tirar moldes das peças que considerava relevantes e, a partir disso, conseguiu reproduzir em suas exposições particulares cenários fac-similares com os que teve contato no Egito.

comercial. Combinavam sua experiência circense com antiquarismo buscando atingir o público europeu de maneira lúdica. Tanto nas narrativas como na exposição, seus discursos abordavam o Egito Antigo sob uma perspectiva de grandiosidade e exotismo, no entanto a exposição permitiu o acesso a um público mais amplo, de classes mais baixas.

Essa discussão evidencia a maneira pela qual os meios de comunicação veiculam a imagem dos egípcios no continente europeu. As pinturas produzidas pelos viajantes e publicadas com o diário apresentam-se como propagadoras de um discurso de dominação imperial. Por meio delas, a imagem dos egípcios – de seu passado e presente - ultrapassam os limites africanos e difundem-se na Europa. Ronald Raminelli (1996, p. 165), estudioso da iconografia da colonização americana, salienta em suas pesquisas a forma como as populações nativas são concebidas por intermédio de estereótipos nas metrópoles. Em sua opinião, as imagens garantiam sua fixação no imaginário ocidental, funcionando como decodificadoras capazes de traduzir a realidade dos locais explorados e de viabilizar a comunicação entre mundos tão díspares.

Acredita-se que um paralelo pode ser feito com o contexto egípcio do século XIX, em que boa parte das imagens produzidas sobre o local é determinada por um imaginário europeu. As pinturas dos Belzoni, por exemplo, acompanham sua narrativa ao enfatizarem a monumentalidade dos locais, particularmente do passado antigo, e a exotividade das paisagens e costumes. Boa parte das imagens a que se tem acesso retratam a imponência das construções antigas (figura 7) e a destruição “provocada pelos habitantes locais” (figuras 8 e 9), como nas imagens a seguir:

FIGURA 7 – VISTA DO INTERIOR DO TEMPLO DE ABU SIMBEL– POR GIOVANNI BELZON

FONTE: vam.ac.uk/collections.

FIGURA 8 - VISTA GERAL DAS RUÍNAS DO TEMPLO DE KARNAK – POR GIOVANNI BELZONI

FONTE: vam.ac.uk/collections.

FIGURA 9 - VISTA DO TEMPLO DE HERMONTES – POR GIOVANNI BELZONI



FONTE: vam.ac.uk/collections.

A partir disso, compreende-se que, assim como o discurso escrito, as pinturas auxiliam na consolidação do estereótipo do nativo, como incapazes de preservarem o legado antigo, ao mesmo tempo em que permitem visualizar as razões dos avanços britânicos no Egito. Em relação à grandiosidade do passado egípcio os Belzoni ressaltam aspectos que conferem imponência àquela sociedade antiga. Tal fator possibilita pensar num passado selecionado, construído e marcado por um olhar ocidental. Selecionado porque nem todos os artefatos encontrados pelos viajantes no Egito recebem o *status* de capazes de representar a antiga sociedade egípcia na Europa.

Como lembra Alan Schnapp (2002, p. 397), o ato de colecionar implica diretamente em escolhas, geralmente baseadas numa diferenciação entre o visível e o invisível: de um lado os objetos claramente úteis e funcionais para determinada sociedade e, por outro lado, aqueles extraídos de seu ambiente cotidiano em virtude de serem portadores de significados, além de seu simples uso funcional. Esses significados podem ser religiosos, de valor material ou oferecer poder para aquele que o possui. Independente do motivo, objetos selecionados como vestígios do passado por seus significados fazem parte de um fenômeno mais abrangente de colecionismo: eles também se referem a certa ligação entre presente e passado, o que pode ser considerado um “culto do passado” (SCHNAPP, 2002, p. 397). Retomando o debate de Lowenthal (1995), diz-se que tais significados são atribuídos

aos objetos de acordo com as expectativas do presente de cada sociedade e/ou indivíduo. Por exemplo, o contexto de imperialismo e de descobertas científicas que envolve Giovanni Belzoni o faz entender certos artefatos como mais importantes e significativos que outros.

Em relação ao valor que Belzoni atribui aos objetos, encontram-se passagens que relatam o interesse do viajante por antiguidades compostas por ouro ou qualquer outro metal de valor, que provocassem a atenção dos colecionadores estrangeiros a ponto de fazê-los comprar as peças por preços altos. "Voltamos para Luxor em êxtase, com a expectativa de termos em nossas mãos dois dos melhores artefatos de composição metálica que poderiam ser encontrados no Egito" ¹⁰¹ (BELZONI, 1820, p. 161). Por outro lado, em diversos outros momentos, Belzoni se mostra decepcionado com algumas antiguidades, que acredita serem irrelevantes e de pouco valor: "Depois de dois ou três dias, eles frequentemente encontravam apenas um poço cheio de múmias de classe inferior, que não tinham nada digno de se observar [...]" ¹⁰² (BELZONI, 1820, p. 165). "Em meio ao lixo da cidade são encontradas algumas antiguidades insignificantes, mas nada de grande relevância" ¹⁰³ (BELZONI, 1820, p.31).

Em uma visita à ilha de Elefantina o antiquarista infere que o templo de Knuphis seria a única antiguidade que valeria a pena mencionar daquele local, desconsiderando totalmente qualquer outro objeto ou monumento: "Em minha chegada à ilha, fui ver o templo que supostamente era dedicado à serpente Knuphis, e posso verdadeiramente dizer, a única antiguidade digna de ser mencionada" ¹⁰⁴ (BELZONI, 1820, p. 62). Esta passagem induz a pensar que, provavelmente, a falta de entusiasmo do viajante com as antiguidades nessa ilha estivesse relacionada com a falta de objetos metálicos de valor ou outras construções grandiosas. A partir disso, percebe-se que a admiração de Belzoni pela cultura material egípcia estaria, então, relacionada ao valor monetário que poderia ter e, também, com seu tamanho e magnitude. Contraditoriamente, apesar do antiquarista se dizer um amante genuíno da arte egípcia e contra a exploração de antiguidades para simples

¹⁰¹ *We returned to Luxor in high glee, from the expectation of having in our possession two of the finest articles of metallic composition that ever were to be found in Egypt.*

¹⁰² *After spending two or three days, they often found only a pit filled with mummies of the inferior class, which had nothing among them worthy of notice [...].*

¹⁰³ *Among the rubbish in the town are found a few trifling antiquities, but nothing of any consequence.*

¹⁰⁴ *On my arrival at the island, I went to see the temple, supposed to be dedicated to the serpent Knuphis; and, I may truly say, the only antiquity in it worthy of mention.*

comércio, suas escolhas são, contudo, baseadas neste quesito. Nesse sentido, compreende-se a representação do passado egípcio no continente europeu como um “passado selecionado”. Trata-se de um olhar específico do viajante sobre o local explorado, que enfatiza e silencia, ao mesmo tempo, diversos aspectos da cultura e do passado egípcio.

Ainda sobre a seleção das antiguidades, a maneira como Belzoni e outros antiquaristas da época procedem em suas escavações revela, também, a ideia de um passado construído, pois, muitas vezes, algumas peças são escolhidas em detrimento de outras. É importante destacar que o que se quer chamar a atenção aqui não é a falta de métodos científicos para a preservação das peças e sim a construção de uma narrativa específica do passado egípcio pela escolha dos artefatos que representarão tal sociedade na Europa. Afinal, o contexto no qual o viajante se insere é anterior à ciência arqueológica. Segundo Moacir Elias Santos (2012), a “Era dos Antiquaristas” é caracterizada pela intensa busca por artefatos antigos sem qualquer preocupação científica e, por isso, os métodos empregados na coleta dos objetos não tinham limites, muitas vezes causando danos aos artefatos encontrados. Portanto, seria anacrônico esperar que Belzoni utilizasse técnicas que estavam começando a ser estudadas no âmbito científico e compará-lo de forma negativa a cientistas e arqueólogos que estiveram no Egito posteriormente (DAVID, 2003, p. 16).

Nas operações dos Belzoni, são comuns as descrições de momentos em que antiguidades são destruídas. Com o propósito de que o busto de Ramsés II fosse retirado do templo onde se encontrava, o viajante opta por demolir parte da construção: “Para abrir espaço para sua passagem, tivemos que quebrar as bases de duas colunas do templo” ¹⁰⁵ (BELZONI, 1820, p. 45). Outro aspecto que pode ser utilizado como exemplo é a maneira como múmias de uma tumba são tratadas pelo italiano, que pouco se preocupa em preservá-las, esmagando e quebrando diversas delas, ou as utilizando como apoio de descanso, como se pode perceber nos excertos a seguir:

Após o esforço de entrar em tal lugar, através de uma passagem de cinquenta, cem, trezentas, ou talvez seiscentas jardas, próximo de superar, eu procurei um lugar de descanso, encontrei um e planejei sentar, mas quando o meu peso perfurava o corpo de um egípcio, esmagava-o como um

¹⁰⁵ *To make room for it to pass, we had to break the bases of two columns of the temple.*

caixote. Eu, naturalmente, recorria às minhas mãos para sustentar o meu peso, mas elas não encontraram um suporte melhor, então eu afundava juntamente entre as múmias quebradas, com uma batida violenta de ossos, trapos e caixas de madeira, que levantavam tamanha poeira que me mantinha imóvel por um quarto de hora, esperando até que baixasse novamente. Eu não poderia me mover do local, porém, com a aproximação da saída, a cada passo que eu dava eu esmagava uma múmia em alguma parte ou outra.¹⁰⁶ (BELZONI, 1820, p. 157)

Depois de passar por essas passagens, algumas de duas ou trezentas jardas de comprimento, você geralmente encontra um lugar mais cômodo, talvez alto o suficiente para sentar. Mas que lugar de descanso! Rodeado por corpos, por montes de múmias em todas as direções; que, antes de eu me acostumar com a visão, me impressionou com horror.¹⁰⁷ (BELZONI, 1820, p. 156).

Mais para o final do diário, o viajante explica que teria se acostumado a dormir em meio às múmias, pois passava a maior parte de seu tempo à procura de antiguidades dentro de suas tumbas: “No fim, eu também me tornei indiferente a elas, e teria dormido em um poço de múmias tão facilmente quanto fora dele”.¹⁰⁸ (BELZONI, 1820, p. 181) De acordo com Santos (2012, p. 161), apesar de serem negligenciadas por Belzoni e outros viajantes, como nas descrições acima, as múmias eram as antiguidades que mais atraíam a atenção dos comerciantes, pois geralmente dividiam suas tumbas com outros artefatos valiosos da época, como papiros, amuletos e joias. Contudo, se um colecionador não tivesse como comprar todos os artefatos, qualquer outra parte avulsa poderia ser vendida, até mesmo a cabeça de uma múmia (SANTOS, 2012). Esse aspecto mostra que, mesmo Belzoni se posicionando contra o exacerbado comércio de antiguidades, sem uma “finalidade maior” que o lucro, acaba rendendo-se às vendas, afinal, era antiquarista acima de tudo.

No decorrer dessa discussão, observou-se que o viajante não se trata apenas de um antiquarista comum, possui suas peculiaridades. Belzoni encontra-se

¹⁰⁶ *After the exertion of entering into such a place, through a passage of fifty, a hundred, three hundred, or perhaps six hundred yards, nearly overcome, I sought a resting-place, found one, and contrived to sit; but when my weight bore on the body of an Egyptian, it crushed it like a band-box. I naturally had recourse to my hands to sustain my weight, but they found no better support ; so that I sunk altogether among the broken mummies, with a crash of bones, rags, and wooden cases, which raised such a dust as kept me motionless for a quarter of an hour, waiting till it subsided again. I could not remove from the place, however, without increasing it, and every step I took I crushed a mummy in some part or other.* Tradução: Moacir Elias Santos.

¹⁰⁷ *After getting through these passages, some of them two or three hundred yards long, you generally find a more commodious place, perhaps high enough to sit. But what a place of rest ! surrounded by bodies, by heaps of mummies in all directions; which, previous to my being accustomed to the sight, impressed me with horror.*

¹⁰⁸ *I also became indifferent about them at last, and would have slept in a mummy pit as readily as out of it.*

envolto num contexto de ambiguidade, ocupando um lugar controverso no âmbito de expansão da prática antiquarista no Egito. A começar por sua própria identidade social e cultural: um italiano patriota, não em relação a sua cultura mãe, mas em relação à uma nação que adotou como sua: a inglesa; um circense de família humilde que aspira ao reconhecimento aristocrático e científico; um antiquário que, embora se posicione contra o comércio exacerbado de antiguidades, não poupa esforços para espoliá-las, tornando-se referência em reunir coleções de artigos egípcios; um viajante que estabelece ideais de superioridade em relação aos nativos, exercendo papel semelhante ao de colonizador, ao mesmo tempo em que é discriminado por causa de sua terra natal e se submete à autoridade britânica.

Em suma, “as histórias de Belzoni mudam dramaticamente de cultura popular para erudita, de show performático para cavalheiro viajante, do Sadler’s Wells para o Museu Britânico, de *geek* para *artiste manqué*” (WALES, J. *apud* LEASK, 2002, p. 132). Nas múltiplas facetas do viajante dissolvem-se identidades culturais e sociais, tornando-o um “camaleão cultural”, capaz de construir identidades para si de acordo com cada ocasião (LEASK, 2002, p. 131). Ao mesmo tempo em que se apresenta como antiquário, atua como agente colonialista e capataz da força de trabalho egípcia. Em trajes orientais e sob seus poucos recursos empreende suas expedições, beneficiando a expansão do Império Britânico, suas práticas de dominação e o empreendedorismo capitalista europeu (LEASK, 2002, p. 134).

É possível afirmar que o desdém racialista que frequentemente marca as descrições que faz dos egípcios, embora não inusitado nos relatos de viagens do período, contrasta com a ansiedade de Belzoni sobre sua própria instabilidade social e cultural, como foi possível observar ao longo de todo este capítulo. Dessa forma, sua narrativa denuncia seu desejo por estabilidade e eminência, sendo um local de auto afirmação do autor. Contudo, apesar de seus esforços em adquirir uma posição respeitável no antiquarismo britânico, sempre teve uma relação ambivalente nesse meio, afinal nunca conseguiu se livrar do estigma de circense, fato que comprometeu sua associação a instituições científicas.

Apesar disso, o viajante teve um papel relevante no limiar entre antiquarismo e ciência no período estudado. Seu contexto de ambiguidade estende-se para o ramo da escavação: transitava entre um meio antiquarista e um cenário pseudocientífico do desenvolvimento da Egiptologia. Como afirma Funari (2016, p.

21), os antiquaristas, abordados por ele como “curadores do império”¹⁰⁹, possuem uma duplicidade no ramo do empreendimento político e pseudocientífico. Para além de meros mediadores entre passado e presente, esses indivíduos ocupam um papel primordial no suporte dos interesses de seus governos patrocinadores, algo que também os proporcionou ascensão na escala político-social.

Em relação aos Belzoni, muitos objetos de suas coleções facilitaram o acesso de cientistas à cultura material egípcia, a partir dos quais discursos sobre identidade e patrimônio passariam a ser idealizados. Contudo, seu envolvimento com a nascente Egptologia ultrapassa tais questões. O casal produziu mapas de suas escavações e desenhos topográficos com o objetivo de estudar a estrutura dos locais explorados, como se observa nas imagens abaixo:

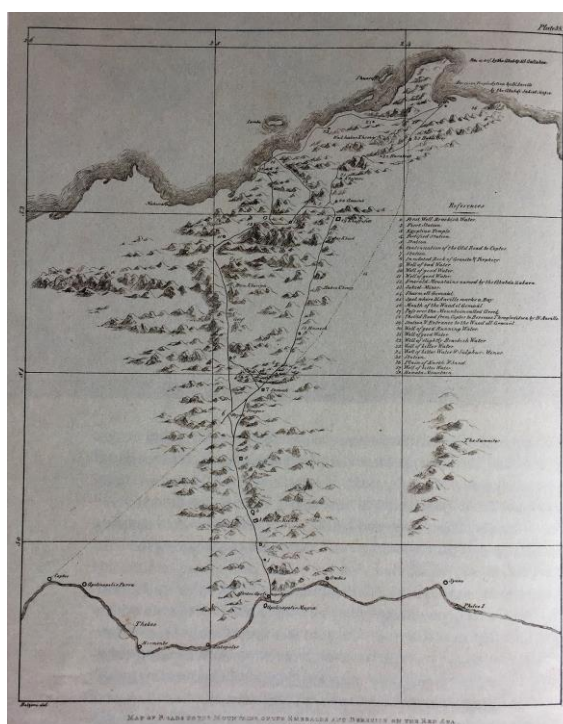
¹⁰⁹ Funari (2016, p. 21) define os antiquaristas como “curadores do império”. Em sua opinião, tratam-se de servidores civis de seus respectivos impérios, que completam os salões dos museus com artefatos extraídos dos locais conquistados com a finalidade de resgatar um patrimônio que, mais tarde, seria o seu próprio. A medida que constroem narrativas sobre os povos do passado e do presente, esses curadores isolam e deturpam o patrimônio da sociedade atual, especialmente na América Latina e no Oriente Próximo.

FIGURA 10 - MAPA TOPOGRÁFICO DO VALE DOS REIS COM AS TUMBAS DESCOBERTAS EM DESTAQUE – POR GIOVANNI BELZONI



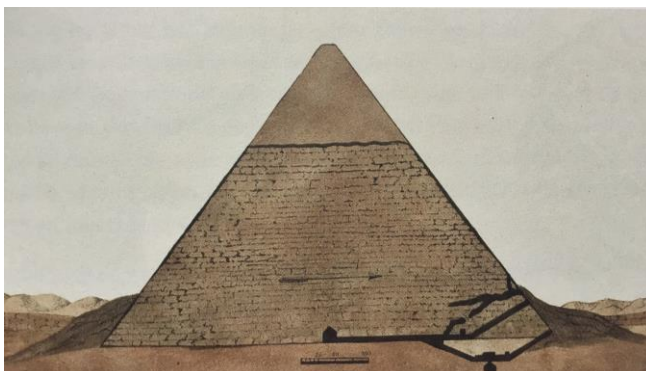
FONTE: HUME (2011).

FIGURA 11 - MAPA TOPOGRÁFICO COM O CAMINHO PERCORRIDO PELO VIAJANTE DO NILO AO PORTO DE BERENICE NO MAR VERMELHO – POR GIOVANNI BELZONI



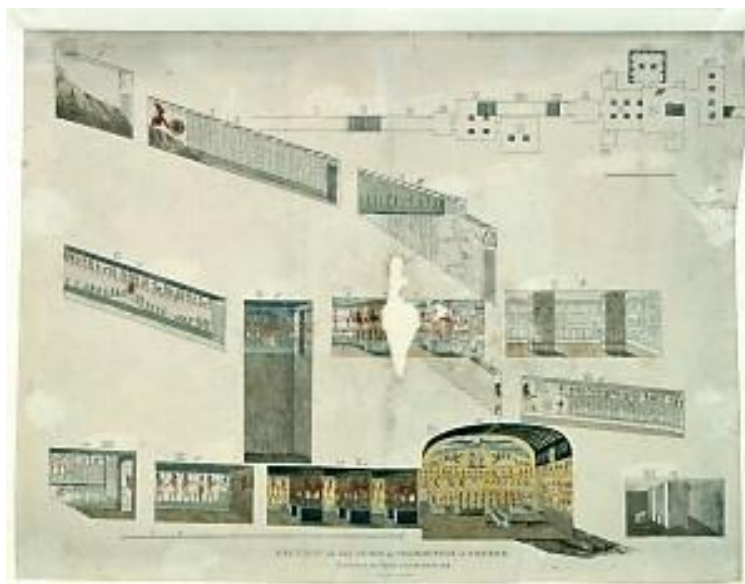
FONTE: HUME (2011).

FIGURA 12 - VISTA DA PIRÂMIDE DE QUÉFREN COM AS ENTRADAS FALSA E REAL – POR GIOVANNI BELZONI



FONTE: HUME (2011).

FIGURA 13 - PLANTA DO INTERIOR DA TUMBA DE SETI I – POR GIOVANNI BELZONI



FONTE: <http://museums.bristol.gov.uk/details.php?irn=80970>.

Tais desenhos foram posteriormente utilizados e aprimorados pelos novos egiptólogos, possibilitando que o local fosse estudado de um ponto de vista mais científico. Belzoni também foi um dos pioneiros em tirar moldes das peças encontradas, permitindo a produção de réplicas para estudo, aspecto que se tornaria recorrente no âmbito arqueológico alguns anos mais tarde. A tumba de Seti I, reproduzida em sua exposição no Egyptian Hall de Londres, teve a maioria de suas peças copiadas por moldes de cera. Esta prática permitiu um acesso múltiplo às antiguidades no Ocidente, pois um mesmo artefato poderia ser conhecido e

estudado em diversos locais. Posteriormente, foi adaptada para o molde em gesso, comumente usado em pesquisas em sítios arqueológicos em meados do século XIX, sendo o primeiro deles atribuído a Giuseppe Fiorelli, diretor das escavações na antiga cidade romana de Pompeia.

Além de tudo, tinha seus próprios métodos de escavação e, apesar da brutalidade no manuseio de determinadas peças, apresentava preocupações em relação à preservação delas. Muito embora tal preservação estivesse ligada aos interesses não só pessoais do viajante como também da nação a quem servia. Mas, dentro das discussões propostas desde o início desta dissertação, viu-se que nem mesmo as disciplinas científicas estariam imunes a isso. Sua curiosidade acerca do Antigo Egito vai além de seu gosto e interesse pessoal e/ou de seus contratantes, demonstra um desejo de compreender os egípcios dentro da história da humanidade e da natureza humana. Para isso, atribui-lhes classificações em relação às demais civilizações e explora noções de progresso, compondo um discurso marcado pela discriminação étnica e racial.

Dessa maneira, seu objetivo não se restringia apenas a coletar e identificar peças, como no antiquarismo tradicional, mas a interpretar o passado, informar e, acima de tudo, publicar, produzindo suas próprias teorias a respeito da sociedade estudada. E são estas práticas que constituiriam as bases da Arqueologia e Egiptologia como ciências poucos anos mais tarde. Evidentemente, seria prematuro classificá-lo como cientista, contudo, o que se pretende ressaltar é que Belzoni viveu no limite entre amadorismo e ciência, exercendo influência em ambas as áreas.

Por fim, ao longo deste capítulo, buscou-se salientar os aspectos que atraíram o viajante ao envolvimento com as antiguidades egípcias e, conseqüentemente, com a elaboração de um discurso – textual, imagético e performático – sobre o Antigo Egito. Compreende-se que os Belzoni tiveram um importante papel na formação de um imaginário sobre essa sociedade em um discurso legitimador da apropriação europeia de seus resquícios do passado antigo. Influenciaram, ainda, exploradores e arqueólogos que viriam a escavar o território egípcio em épocas posteriores, alimentados pela fantasia do viajante aventureiro que desafia seu destino em busca das riquezas de uma antiga civilização. Conclui-se então que, mesmo sendo um homem comum e não erudito, Belzoni, leva para a Europa, por meio de seus textos e coleções, um pouco do seu olhar sobre o Egito, um olhar que já não é tão distante do conhecimento científico que se delineava na

época, marcado por um pensamento eurocentrista e imperial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta dissertação, parti da discussão promovida por David Lowenthal (1995) sobre a noção de passado construído a partir das perspectivas do presente para pensar a formação de um imaginário sobre o Egito Antigo que até hoje perdura nas sociedades ocidentais. A descontextualização das antiguidades egípcias – resquícios do passado na perspectiva de Lowenthal – que se encontram espalhadas pelo mundo, bem como os esforços ideológicos das nações que se dedicaram a estudar essa sociedade me instigaram a problematizar um período específico na história das relações entre Egito e Europa: o início do século XIX. No decorrer da discussão, procurei ressaltar que o estudo do Egito Antigo encontrou, nesse século, solo fértil para seu desenvolvimento devido à formação dos Estados Nacionais e sua aspiração para formular para si uma memória histórica, associando-se às grandes sociedades do passado.

Dessa feita, compreendi que o respaldo das disciplinas científicas foi imprescindível para a realização deste projeto. Por isso, salientei a instrumentalidade de ciências acadêmicas, tais como a História, a Arqueologia e a Egiptologia, para a legitimação de uma narrativa histórica produzida com base nos valores ideológicos e políticos do presente. Nesse momento, nacionalismo e ciência se inter-relacionam, produzindo conhecimentos que estrategicamente permitiriam a manutenção das explorações imperiais. Logo, os conhecimentos sobre o passado devem ser entendidos junto a seus contextos de produção, a fim de evitar que padrões de interpretação sejam propagados sem passarem por qualquer avaliação crítica.

Nesse sentido, as discussões pós-coloniais me forneceram instrumentos teóricos para repensar a expansão imperial europeia de maneira a desmistificar as justificativas da dominação, a ideia de superioridade e de missão civilizadora do homem branco para com as outras sociedades do mundo, conceitos que tiveram legitimidade acadêmica durante anos. A intenção deste trabalho foi observar como essas noções vão se configurando, valendo-se de imagens e estereótipos das populações nativas para reforçar, e também criar, sentimentos e conceitos racistas e imperialistas. Em minha opinião, o conhecimento histórico deve olhar criticamente para tais fatores, evitando a reprodução de quaisquer tipos de preconceito.

Nas narrativas de viagens, encontrei a possibilidade de analisar essas questões mais de perto. À luz de discussões como as de Arendt (1951), Pratt (1992),

Said (2007), Gregory (1999), Brepohl (2003), entre outros, percebi que a literatura teve íntima relação com o fenômeno do imperialismo e seus precedentes. Apesar de suas diferenças, esses autores trouxeram importante contribuição para a compreensão de como as experiências da exploração além-mar se manifestam na esfera cultural. Ou melhor, à medida que a expansão se intensifica, o império se torna tema central da atenção cultural. Não como reflexos da realidade, mas, sobretudo, como produtora de uma mentalidade imperialista, a literatura oferece suporte ideológico para a dominação imperial. Por meio dos romances, diários, cartas e demais produções textuais, não apenas a experiência individual do viajante é publicizada na Europa, e posteriormente em outras metrópoles, como também as próprias colônias, a população local e a ação dos impérios nesses locais.

O diário de Giovanni e Sarah Belzoni não escapa a essas questões. A exploração é encarada como entretenimento na literatura de viagem, afinal, tal estilo de narrativa frequentemente atingiu o *status* de *best-seller* no mercado literário da época, exercendo importante papel na disseminação de conceitos e pensamentos sobre as terras e as populações que narra. Ao analisar os discursos dos Belzoni sobre os nativos, percebi que o Egito moderno aparece como um antagonista em relação ao europeu. Os viajantes encontram justificativas para a presença europeia no Egito, como se devessem instituir seus valores civilizacionais naquela população, a fim de resgatá-la de sua “selvageria”. Acredito que tais discursos tenham alimentado de maneira significativa a noção de inferioridade desses povos no continente europeu.

De maneira oposta, ao discorrer sobre o Antigo Egito e sua cultura material, essa sociedade é classificada como uma civilização majestosa por Belzoni, que não economiza nas comparações com a cultura europeia. A apropriação do passado egípcio pelo Império Britânico teria, então, igualmente uma missão para com o Egito, só que, dessa vez, de maneira diferente: pela proximidade civilizacional, essa sociedade cria uma relação imediata com o passado egípcio, instituindo-se como herdeira de seus resquícios materiais. Esse pensamento levou muitos europeus a se sentirem mais donos deste passado que os próprios egípcios, e tal fator ofereceu respaldo para a espoliação e a dominação. As antiguidades de valor são selecionadas e levadas para o continente europeu sob o argumento da preservação. Nessa análise, ficou claro que escavar e preservar antiguidades não são atividades livres de intencionalidades, pelo contrário, trata-se de um projeto político e ideológico

que, resultou estritamente na produção de identidades e valores nacionalistas.

À medida que dois “Egitos” – um moderno, considerado não-civilizado, e um antigo, respeitado por sua monumentalidade - são construídos nas narrativas dos viajantes, paralelamente, percebi a criação de uma identidade europeia, e principalmente britânica, a partir de um discurso de alteridade. A meu ver, o diário contribui, então, para a disseminação da imagem buscada pela nação que estava se formando: um Estado civilizado e evoluído, diferente da forma primitiva como era conduzida a vida no Egito. À vista disso, a constituição de discursos políticos pode perpassar por diferentes leituras e interpretações do passado.

Discuti, também, como essas questões se manifestam para além do âmbito textual, como no caso da visualidade. As exposições em museus, a representação teatralizada do Egito e as pinturas também podem ser consideradas como discursos ideológicos sobre essa sociedade. A partir disso, entendi que as simbologias ganham sentido a partir de seus contextos, não sendo neutras ou atemporais. Essa questão me instiga a analisar futuramente, no doutorado, as exposições dos Belzoni na Europa como produções discursivas que, assim como o diário, manifestam características de um pensamento imperialista.

Ainda, tive a oportunidade de observar que as mulheres não estiveram inativas no contexto de expansão imperial. Sejam como escritoras, viajantes e, até mesmo, como agentes colonialistas, muitas participaram desse processo, oferecendo seus pontos de vista e relatos sobre os locais onde estiveram. Analisar a escrita de Sarah Belzoni e tomar conhecimento de sua presença nas escavações e, posteriormente, na direção das exposições na Europa, é uma maneira de ampliar as análises sobre meu objeto de estudo. É abrir espaço para que as mulheres sejam incluídas nas pesquisas enquanto sujeitos históricos capazes de produções discursivas e também como objetos de estudo no contexto de formação das nações. Para além, a experiência diferenciada da viajante faz com que novos temas, tradicionalmente rejeitados pelos homens, por serem considerados “assuntos femininos”, sejam abordados na análise sob um ponto de vista que não somente o masculino. Por exemplo, as mulheres egípcias e seus costumes - ainda que a experiência individual de Sarah Belzoni produza um discurso que legitima a dominação no Egito e o senso de preponderância europeia sobre o universo egípcio feminino.

A partir de todas essas questões, foi evidenciado o lugar ambíguo que o

casal ocupa no antiquarismo da época. Em um momento em que apenas homens de classe alta adquiriam prestígio nesse meio, Giovanni Belzoni se torna famoso por suas descobertas, embora sua origem humilde e terra natal limitem sua ascensão à Sociedade de Antiquaristas da Inglaterra. Sarah Belzoni, de maneira semelhante, apesar de não receber qualquer mérito por sua participação nas escavações e pela direção das exposições - mesmo após a morte de seu marido - executou atividades que não eram consideradas femininas, atuando em meios ditos masculinos, negociando e se relacionando com pessoas de classes e culturas diversas.

Para além do contexto social do casal, a ambiguidade se estende também para o meio profissional. Enfatizei, no último capítulo, a produção de mapas topográficos, moldes de artefatos e interpretações discursivas sobre a sociedade egípcia antiga por eles feita, com a finalidade de salientar os limites tênues entre antiquarismo e a nascente Egíptologia. Apesar de possuírem métodos brutos na escavação, causando a destruição de muitas antiguidades, os Belzoni exerceram influência relevante para o desenvolvimento da Egíptologia científica, oferecendo material para pesquisas posteriores.

Mesmo não sendo cientistas, tornou-se evidente que sujeitos comuns, como Sarah e Giovanni, poderiam se envolver nas questões imperiais, propagando ideais de conquista e buscando reconstruir um passado do qual pensavam serem herdeiros. Nesse ponto, compreende-se que o próprio surgimento da Egíptologia pode ser encarado como fruto dos “usos do passado” empreendidos no século XIX, com a finalidade de responder a demandas civilizacionais do presente. Como lembra Said (2011), a criação de disciplinas acadêmicas para estudar o Oriente é também uma forma de dominação, em que uma cultura tenta se apoderar da outra fornecendo bases para um conhecimento institucionalmente sustentado sobre ela. É uma tentativa de domesticar a cultura do outro e, a partir disso, fornecer respaldo científico à expansão imperial.

Por fim, ressalto que o principal intuito desta pesquisa foi o de trazer novas alternativas para a compreensão das relações entre modernidade e antiguidade, para além da perspectiva eurocêntrica e imperialista de apropriação da cultura material. Estudar os discursos formados por Sarah e Giovanni é uma tentativa de criar interpretações mais críticas sobre as interações entre passado e presente feitas em épocas mais recentes, colocando em questão os usos e interesses políticos em reconstruir um passado antigo – seja por texto ou representação visual. Nesse

ponto, faz-se necessário salientar que não apenas indivíduos diretamente ligados ao Estado estariam sujeitos a discursos de cunho imperial, mas também homens e mulheres comuns, como os Belzoni. Dessa maneira, as aspirações dos impérios são absorvidas pelas populações, transformando-se em sentimentos coletivos, possibilitando a aquisição de cada vez mais adeptos.

Estudar e problematizar tais questões permite desconstruir preconceitos enraizados nos discursos orientalistas dos europeus oitocentistas, muitos dos quais permanecem definindo o Oriente ainda no século XXI. Todavia, rever essas representações do passado e seus usos no presente se mostra de suma importância para debates atuais sobre racismo e etnicidade. Em um momento de tensões políticas, vivenciado em nível mundial, em que se intensificam os discursos de ódio, os extremismos, o fechamento de fronteiras, as promessas de guerra e a ascensão desmedida de direitas aos poderes políticos, parece-me essencial que tais temas sejam abordados de maneira crítica.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Decir la actualidad. In: FOUCAULT, Michel. **El coraje de la verdad**: el gobierno de sí y de los otros II. Curso en el Collège de France (1983-1984). 1 ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. **Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo**. Cad. 2014, vol. 27, n. 72, pp. 613-627. ISSN 0103-4979.

BAKOS, Margaret (Org.). **Egiptomania**: O Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

BALLESTRIN, Luciana. **América latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, v. 11, p. 89-117, 2013.

BEGHETTO, Lorena. *Aventura e Alteridade*: o domínio de outros territórios na literatura de Emílio Salgari (1862-1911). 330 f. **Tese (Doutorado em História)** – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

BERNAL, Martin. **Black Athena**: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. Volume 1. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

BERNAL, M. A imagem da Grécia Antiga como ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. In: FUNARI, P. P. A. (Org.). **Repensando o mundo antigo**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005. p. 13-33. Textos didáticos, nº 49.

BOHLS, E.; DUNCAN, I. (Ed.). **Travel Writing 1700-1830**: an Anthology. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BREPOHL DE MAGALHAES, M. D. Imaginação literária e imperialismo: o imaginoso Karl Peters. In: **XXII Simpósio Nacional de História**, 2003, João Pessoa. Anais eletrônicos do XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: gjajp.com.br, 2003. v. 1. p. 1-9.

BREPOHL DE MAGALHAES, M. D. Les sentiments racistes avant la mise en place de la politique raciale. In: Pierre Ansart; Claudine Haroche. (Org.). **Les sentiments et le politique**. 1ed.Paris: L ' Harmatan, 2007, v. 1, p. 323-334.

BREPOHL de MAGALHÃES, M. **Imaginação literária e política**: os alemães e o imperialismo 1880/1945. Uberlândia: EDUFU, 2010.

CARVALHO, José Jorge. O olhar etnográfico e a voz subalterna. In: **Horizontes Antropológicos 7**. Porto Alegre: IFCH-UFRGS, 2001.

Clenton, gordon STETS, Jan & TURNER, Jonathan H . (orgs.) Handbook of the Sociology of Emotions. Springer, 2006.

Springer, 2006.

DAVID, R. **Handbook to life in Ancient Egypt**. New York: Oxford University Press, 1999, p. 8.

DIAZ-ANDREU, M. Nacionalismo e Arqueologia: O contexto político da nossa disciplina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 11, p. 3-20, 2001.

DIAZ-ANDREU, M.; SORESEN, M. L. S (Ed.). Excavating Women: towards an engendered history of archaeology. In: DIAZ-ANDREU, M.; SORESEN, M. L. S. **Excavating Women: a History of women in European archaeology**. London & New York: Routledge, 1998. p. 1 – 28.

DUARTE, A. **Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DUNCAN, J.; GREGORY, D. (Ed.). **Writes of Passage: Reading Travel Writing**. London & New York: Routledge, 1999.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Volume 1: uma História dos costumes. Tradução: Ruy Jungman; revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada no dia 2 de dezembro de 1970**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FUNARI, P. P. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.

FUNARI, P. P. A. Apresentação (com texto inédito de Luciano Cânfora). In:_____. (Org.). **Repensando o mundo antigo**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2005, p. 5- 11. Textos didáticos, nº 49.

FUNARI, P. P. A. Guerra do Peloponeso. In: MAGNOLI, D. **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 19-45.

FUNARI, P. P. A., Mourad, T. O. Curadores do Império: Patrimônio como pilhagem colonialista. **Revista Heródoto**. Unifesp. Guarulhos, v. 01, n. 01. Março, 2016. p. 19-36.

GARRAFFONI, R. S.; STOIANI, R. Escavar o passado, (re)descobrir o presente: os usos simbólicos da Antiguidade clássica por Napoleão Bonaparte. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, v. 6, p. 69-82, 2006.

GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A.; PINTO, R. O estudo da antiguidade no Brasil: as contribuições das discussões teóricas recentes. In: HINGLEY, R. **O imperialismo romano: novas perspectivas a partir da Bretanha**. 1. ed. São Paulo:

Annablume, 2010. v. 1. p. 9-25.

GARRAFFONI, R. S.; SANFELICE, P.P. _Arqueologia e poder: o caso de Pompeia. In: I Semana de Arqueologia - Arqueologia e Poder, 2013, Campinas. **Anais da I Semana de Arqueologia**. Campinas: Unicamp, 2013. v. 0. p. 1.

GREGORY, D. Scripting Egypt: Orientalism and the cultures of travel. In: DUNCAN, J.; GREGORY, D. (Ed.). **Writes of Passage**: Reading Travel Writing. London & New York: Routledge, 1999.

HOOCK, Holger. The British State and the Anglo-French Wars over Antiquities, 1798-1858. **The Historical Journal**, Cambridge, v. 50, n, 1 p. 49-72 (Mar., 2007).

HUME, Ivor N. **Belzoni**: the giant archaeologists love to hate. Virginia: University of Virginia Press, 2011.

HINGLEY, R. **O imperialismo romano**: novas perspectivas a partir da Bretanha. Tradução: Luciano César Garcia Pinto. Org. Renata Senna Garraffoni, Pedro Paulo A. Funari e Renato Pinto. São Paulo: Annablume, 2010.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. Tradução: Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo, Contexto, 2001.

JUNQUEIRA, N. M. Uma viagem ao antigo Egito: a relação entre presente e passado na narrativa de bordo de Gustave Flaubert, **História: Questões e Debates**, Curitiba, v. 48/49, 2008, p. 01-20.

JUNQUEIRA, N. M. O Desenvolvimento da Egiptologia a partir da Campanha Militar de Napoleão no Egito. In: FUNARI, P. P. A.; CARVALHO, M. M.; CARLAN, C. U.; SILVA, É. C. M. (Org.). **História militar do mundo antigo**: guerras e culturas. São Paulo: Annablume, 2012, v. 3, p. 218- 237.

KEMBER, J.; PLUNKETT, J.; SULLIVAN, J. A. (Ed.). **Popular Exhibitions, Science and Showmanship, 1840-1910**. London: Pickering and Chatto, 2012.

LEASK, Nigel. **Curiosity and the Aesthetics of Travel Writing 1770-1840**: 'From an Antique Land.' Oxford: Oxford UP, 2002.

LOWENTHAL, David. How we know the past. In: **The past is a foreign country**. Tradução: Lúcia Haddad. 7ª reimpr. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MAYES. S. **The Great Belzoni**: The circus strongman who discovered Egypt's treasures. London: Tauris Park Paperbacks, 2010, p. 23 e 107-109.

MORALES. M. H. L. B. De Passados Possíveis: Reflexões Sobre Discurso(s) e Patrimônio(s). **Cadernos do LEPAARQ**: Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, Pelotas, v. 9, nº17/18, p. 8-25, 2012.

OLIVIER, L. As origens da arqueologia francesa. In: **Repensando o Mundo Antigo**. Tradução: Glaydson José da Silva. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2003. Textos

didáticos n. 49.

PECK, W. Sarah Belzoni (1783-1870). In: GETZEL, M.; SHARP, M (Ed.). **Breaking Groud: Pioneering women archaeologists**. Michigan: University of Michigan Press, 2004, p. 43- 48.

PRATT, M. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. Londres/Nova Iorque: Routledge, 1992.

RAGO, M. Apresentação. In: JENKINS, K. **A História repensada**. Tradução: Mario Vilela. Revisão Técnica de Margareth Rago. São Paulo: Contexto, 2001.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J.; GROSSI, M. (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Das Mulheres, 1998.

SANFELICE, P. P. Amor e sexualidade em ruínas: as pinturas da deusa Vênus nas paredes de Colonia Cornelia Veneria Pompeianorum. 2012. 129 f. **Dissertação (Mestrado em História)** - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SANTOS, M. E. **Das necrópoles egípcias para a Quinta da Boa Vista: Um estudo das partes de múmias do Museu Nacional**. Revista do Mundo Antigo – Ano I – Volume I – Junho, 2012.

SAID, E. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHNAPP, A. **Between Antiquarians and Archaeologists** - Continuities and Ruptures. *Antiquity* 76, nº 291. Oxford University Press, Oxford, 2002, p. 134-140.

SCOTT, J. História das mulheres. In: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

SILIOTTI, A. **Primeiros descobridores: a descoberta do antigo Egito**. Barcelona: Folio, 2007.

SILBERMAN, N. **Promised lands and chosen peoples: the politics and the poetics of archaeological narrative**. In: KOHL, F.; FAWCETT, C. (Ed.). *Nationalism, politics and the practice of archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

SILVA, G. J. da. **História Antiga e usos do passado**. Um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2007. v. 2.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

SMITH, B. G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. Bauru: EDUSC, 2003.

THOMAS, S. Displaying Egypt: Archaeology, Spectacle, and the Museum in the Early Nineteenth Century. **Journal of Literature and Science**, v. 5., n. 1., p. 6-22, 2012. ISSN: 1754-646X.

VERCOUTTER, J. **Em busca do Egito esquecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 54.

VON KEMNITZ, Eva-Maria. **O Orientalismo na perspectiva de Edward Said**. Intervenção no Colóquio sobre a Vida, Pensamento e Obra de Edward Saïd, Lisboa, 2009. Organizado pelo MPPM no âmbito da Segunda Semana da Palestina e realizado no ISCTE, 26 de nov. 2009.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. Tradução: Caio Ludvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

YOUNG, R. **Desejo Colonial**: hibridismo em teoria, cultura e raça. Tradução: Sergio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FONTE:

BELZONI, Giovanni. **Narrative of the operations and recent discoveries within the pyramids, temples, tombs and excavations in Egypt and Nubia**. London: John Murray, 1820. Printed by Thomas Davison.